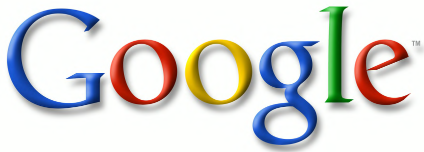



NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07600396 5

BREVES

APONTAMENTOS

PARA

O ESTUDO

DAS

QUESTÕES RELATIVAS AO ENSINO NORMAL PRIMARIO

E Á

EDUCAÇÃO POPULAR,

Colligidos de varias publicações em lingua allemã

PELO

Dr. Joaquim Teixeira de Macedo

Rio de Janeiro

Typ. de João M. A. A. d'Aguiar, rua d'Ajuda n. 106

1877

BREVES

APONTAMENTOS

PARA

O ESTUDO

DAS

QUESTÕES RELATIVAS AO ENSINO NORMAL PRIMARIO

E A'

EDUCAÇÃO POPULAR,

Colligidos de varias publicações em lingua allemã

PELO

Dr. Joaquim Teixeira de Macedo



Rio de Janeiro

Typ. de João M. A. A. d'Aguiar, rua d'Ajuda n. 106

1876

BREVES

APONTAMENTOS

PARA

O ESTUDO

DAS

QUESTÕES RELATIVAS AO ENSINO NORMAL PRIMARIO

E A'

EDUCAÇÃO POPULAR,

Colligidos de varias publicações em lingua allemã

PELO

Dr. Joaquim Teixeira de Macedo



Rio de Janeiro

Typ. de João M. A. A. d'Aguiar, rua d'Ajuda n. 106

1876

Seria ocioso em nossos dias encarecer a superioridade de uma Didactica popular que, de puramente *germanica*, que era outr'ora, vai-se tornando insensivelmente *cosmopolitica*, e passa por ser a mais propria para regenerar os povos decahidos. Na America, ha muito tempo que ella emigrou para os Estados-Unidos levada por milhões de individuos daquella raça, hoje confundidos com os da raça Anglo-Saxonia. Dahi provem os numerosos pontos de analogia, que tem o systema de instrucção publica nort'americano com o que se pratica em toda a Allemanha.

Limito-me, pois, a submetter ao juizo dos meus illustrados compatriotas estes *Apontamentos*, em seguida ao trabalho que no anno proximo findo tive a honra de offerecer-lhes sob o titulo de « O Ensino Normal Primario na Prussia, e os respectivos regulamentos de 1854. »

São compilações e traducções de varios escriptos, regulamentos, e outras publicações em allemão, que me tem chegado ás mãos sobre o ensino do gráu primario.

A doutrina pedagogica, que ora vulgariso, do Dr. Carlos Volkmar Stoy, offerece objecto para um estudo pelo menos tão interessante como o dos regulamentos Prussianos e a sua historia.

Posto que o paiz em que ella é professada (a Austria) seja differente, até pela religião dominante, a perfeita identidade dos principios cardeaes e habitos ado-

ptados em um e no outro para a educação nacional, facilita muito esse estudo comparativo.

Na Prussia o ensino normal primario está sujeito a *prescripções officiaes* restrictivas, quanto ao numero e á extensão das materias ensinadas.

Na Austria, ainda reinava em 1867 a *escola livre* de taes prescripções.

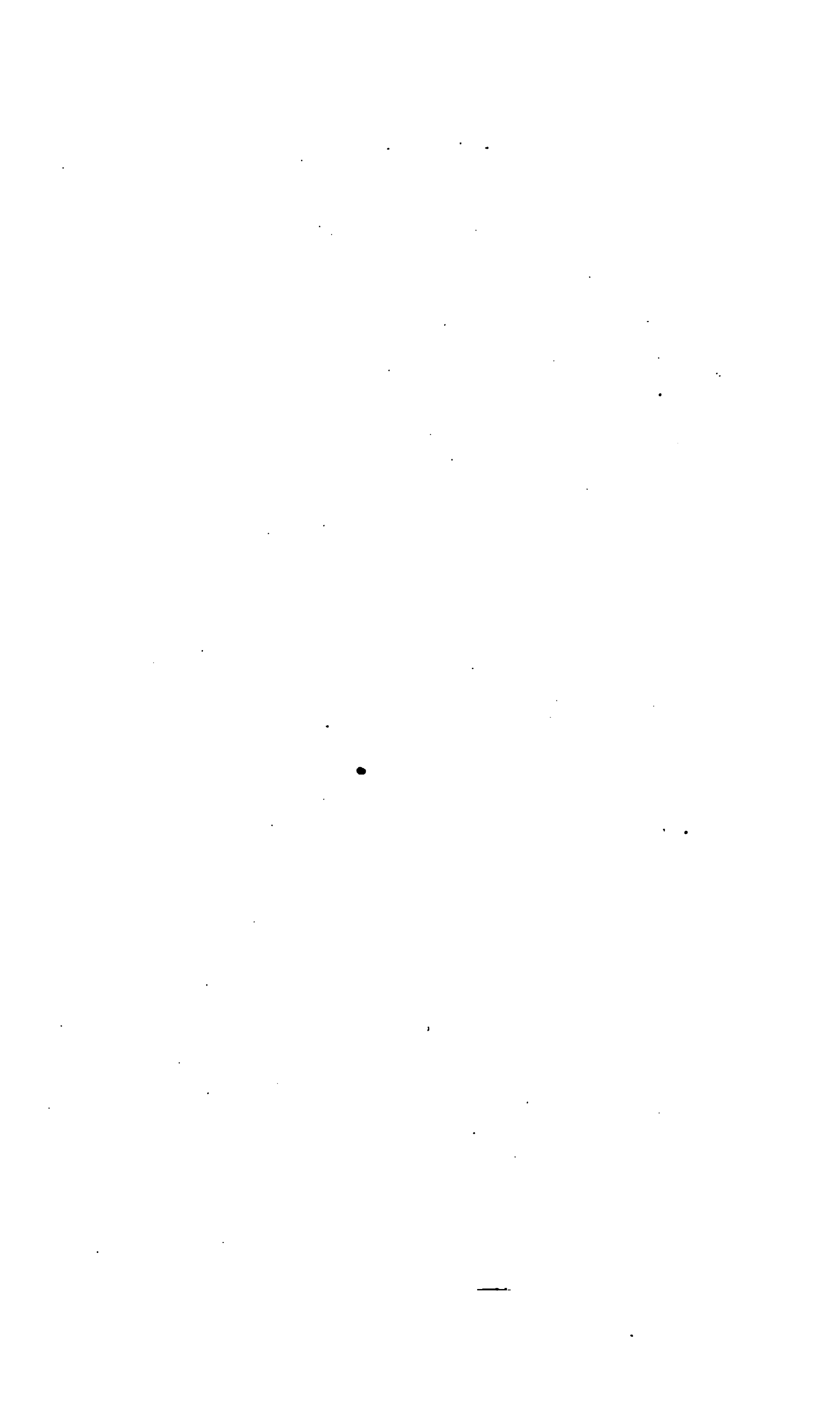
Entretanto, nos posteriores regulamentos prussianos de 1872 veremos como alli se tem alargado a esphera daquelle ensino.

Bem que seja incompletissima a collecção que apresento, nutro a esperança de que os poucos documentos aqui incluidos não deixarãõ de ser de alguma utilidade para os que se empenhão em examinar questões, realmente *vitaes* para o progresso do Brazil.

Rio de Janeiro, em Agosto de 1876.

J. T. Macedo.

INDICE



DOUTRINA PEDAGOGICA

Professada pelo Dr. Stoy

NA ESCOLA NORMAL DE BIELITZ,

E TRADUZIDA DO ORIGINAL ALLEMÃO

PREFACIO DO TRADUCTOR

A Escola Normal de Bielitz, pequena cidade da Silesia Austriaca, não tem nomeada extraordinaria: não se distingue nem pelo nome de seus professores, nem pela riqueza de seu material, nem pelo numero de seus alumnos. Deve a sua limitada reputação ao facto de ter sido organisada desde o principio pelo Dr. Carlos Volkmar Stoy, um dos profissionaes mais distinctos da Allemanha, escolhido para as funcções de Director da mesma escola, pelo conhecimento que todos tinhão da sua longa e consumada experiencia pratica e da excellencia de suas theorias pedagogicas.

Encanecido no serviço quasi exclusivo das escolas normaes, tendo sido por espaço de vinte annos director do *Seminario Pedagogico* annexo á Universidade de Iena, autor de muitas obras de grande merecimento sobre esta especialidade, e verdadeiro *creador*, pode-se dizer que Volkmar Stoy em Bielitz do nada tirou tudo, a julgar-se pelos parcos recursos materiaes e moraes de que dispunha a localidade.

Em 1869 publicou-se a sua brochura intitulada: « Organisação da escola normal para professores.— « Contingente para a *methodologia da pedagogica,* « acompanhado de uma introducção historica e um « relatorio sobre o primeiro anno de existencia da Es- « cola Normal de Bielitz. »

Desta publicação dei uma curta noticia no *Ens. Norm. Prim. na Prussia* (1ª Parte Cap. V), onde tambem transcrevi o discurso que o Dr. Stoy proferio no dia da solemne inauguração daquella escola em 9 de Dezembro de 1867.

Esse discurso, em que a traços largos se descreve a natureza da missão do professor publico, é importante. Os principios que ahi se expõem servem de base ás ideias professadas pelo autor da referida publicação, da qual eliminei a parte historica, pouco interessante para nós, e traduzi para a lingua vernacula a parte pedagogica, com o *relatorio* de que trata.

Tal é o trabalho que adiante tenho a honra de offerecer á apreciação do nosso illustrado publico.

Tendo indagado de pessoa muito autorisada, residente em Berlim, se Volkmar Stoy, depois da citada brochura, tinha escripto alguma cousa sobre o 2º e o 3º annos lectivos da escola de Bielitz, affirmou-me ultimamente o meu correspondente que sobre este objecto nada mais tinha sido publicado.

Dando pois por completo o objecto, limitar-me-hei a resumir neste prefacio alguns dados, que encontro no mesmo livro, sobre a parte material do notavel instituto pertencente á pequena cidade Austriaca. Não só facilitão a comprehensão da doutrina pedagogica alli exposta, como caracterisão bem os senti-

mentos e costumes daquelles povos, sempre tão empenhados no seu progresso intellectual.

A Austria, quasi toda catholica, não é inferior á Prussia e Allemanha em instituições escolares de toda a especie, na parte dos seus vastos dominios habitada pela raça germanica. A cidade de Bielitz, cuja população de 10,000 habitantes abraçou o protestantismo desde o XVI seculo, acha-se encravada no meio de populações catholicas. Quiz possuir no seu districto uma escola normal, onde os professores primarios fossem educados no seu dogma religioso, a par das materias scientificas que em toda a Allemanha se ensinão sem espirito nenhum de propaganda de qualquer seita, e só *pelo puro amor á sciencia*—como lá se diz—já tinha escolas *urbanas*, e uma escola *real (Realschule)*. A sua Municipalidade requereu ao governo geral, e obteve, depois de vencidas algumas difficuldades, a permissão de crear a desejada escola normal.

« A communa de Bielitz—diz Volkmar Stoy na sua brochura, pag. 7—pensou no complemento do seu systema escolar mais cedo do que no melhoramento das suas calçadas. »

A municipalidade porém era pobre; e de mais, já contava que a grande maioria dos alumnos que havião de frequentar o projectado instituto pertencerião a familias pobrissimas.

Mas foi bastante fazer um simples appello á generosidade dos habitantes da mesma cidade, e de outros lugares circumvisinhos, para que em breve se reunisse a somma em que estava orçada a despeza com o edificio destinado á escola, contribuindo tambem a celebre Sociedade de beneficencia « de Gustavo Adolfo » fundada em Leipzig. Outros entrarão com diversos

Em 1869 publicou-se a sua brochura intitulada: « Organisação da escola normal para professores.— « Contingente para a *methodologia da pedagogica,* « acompanhado de uma introducção historica e um « relatorio sobre o primeiro anno de existencia da Es- « cola Normal de Bielitz. »

Desta publicação dei uma curta noticia no *Ens. Norm. Prim. na Prussia* (1ª Parte Cap. V), onde tambem transcrevi o discurso que o Dr. Stoy proferio no dia da solemne inauguração daquella escola em 9 de Dezembro de 1867.

Esse discurso, em que a traços largos se descreve a natureza da missão do professor publico, é importante. Os principios que ahi se expõem servem de base ás ideias professadas pelo autor da referida publicação, da qual eliminei a parte historica, pouco interessante para nós, e traduzi para a lingua vernacula a parte pedagogica, com o *relatorio* de que trata.

Tal é o trabalho que adiante tenho a honra de offerecer á apreciação do nosso illustrado publico.

Tendo indagado de pessoa muito autorisada, residente em Berlim, se Volkmar Stoy, depois da citada brochura, tinha escripto alguma cousa sobre o 2º e o 3º annos lectivos da escola de Bielitz, affirmou-me ultimamente o meu correspondente que sobre este objecto nada mais tinha sido publicado.

Dando pois por completo o objecto, limitar-me-hei a resumir neste prefacio alguns dados, que encontro no mesmo livro, sobre a parte material do notavel instituto pertencente á pequena cidade Austriaca. Não só facilitão a comprehensão da doutrina pedagogica alli exposta, como caracterisão bem os senti-

[illegible]

ficio destinado [illegible]

bre Sociedade de [illegible]

ndada [illegible]

lebre organisador Prussiano Beckedorff: « Em ge-
« ral, mil vezes mais vale um bom director do
« que um bom regulamento; por melhor que este seja,
« nada se fará, se áquelles que fôrem incumbidos de
« observal-o e mantêl-o faltar o espirito e a boa von-
« tade para semelhante mister. Neste como em todos
« os casos, verifica-se o ditado : *a letra morta mata, só*
« *o espirito vivifica* ».—(Dos seus *Annaes da instrucção popular—1825—, pag. 97).*

Isto, pelo que diz respeito ao Dr. Stoy, como administrador escolar.

Como escriptor, póde elle ser contado entre os melhores autores das obras que « contem exposições *populares* » sobre diversos assumptos scientificos e pedagogicos, — obras que o governo prussiano, no seu novissimo regulamento de 15 de Outubro de 1872 (§ 12) para as escolas normaes primarias, recommenda como devendo fazer parte essencial das bibliothecas dessas escolas.

Quem se dirige principalmente ás classes menos illustradas, procura tornar-se entendido de todos; e, evitando a emphase pedantesca, ensina muito, sem parecer que quer fazêl-o. Mas.... *l'art est difficile.*



Das obrigações que em geral incumbem a uma escola normal.

I

PRINCIPIOS A SEGUIR

1.° O grâu de instrucção escolar que se adquire na classe 4ª ou superior de um estabelecimento de 1ª categoria (*Haupt-Schule*), ou Escola Burgueza, e que até agora passava por sufficiente para entrar-se no Curso Pedagogico, não basta para o alumno que queira ser admittido na Escola Normal. Nesta exigem-se conhecimentos que só se podem obter na 1ª classe superior de uma escola realista inferior (*Unterrealschule*), ou de um Sub-Gymnazio *(Unter-gymnasium)*. Nesse presupposto, a idade de dezeseis annos é a mais conveniente para a admissão (*).

(*) Em artigos publicados no «Globo» de 28 de Maio, 9 e 12 de Junho de 1876, sobre as *Realschulen* (escolas reaes ou realistas), expuz a differença que existe entre estas e os *Gymnazios*. Aqui trata-se desses estabelecimentos de 2ª *ordem*, em opposição aos de 1ª *ordem*, onde os estudos são mais completos. Em summa o que o Dr. Stoy exige de preparatorios para a sua escola normal equivale, pouco mais ou menos, aos conhecimentos adquiridos actualmente no nosso collegio de Pedro II até ao 7º anno, com mais complementos em umas materias, e com menos em outras.

(N. do trad.)

2.º Mas, mesmo assim graduada, essa instrucção é insufficiente para o futuro professor de uma escola publica. Portanto, além do proprio ensino pedagogico, cabe á escola normal, como segundo dever, a tarefa de completar a educação escolastica *(Schulbildung)* dos respectivos alumnos.

3.º Os futuros professores populares tem de receber uma larga instrucção a respeito não só da praxe como da theoria pedagogica, e respectivas disciplinas. Nesta conformidade, deve-se fixar um prazo de quatro ou pelo menos tres annos para o curso normal, ficando o ultimo anno quasi exclusivamente destinado para a educação pedagogica.

4.º O exercicio do magisterio, profissão cheia de responsabilidades, exige no professor a reunião de tantos requisitos importantes relativamente ao seu *caracter,* que a escola normal deve tomar todas as medidas organicas que melhor possão favorecer a bôa e progressiva formação da indole dos respectivos alumnos.

II

APPLICAÇÃO

Os requisitos que precedem baseão-se em uma condigna apreciação do cargo de professor popular, e incontestavelmente encontrão a sua justificação na Pedagogica Scientifica. Medidos pela bitola das mesquinhas exigencias da actualidade, são grandiosos e collocão a escola normal para os professores do povo em uma posição superior áquella que lhe dá a mor parte das legislações allemães sobre instrucção publica. Mas a desconformidade em que elles se achão com as circumstancias actuaes da Austria é enorme. Por este ultimo motivo, tem-se manifestado varios receios.

Podia-se esperar que moços, tendo já ha tres annos sahido de uma escola de 1ª categoria, e agora com mais tres de curso na escola de ensino realista inferior, ou em um Subgymnasio, renunciassem á perspectiva de rendosos lugares nas carreiras technicas, ou á continuação de seus estudos em estabelecimentos de ensino superior, para se dedicarem ao magistério evangelico tão pobremente renumerado?

Louvado Deus! O encanto moral inherente á vocação de professor, o qual no decurso dos seculos já exercêra a sua força de attracção sobre tantas almas sensiveis, tinha de manifestar-se tambem no nosso novo estabelecimento. Pouco tempo depois de ter-se espalhado a

grata noticia da approvação official dos estatutos do nosso *Seminario*, apparecêrão inesperadamente tantos pretendentes, que no dia 9 de Dezembro (de 1867) vinte e um moços estavão ás portas do estabelecimento solicitando com empenho a sua admissão.

«Mas—terião perguntado alguns timoratos—, poderão esses aspirantes satisfazer a tantas exigencias até agora desconhecidas?»

Neste ponto, cumpria levar em conta a novidade das circumstancias, especialmente a diversidade de idiomas entre os que professão a religião evangelica na Austria. Julgavamo-nos obrigados a afrouxar em algumas disciplinas o rigor das exigencias, e tinhamos o direito de fazêl-o, com tanto que a differença não fosse muito grande, e tivessemos a consciencia de poder durante o anno lectivo supprir as faltas, á força de trabalho bem entendido e executado de bôa vontade.

Não nos enganámos.

A conclusão do 1º anno correspondeu á nossa expectativa, resultando que só alguns alumnos, em numero mui restricto, não conseguirão habilitar-se para passarem á classe immediatamente superior, em razão de difficuldades a vencer no conhecimento da lingua allemã.

Finalmente, pareceu aos incredulos mui pouco provavel que o estabelecimento podesse viver nas condições de uma corporação. Entretanto, era muito natural desejar, no interesse bem entendido e para o progresso da nossa instrucção publica, que se realisassem quanto antes os beneficios do novo instituto; além disso, tal successo seria uma justa compensação dos soffrimentos e cuidados por que tivemos de passar no anno passado. Mas, nunca tendo existido estabelecimento organisado segundo um plano de ensino semelhante ao nosso, como teria sido possivel alcançar o gráu de instrucção correspondente ás duas classes superiores da escola normal?

Aqui, não nos esqueçamos das differenças acima estabelecidas entre os dous elementos de que se

compõe a missão desta escola, isto é, entre a *instrucção escolastica* e a *educação pedagogica*. A segunda parte, a pedagogica, debaixo de quaesquer condições ainda as mais favoraveis, não éra de esperar que apparecesse como resultado de um ensino normal Austriaco. Porém, quanto ao outro elemento, o intellectual, não teria sido de certo impossivel ir buscal-o em outras fontes e desenvolvêl-o até ao ponto exigido no plano de ensino da nossa escola normal.

E assim aconteceu. Varios alumnos educados na excellente e bem montada escola realista de Bielitz, depois de terem sahido dalli dados por promptos, tinhão aperfeiçoado os seus estudos em outro lugar, e tres d'entre elles estavão com o segundo curso concluido na escola normal de Oberschützen. Deste material pôde-se formar uma segunda, e mesmo uma primeira classe superior. A esta ultima aggregou-se o alumno de uma escola Viennense de preparatorios; um quinto alumno, já approvado em exame de sufficiencia *(Reife)* na mesma escola, foi juntado áquelle; e no decurso do anno *escolastico* (o 1º), entrou com o seu valioso contingente um professor, antigo catholico, que tinha abraçado a religião evangelica.

Assim, pelo que toca á parte intellectual, estavão satisfeitas as primeiras exigencias do plano de ensino Por esse lado, principiou o Seminario *todo* a marchar.

Quanto á parte pedagogica, da qual uma bôa fracção, segundo o plano, já está affecta á segunda classe, na realidade não se podia preenchêl-a sufficientemente com os alumnos transferidos para a 1ª classe superior. Em todo o caso, faltava-lhe a verdadeira base fundamental de uma *esphera pedagogica vital e pensante*. Apezar disso, não éra impossivel conseguir-se o fim proposto no todo com esses moços mais preparados. A difficuldade éra grande.

Comtudo, logo que claramente a reconheci, não a perdi mais de vista; fui procurando vencer a difficuldade, ora introduzindo algumas modificações no plano de ensino, ora fazendo-lhe enxertos, e ora analysando

certos casos concretos. A maneira por que procedi será especificada na segunda parte deste folheto, onde se trata mais circunstanciadamente da educação dos professores.

Approximar-nos-hemos desta parte especial da nossa exposição, voltando a attenção, antes de tudo, para o primeiro dever do Seminario, isto é, a continuação do ensino escolastico, e depois para o segundo, a educação do professor, e finalmente, para a formação do caracter.

Das obrigações especiaes que incumbem á escola normal

A.—Do ensino escolastico

I

PRINCIPIOS A SEGUIR.

A's difficeis questões sobre a materia e a fórma da instrucção nas escolas normaes para professores respondemos, sem hesitar, com as tres seguintes proposições:

1.ª Não se trata de proporcionar aos alumnos uma multidão de conhecimentos variegados e indefinidos, como se fosse uma escolha do que ha mais digno de saber-se. Ao contrario, antes de tudo devem-se ensinar os dous ramos principaes de toda e qualquer instrucção destinada a formar e ennobrecer o espirito do homem, isto é, de um lado a *Historia, Religião* e *Litteratura,* e de outro lado a *Sciencia Natural* e *Mathematicas,* cumprindo alargar e aprofundar estas materias de modo que o normalista, ao sahir do seminario, *fique habilitado e seja impellido a proseguir nesses estudos.*

2.ª O plano do ensino na escola normal não é uma simples continuação do que se ensina na escola rea-

lista inferior, ou no subgymnasio, estabelecimentos preparadores da entrada para o instituto normal: Aqui, a religião assume o caracter de uma das materias de ensino em que o futuro professor deve mostrar *competencia* e possuir um saber especial mais desenvolvido; a musica apparece com o seu ensino theorico, junto com a obrigação de aprender a tocar rabeca, piano e orgão, usando-se de methodo e modulações mais elevadas; e abre-se margem propria para a applicação dos conhecimentos de historia natural por meio da jardinagem, horticultura, cultivo vinhateiro e criação de abelhas.

3.ª. O preceito, dictado por uma pedagogia normal estragada, de que as materias de ensino devem ser quanto possivel leccionadas por fórma e methodo semelhante a que mais tarde tiverem os normalistas de usar na escola do povo, não tem cabimento no plano da escola de Bielitz, nem de qualquer outra verdadeiramente normal (*). A fórma e methodo de ensino devem se regular unicamente pela natureza do objecto ensinado, e pela posição intellectual das respectivas classes.

(*) Aqui faz-se allusão á doutrina contraria estabelecida nos Regulamentos Prussianos de 1, 2 e 3 de Outubro de 1854.

(Nota do traductor.)

II

APPLICAÇÃO.

Era obvio que nas circumstancias vertentes a execução do 1° ponto encontraria graves difficuldades; e a pretendida realisação das exigencias contidas no 2° ponto contribuia para augmentar consideravelmente essas difficuldades.

E' geral o perigo, que na presente época está correndo a *Escola,* de degenerar em um fóco de saber encyclopedico e de muito *atarefamento*, e tornar-se prejudicial à saude physica e moral dos alumnos, pelo excessivo trabalho intellectual com que são sobrecarregados. Este duplo perigo ameaçava tambem o nosso estabelecimento. Não era possivel destinar mais de duas horas por semana para cada uma das duas materias principaes, Historia e Sciencias naturaes; era mesmo preciso eliminar totalmente d'entre estas ultimas a Physica e Chimica ou a Descripção da natureza. Por motivos ponderosos que adiante expenderei, escolhi esta ultima, para guardal-a. Igualmente, não se podia contemplar as mathematicas tanto como o mereciam. Existindo a necessidade de tornar o professor do povo competente em materia de religião, como ácima ficou reconhecido, e em presença do facto de não se attender muito na escola realista inferior aos estudos dessa natureza, foi mister consagrar-

lhes mais largo espaço de tempo, isto é, 4 a 5 horas semanaes.

Além disso, em quanto não fôr possivel exigir mais do que até agora dos alumnos entrantes, pelo que diz respeito á musica, será preciso destinar mais tempo, pelo menos seis horas de lição, para a instrucção musical. Os nossos primeiros normalistas admittidos trouxeram conhecimentos musicaes em proporções tão escassas, juntamente com certos habitos perniciosos, que por esse lado não se póde pensar em uma reducção do numero de horas, tornando-se ao contrario indispensavel abrir maior espaço para os respectivos exercicios.

Outra necessidade fazia-se muito sentir na primeira classe inferior da escola normal.

A mór parte dos alumnos desta classe, oriundos da Bohemia e Galicia, estavão ainda muito longe de saber a lingua allemãa tão bem quanto éra preciso para poderem comprehender sufficientemente as materias difficeis, e expressar-se fluente e correctamente sobre o objecto das prelecções ouvidas. O que fazer neste caso? Procurar recursos e tempo para duplicar o ensino da lingua. Mas donde se havia de tirar tudo isto?

A ultima questão, de todas a mais urgente, éra tambem a de mais facil solução. Suspendendo a Logica e Psychologia marcadas para aquella classe inferior, ganhavão-se duas horas, por fórma até muito natural: podia-se compensar ao menos em parte esta suspensão, incluindo nas lições de allemão exercicios com definições, divisões e preceitos do dominio da logica, e reservando o mais essencial da Psychologia para as lições de pedagogia do anno seguinte.

E quanto á Descripção da natureza? *Será imaginavel um bom professor d'escola popular a quem seja extranho o mundo das plantas, dos animaes e mineraes,* contentando-se com dados extrahidos do compendio de leitura, com exposições summarias, generalidades, e lá de vez em quando referindo alguma

historieta sobre o caso? Queira Deus que nunca se formem na escola normal de Bielitz semelhantes professores! Façamos com que todos os alumnos deste estabelecimento cheguem a convencer-se de que a maxima posta em moda de « ensino colligado de fundo e forma » só serve para encobrir um funesto abuso, e que as prelecções de historia natural amarradas ao compendio de leitura é um erro pedagogico, contra o qual nunca será de mais protestar e lutar! O que cumpre ao professor é utilisar-se do seu proprio ensino na fórma e no fundo para inspirar a seus meninos (que nessas horas devem considerar-se filhos de Deus), o gosto pela *contemplação da natureza,* o apêgo à grande « casa paterna » *(Vaterhaus),* e o praser de conhecer a creação sempre em actividade (*). Porém, como poderá elle assim proceder, se nesta escola normal não houver espaço para o ensino das primeiras noções de historia natural, se não o puzermos em estado de penetrar mais adiante e de modo sensivel no estudo da vida e *economia* da natureza?

Procurando solicito em torno de mim os meios de terminar a collisão que deste modo se dava entre as minhas intimas convicções e as graves circunstancias que me embaraçavão, achei uma solução nas seguintes reflexões, e nas consequentes medidas que tomei.

Em primeiro lugar, descobri que não poucos dos nossos normalistas, sahindo approvados da escola realista inferior de Bielitz, tinhão trazido daquelle estabelecimento uma base solida consistindo em elementos de historia natural, sufficientes para que elles podessem mais tarde aperfeiçoar por si mesmos os seus conhecimentos. Em segundo lugar, institui uma excursão semanal, destinando para isso as horas do tempo marcado para os passeios. Em terceiro lugar,

---

(*) Quantos motivos não temos nós filhos *do Brazil* para tomar nota deste preceito!

(Nota do traductor).

ligámos com o ensino da jardinagem e agricultura, incumbido ao habil professor da escola Otto, uma lição de observações scientificas sobre plantas e insectos. Assim providenciava-se, afim de que ao menos não faltasse o incentivo para o importantissimo estudo da natureza. Mais do que isso, ou cousa melhor, éra impossivel fazer-se; e com grande sentimento tive de renunciar ao emprego de mais horas em complementos da competente instrucção para exercicios de physica e chimica.

Não havia pois mais tempo disponivel para outras materias. E entretanto, o estudo da Historia, cuja influencia é tão benefica, estava contemplado somente com duas lições por semana! Que outro proveito poder-se-hia tirar de semelhante curso historico, a não ser um montão de fragmentos biographicos ou uma resenha dos «successos e pessoas» as mais importantes (*)? *Nem semelhante programma, nem tão pouco aquelle montão de frangmentos, tem um valor real; em nada se parece com o alimento proprio para sustentar o espirito e o coração.* Entretanto, é o que deve ser o estudo da historia para o futuro professor de uma escola do povo, que tem muito de alimentar o proprio espirito e coração, para poder bem criar seus *filhos*. A historia deve-lhe ser não só uma mestra, mas tambem uma companheira constante, que o ennobreça e inspire-lhe sentimentos elevados, com quem o professor possa viver e identificar-se de modo que insensivelmente progrida em alma e se torne mais homem. Como podia desenvolver-se a silenciosa força deste bello conluio com duas unicas lições por semana?

Para isto havia só um recurso: o dos estudos privados; e com todo o empenho lançámos mão delle. Quando na hora da prelecção não éra possivel dar senão indicações ou citar factos e resultados, designa-

---

(*) E' mais uma critica encoberta do que dispõem os Regulamentos Prussianos de 1854.

(N. do trad.)

vamos as obras ou as partes dellas que podião offerecer maior somma de assumptos para as leituras privadas. Assim, por exemplo, a uma classe marcavão-se capitulos de Lorentz, de J. von Müller, Giesebrecht; a outra classe, apontavão-se F. von Raumer, Droysen e outros. A rica bibliotheca do estabelecimento de ensino realista de Bielitz era franqueada á escola normal, e esta incessantemente utilisava-se della.

Mas donde tirar tempo para tal mister, se as horas já nem chegavam para augmentar o numero das prelecções?—Sim, aqui ha ainda um inconveniente a mencionar: o de diminuir cruelmente o tempo fóra das horas de aula destinado para o descanso e para o trabalho isolado. O que não soffrem com isso os estudantes das classes superiores que dão lições a meninos da cidade, e que por motivo de pobreza são obrigados a lançar mão desse recurso! Quanto não teria eu estimado poder remediar a este ultimo mal, tão attendivel, fornecendo auxilios pecuniarios a esses estudantes cuja juventude já era assim acabrunhada!—Por emquanto, á vista dos meios disponiveis, havia só a possibilidade de minorar, e não de fazer cessar, o mal.

Porém, tudo isso não resolvia a questão: donde tirar o tempo necessario para trabalhos methodicos de maior importancia e para estudos do livre interesse de cada um?

Nesta parte havia uma unica sahida, de que nos aproveitámos com o melhor exito; estabelecemos um chamado «dia de estudos» (*Studientag*) em cada semana, alternativamente de dous em dous dias. Desde manhã até a ultima hora da tarde, assentavam-se os alumnos das duas classes superiores na sala das aulas, acompanhados de um professor, e cada um entregava-se aos estudos que previamente tinha escolhido e marcado no seu programma ao começar o dia. Quanto mais os alumnos se habituavam a esta desusada pratica escolastica, mais iam sentindo os beneficios da instituição.

Deste modo ficaram occupados, até mais não o pode-

rem ser, todos os dias e horas da semana. O *dia de estudos*, a bem dizer, apenas deixava tempo para respirar ar livre, tanto quanto o exigia o processo da *respiração intellectual*. E apezar de tudo, o relatorio da escola publicado no fim deste folheto ainda apresenta sob a denominação de «Officina» uma série de trabalhos de outra ordem até então desconhecidos. Não haverá ahi algum facto em contradição com as regras da *dieta intellectual?* — Não ha tal contradição, e a razão é a seguinte:

Uma nova successão de occupações póde ser intercalada no meio de um systema já sufficientemente cheio de trabalho, com tanto que não importe mais um peso para o regimen do espirito. Si descobrir-se um recurso que, não só se torne innocente neste ultimo sentido, mas tambem seja vantajoso para o regimen corporal, contrabalançando a excessiva tensão do espirito, deve-se afoutamente utilisal-o.

Ora, este calculo adapta-se perfeitamente aos trabalhos de officina. Não são prejudiciaes, porque occupão muito pouco o espirito; e são salutares, porque dando que fazer ao corpo proporcionão á intelligencia descanso e entretenimento.

Os nossos trabalhos de officina sendo de differentes especies, consistião em obras de encadernador, carpinteiro ou marceneiro, torneiro, e serrador de artefactos *em espiral*.

Uma, entre outras razões, foi o que decidio-me a introduzir estas occupações materiaes. Desde o principio já ligavamos importancia aos exercicios de gymnastica e corrida; para facilital-os, pessoas amigas e condescendentes ajudárão-me a compôr uma vestimenta apropriada. As excursões tambem erão proveitosas. E, na idade em que estavão os normalistas, quanto mais o espirito é occupado com outros trabalhos, mais se torna necessario desenvolver os orgãos physicos.

Considerados debaixo deste ponto de vista, os trabalhos executados na nossa officina erão pois uma das melhores diversões.

A este motivo accresciāo outros igualmente ponderosos: uma escola parece-se com uma officina; nella aprende-se a *contemplar*, a ter *dextreza, precisão, ordem* e *paciencia*,—requisitos todos essenciaes para o futuro professor.

Havia ainda uma consideração a que era preciso attender, na parte do ensino que exige demonstrações de qualquer genero. No campo, quem dará ou fará apparelhos para o professor, quem conservará em bom estado ou concertará os que por ventura existão? Feliz o professor, que sahir da escola normal levando comsigo em dote uma posição independente até nessas cousas! que com poucos meios puder fabricar por suas proprias mãos ou pelas de seus alumnos os objectos precisos para semelhantes demonstrações no verdadeiro ensino da sciencia natural! que, emfim, seja capaz de servir elle mesmo de modelo na escola e na sua localidade, quando se trate de lidar com esses objectos!

Esta ultima consideração, tão importante, era a mais decisiva. As que precedem apoiavão-na, e contribuião para fazer cessar quaesquer escrupulos quanto aos meios de realisar o pensamento.

Graças a Deus! na occasião do primeiro estabelecimento achárão-se logo em Bielitz homens de nobre caracter para ajudarem-nos poderosamente neste empenho! Uma palavra minha, e outra do meu inspirado collega Otto, — foi quanto bastou para que dentro de algumas semanas podessem as pessoas de nossa amizade vêr em plena e proficua actividade *a Officina da Escola Normal.*

Chegámos ao fim da nossa digressão no dominio de uma parte do nosso relatorio sobre o ensino.

Se lançarmos agora com attenção um olhar retrospectivo para as tentativas feitas neste Instituto, em vista de solver o problema da continuação e complemento da educação escolastica, o que veremos nós? Creio que não me engano, se, em presença da extensão dada,— e com sobeja razão,—ao mesmo problema, in-

sisto no desejo de que para o futuro se accrescente mais um anno a bem daquella educação, tornando-se por conseguinte *quatriennio* todo o curso normal. No caso de continuarem a subsistir as actuaes condições e exigencias para a admissão, poder-se-ha então bem dar conta do ensino profissional em religião e musica, sem muito sobrecarregar os alumnos, e sem prejudicar os estudos de Historia e Sciencias naturaes. Estas duas materias essenciaes poderião até ser ensinadas de outro modo e em maiores proporções, vindo a ser para o professor uma acquisição preciosa na sua vida intellectual, e uma fonte de proveitosos trabalhos a bem de seus discipulos.

Até aqui, toda a nossa exposição contém uma base para estes importantes requisitos.

B.—Da educação pedagogica

I

PRINCIPIOS A SEGUIR

1.º O ultimo dos fins propostos á Escola normal é habilitar o alumno a cumprir com geito e segurança as leis pedagogicas, e a attender opportunamente ás necessarias considerações.

2.º A querer-se conseguir realmente esse fim, e não aparentar simplesmente uma instrucção pedagogica só baseada em exercicios e praticas *de amostra*, cumpre traçar para o normalista um circulo de ideias correspondentes ao objecto.

3.º Isto se alcança por meio da Pedagogica geral, da Didactica e da Historia da pedagogia.

4.º A historia da pedagogia deve ser ensinada no fim do curso normal, porque só então é que se póde bem applical-a e aprecial-a.

5.º As regras e prescripções da Pedagogica e Didactica não pódem ser devidamente comprehendidas pelos normalistas, ficão sendo para elles letra morta, nem penetrarão no intimo do seu ser, se ao mesmo tempo não se cuidar em ensinar-lhes o que ha de mais importante a respeito da natureza e desenvolvimento da vida intellectual. Portanto, é preciso que a

estas duas materias preceda um curso de Psychologia (*).

6.º Como as sciencias acima mencionadas occupão-se principalmente de definições novas para o normalista, cumpre tambem que antes de aprendel-as seja elle instruido nos elementos da Logica.

7.º Dadas estas condições, deve o normalista ter *trabalhos pedagogicos*, isto é, occasiões de se instruir e se educar por si mesmo, e não assistir como mero espectador ás lições de um velho professor.

8.º Para este mister carece o estabelecimento normal de uma escola de exercicios composta de tres classes, cujas lições fiquem a cargo de um professor permanente—*o mestre-modelo*—, por uma terça parte, e a cargo dos normalistas do 3º e accessoriamente do 2º anno, pelas duas outras terças partes.

9.º O trabalho pedagogico do normalista deve ser, em parte, fraccionavel. Nesta conformidade, cada normalista do ultimo anno e, segundo as circumstancias, um certo numero de alumnos do 2º anno, será incumbido primeiramente de leccionar uma ou mais materias na escola de exercicios, e, em segundo lugar, de dar algumas prelecções successivas sobre diversos ramos.

10. O trabalho do normalista na escola annexa precisa de *preparação* e *estudo*. Portanto, cumpre que o alumno, antes de começar as suas lições de magisterio, prove estar senhor do plano de ensino, do objecto, do fim das prelecções que vai dar, do methodo, e dos respectivos recursos. Para isso, faz um relatorio analytico do seu modo de proceder e ouve as observações criticas de alguns normalistas expressamente designados como *censores*, bem como as de outros membros da escola, as do professor-modelo e as do director, recebendo destes ultimos a necessaria coadjuvação e instrucções.

(*) Este n. 5 contem doutrina totalmente opposta á do Regulamento Prussiano do 1º de Outubro de 1854, cap. II. *materias de ensino.*

(N. do trad.)

11. Sendo certo que a praxe estudada pelo normalista não consiste unicamente no ensinar, mas tambem em *manter uma escola*, prover o serviço escolar de todas as suas necessidades e do material proprio *(Apparaten)*, assim como em saber lidar com as differentes indoles dos meninos que elle tem de educar, cumpre que em conferencias separadas trate-se desta parte da praxe pedagogica, como de um importante assumpto especial.



II

APPLICAÇÃO

Foi uma felicidade, e entretanto parecia ser uma desgraça, que as tres secções do 1° anno podessem se formar dos 21 aspirantes que se tinhão apresentado: uma felicidade para o nosso estabelecimento normal, porque assim tornou-se possivel pôr em execução o seu plano de ensino e dar vida á escola; e apparentemente uma desgraça para os normalistas, aos quaes se concedeu, e devia-se conceder, esse *direito de naturalisação* nas sobreditas secções, sem terem preenchido as condições exigidas pelo novo plano. Nenhum delles podia dar conta de si em Logica, Anthropologia, Psychologia, nem em Pedagogica geral e Didactica; e foi preciso admittir oito no segundo e cinco no terceiro anno, conforme o grau da sua instrucção adquirida em outras materias.

Sobre a theoria da educação pedagogica

Tratava-se pois de levar a effeito a parte a mais difficil, que era habilitar a secção superior destinada para o trabalho pedagogico na escola de exercicios

annexa á normal, com os conhecimentos preliminares que lhe faltavão sobre Pedagogia e Psychologia. A necessidade do momento forneceu o ensejo para isso.

Eis a maneira por que procedi:

Provendo ao caso mais urgente, extrahi da Pedagogia geral e da Didactica as noções as mais necessarias nos começos, e utilisei-as para a *preparação,* isto é, para a discussão do plano de ensino, seus fins e methodo, assim como para as *analyses criticas,* isto é, o *estudo prévio* da applicação. Depois, pensei na Didactica, como cousa de primeira necessidade para a praxe: com esta disciplina combinei, quanto pude e era preciso para sua melhor intelligencia, varios pontos da mesma Pedagogia geral, nomeadamente os que se referem á Gymnastica e Hodegetica (isto é, a *educação directa* propriamente dita).

Ainda mais:

Como tinha de marcar áquella secção superior, para um dos annos do ensino escolastico, tambem a terceira materia, Historia da Pedagogia, desde logo renunciei a uma exposição historica seguida e completa; limitei-me a introduzir quantos esclarecimentos e explicações deste ultimo genero bastassem ou parecessem indispensaveis para o objecto.

Do mesmo modo procedi com a Psychologia. Nesta parte attendi aos pontos que com ella tem de commum a Pedagogica e a Didactica, enxertei certos commentarios psychologicos a titulo de *episodios,* expliquei, e baseei a legislação pedagogica (sem muito entrar na propria sciencia) até onde isso figurava-se-me absolutamente necessario.

Assim, os meus normalistas da secção superior, e igualmente os da 2ª secção, á qual evidentemente devia applicar o mesmo systema de compensações, só poderam estudar seguidamente a Logica até a theoria do Syllogismo, e só por partes destacadas alguma cousa das disciplinas pedagogicas tanto principaes como accessorias,—o que a certos respeitos muito lamento.

De outro lado, porém, consolo-me com a ideia de que os meus discipulos, assim levados até mui perto da fonte pura, e mais facilmente do que outros mergulhados nella, conhecêrão a sêde com que depois terião de beber e reconfortar-se. As impressões que tenho recebido, por confissão dos proprios interessados como pelos trabalhos escriptos, e pelas minhas observações pessoaes, convencem-me de que os resultados obtidos no curso total do 1º anno com a secção superior forão muito normaes, pois que conseguio-se *ensopar de theoria a praxe pedagogica; e de Psychologia, como sciencia accessoria, a propria theoria.*

Certamente, semelhantes resultados não se alcanção passeando, e sem trabalho: de parte a parte foi preciso empregar muito cuidado, attenção e persistencia. Pela simples exposição de maximas, preceitos e algumas explicações nunca se teria produzido um effeito tão rapido e completo. Deixar a vida intellectual entregue a si mesma é um principio que não favorece o requisito de *amalgamar* e *compenetrar-se;* assim, é muito facil acontecer que no circulo de ideias do alumno fiquem *uma ao pé da outra* cousas que devem *confundir-se.* O melhor meio de evitar esse isolamento nas ordens de ideias é e será sempre o commercio intellectual. Deste modo, tive por um dever sagrado, não apresentar a minha Pedagogica, Didactica e Psychologia, em uma série de prelecções successivas, mas trabalhar, como que por esforços communs, em *discursos e replicas* para a construcção dessas disciplinas. E' um processo que no principio causa muitos embaraços e grande perda de tempo, mas depois offerece largas compensações. Em cada lição, pois, não desenrolava um fio unico; trançava uma rede da qual muitas malhas erão figuradas por juizos e factos da experiencia propria dos alumnos; *não ha condição mais adequada para poder um homem compenetrar-se das materias e firmal-as no seu pensamento.*

Examinemos agora a tarefa, que aos normalistas cabia, de reduzir com attenção a escripto o que

tinhão aprendido nas prelecções; esta exige maior liberdade de reflexão propria.

Não se escrevia por ditado durante a prelecção; apenas alguns apontamentos curtos, para servirem de signaes no caminho seguido em pensamento, era tudo quanto os alumnos tinhão á mão; e o escripto não devia ser uma simples reproducção do ponto leccionado, mas sim uma dissertação em regra, redigida o mais possivel em bom estylo e com ordem logica, sobre o assumpto todo da lição. Em geral, tanto me agrada o systema de escrever livremente, quanto me aborrecem os dictados. E estou firmemente convencido de que o referido systema é um requisito essencial em grandes proporções para certas materias de ensino, em proporções menores para outros ramos, e em certa e determinada medida para todos os ramos; é um dos meios os mais efficazes para tornar o alumno bem senhor das materias e fazêl-o adquirir a necessaria madureza e independencia de espirito.

Julgo-me portanto autorisado para attribuir a esses trabalhos escriptos, a par do das exposições em fórma dialogada, os resultados altamente satisfactorios que obtive dos meus zelosos alumnos com o meu ensino theorico-pedagogico reduzido a tão estreito quadro.

Da educação pratico-pedagogica

Para a praxe pedagogica de uma escola normal exigem-se, como é sabido, quatro condições, a saber:

1.ª Um campo, proprio, ou escola de exercicios praticos;

2.ª Actos preparatorios para esses exercicios;

3.ª Um trabalho regrado;

4.ª Estudos de applicação.

Trataremos de cada uma destas condições em separado.

1.°

A escola de exercicios praticos.

A ideia de uma escola de exercicios praticos suscita varias questões importantes, e pede algumas reflexões.

De que natureza deve ella ser?—Esta é a primeira questão.

Em todo o caso, deve ser uma escola *popular*, visto que nella terão de exercitar-se futuros professores do povo.

Mas será de *uma só* classe, ou composta de *tres* classes?— Em geral, póde-se imaginar que um só genero de escola seja sufficiente, em presença dos que existem sob diversas formas?

Parece-me que esta ultima questão deve ser respondida negativamente. Verdade é que, tendo a mór parte dos nossos professores publicos de principiar os seus trabalhos em escolas de uma só classe, por causa da pobreza das freguezias; figurão-se estas como o campo de exercicios o mais apropriado. Resta perguntar se entretanto a outra parte menos numerosa dos futuros professores carece de uma escola de exercicios com tres classes, e se aquelle que souber bem administrar, zelar e dirigir a de uma só classe não terá adquirido as habilitações pedagogicas necessarias para a primeira?

Para o estabelecimento normal de Bielitz a questão está decidida a favor das tres classes, e com sobeja razão. Porem, não é mais facil ensinar uma simples classe de alumnos iguaes e collocados no mesmo pé do que tres classes em condições differentes? E se assim é—o quo ninguem contestará—, como offerecer ao professor principiante outro genero de escola que não seja o mais facil?

A razão daquella preferenciea é por que, onde ha classes separadas, os fins do ensino, as gradações, e outras circumstancias, tornão-se mais claras e sensiveis para o principiante, de tal sorte que o alumno, que houver presenciado as cousas em maiores proporções, por si mesmo ficará habilitado para adaptar o ensino á circumstancias mais limitadas.

A isto accresce uma terceira razão:

Um estabelecimento de ensino com tres classes, póde ser utilisado de maneira que nelle se ache occasião de dirigir, como escola isolada, uma só classe. Pode-se reunir por mais ou menos tempo um certo numero de alumnos de todas as classes, sem prejudicar ao estabelecimento. Se pelo fim do anno escolastico escolherem-se alguns alumnos de cada classe para ajuntal-os em uma só turma, por semanas, ou com o intento de formar uma só aula destinada a prelecções sobre certas materias, dar-se-ha a cada normalista do ultimo anno a opportunidade de applicar o plano de ensino normal a essa especie de escola e fazer progredir todas as classes, como se fossem divisões de uma unica classe, sem prejuizo para os progressos dos alumnos assim temporariamente reunidos. Deste modo promptamente se evidencia se o normalista se adianta, como deve, na arte difficil de vigiar e occupar simultaneamente classes diversas em idade,—arte essencial para aquella escola de modelo especial. Si a direcção fôr bôa, si o normalista empregar a diligencia e os esforços necessarios, pouco tempo será preciso para a explicação de todas as exigencias e regras applicaveis a este terreno de trabalho, e para tornal-as efficazes no futuro.

Ficando assim claramente resolvida a questão preliminar, levanta-se outra muito importante, que vai até ao amago do objecto questionado.

Donde tirar os meninos, que tinhão de formar uma escola de exercicios considerada na sua generalidade? Devia-se recorrer á concessão da livre entrada? Sendo nova, como era a projectada instituição, teria sido isso um passo arriscado. O que poderia pensar neste

caso a população de qualquer cidade distante, a respeito de uma escola de semelhante natureza? Não teria sido natural desconfiar que pretendia-se indecorosamente fazer servir esses meninos para uma simples experiencia?

A chamada de alumnos voluntarios teria feito falhar o effeito; em tal alvitre não era possivel pensar seriamente.

Em consequencia, decidirão logo os representantes do municipio que todos os meninos isentos do pagamento da taxa escolar entrassem para a nova escola.

Mas, com esta medida, estarião removidas todas as duvidas? Havia certeza de que a supposta desconfiança não apparecesse nem ganhasse consistencia?—De modo nenhum! A posição moral da escola annexa ao estabelecimento normal carecia de melhor garantia; e esta deu-se, com o emprego de algum tino pedagogico, e graças aos verdadeiros sentimentos que animavão a todos.

Primeiramente, determinou o *Presbyterio* que dos trinta alumnos, de que devia compôr-se cada uma das tres classes, 25 devião ser os que não pagassem a taxa *(Freischüler)*, reservando-se os cinco lugares restantes para os voluntarios. Já era um signal publico de confiança na nova escola admittir como rasoavel a possibilidade de entrarem para alli meninos desta ultima categoria. Porém, a esta judiciosa disposição veio juntar-se, para completal-a, um acto de livre interesse pelo bem commum. No dia em que publicou-se aquella resolução, declarárão ao mesmo tempo varios membros do Presbyterio e cidadãos notaveis « que confiarião com praser seus filhos á « nova escola ». Com esta manifestação podia o instituto ter a segurança da sua existencia, do seu titulo á consideração, e da sua importancia moral, tudo devido á coadjuvação dos seguintes homens honrados, cujos nomes são dignos de serem conservados na historia da instrucção publica da Austria: os Srs. Joanny,

Jenkner, Putschek, Israel, Giebner, Kobierski, Lauterbach.....

E assim, com a graça de Deus, foi nos dado vêr os nossos alumnos e seus pais dedicarem-se e outorgarem confiança ás novas espheras e novos processos que iamos adoptar. No curto espaço de um anno, testemunhei numerosas provas de disposições de espirito iguaes ás de que tão boa lembrança guardo, e patenteadas durante os vintes annos que regi a escola normal de Iena. Estou intimamente convencido de que semelhante dedicação, superior a qualquer suspeita e originada de corações sinceros, *póde ser obtida dos normalistas em toda a parte onde se queira obtêl-a, isto é, póde trazer iguaes disposições.*

E' verdade que nisto entra outro *factor,* tambem importante, ao qual se refere a minha terceira questão: Esta escola, que os normalistas hão de sempre ser levados a considerar como o *seu* campo de exercicios, serão elles capazes de olhar para ella e tratal-a de outro modo que não seja com esse pensar de egoistas?

Attendendo ao primeiro anno cursado na escola normal de Bielitz, posso responder á questão pela affirmativa. Realmente, os nossos alumnos já se esquecêrão de que o estabelecimento onde elles ensinão foi expressamente creado para a instrucção de professores ou no interesse della.

Cumpre indagar quaes os *factores* que dérão este precioso resultado.

Sendo certo que para tudo quanto exerce uma influencia permanente nos pensamentos e actos do homem as raizes as mais fundas e duradouras residem no circulo de ideias adoptado, deve-se suppôr que neste caso dá-se alguma circumstancia do mesmo genero; em outras palavras: com o tempo, podem os professores principiantes no meio de seus trabalhos compenetrar-se de um sentimento ideal, mas somente quando o complexo dos seus pensamentos pedagogicos e a intuição que elles tem das regras desta sciencia são

de tal natureza, que esses mesmos trabalhos se lhes antolhem logo, não como um simples exercicio de faculdades, mas sim como *illuminados por uma luz superior, como a de uma transfiguração.* E foi o que succedeu.

O systema didactico que adoptei para os meus alumnos-mestres basea-se na ideia prima de que o ensino, até nas cousas que parecem insignificantes, deve ser considerado um companheiro inseparavel da educação directa que eu chamo *conducção* (*Führung*). Este principio, assentado pelo meu gande mestre Herbart com muita clareza e precisão, foi o que deu vida e animação aos estudos de toda a minha vida; é para assim dizer o fio guiador que se estende pela minha *Pedagogia domestica,* por algumas monographias e na *Encyclopedia da Pedagogica,* tambem minha, e que calorosamente proclamei como principio no meu discurso preferido por occasião da inauguração desta escola normal (*).

Era para mim um dever de consciencia familiarisar os meus normalistas com estas ideias vitaes, desde logo nas primeiras lições de preparação, confirmal-as e explical-as, reportando-me constantemente a ellas na ulterior organisação do systema; o ensejo era excellente. E assim, plantárão-se no circulo intellectual dos moços as raizes a que devião prender-se todas as demais communicações, observações e experiencias. A isto vierão aggregar-se outros elementos influentes, para conservar sempre em movimento, animar,e fortalecer aquella esphera de ideias estabelecida e posta em via de progresso pela maneira acima mencionada.

Alludo aqui ás medidas a cuja influencia o principiante no magisterio é desde logo sujeito. Acima já as mencionei, e mais tarde entrarei na analyse de cada uma, isto é, do trabalho regrado, sua preparação, e

---

(*) Acha-se no *Ens. norm. prim. na Prussia*, Iª Parte cap. V.

estudo. Todas essas medidas baseavão-se na ideia da *responsabilidade propria* e da obrigação que tem cada um de dar contas de si mesmo : era um verdadeiro appello feito á consciencia e ao coração do alumno. Quanto ao trabalho principal, não consistia unicamente em algumas prelecções para experiencia, mas sim em um ensino systematico sobre certas e determinadas materias, segundo um plano em que cada passo devia ser antes bem ponderado. Não era uma turma arbitrariamente maior ou menor de meninos tirados de qualquer classe, mas uma classe composta dos alumnos de dous cursos annuos, ou os alumnos de um curso annuo, a que formava o pessoal confiado ao mestre para este saciar-lhe a *fome e sêde* de lições; e quanto mais elle procedesse com acerto e paciencia, mais devia contar com a tranquillidade e satisfação da sua consciencia, sem se importar com signaes exteriores de honra ou com a ambição de sobresahir, sem mesmo esperar pela trivial approvação dos seus collaboradores, do professor-modelo, ou do director.

Até que ponto conseguimos esse desideratum em todos os casos e com individuos de differentes indoles entregues aos nossos cuidados, é o que só Deus sabe. Mas que eu, como Director, e o professor-modelo introduzimos e zelámos neste sentido aquellas medidas, por mim cogitadas e acariciadas durante longos annos, que aos nossos jovens sempre dei o exemplo desta maneira ideal de entender as funcções magistraes,— unica verdadeira—, é facto que a todo tempo elles testemunharáõ, como por vezes já o tem feito sem serem a isso provocados.

A exposição, que ora passo a fazer, das referidas medidas organicas, tornará mais claro o que acabo de dizer.

2.º

Actos preparatorios

Não era facil, como ácima já o observei, familiarisar moços, para quem o occupar-se de ideias pedagogicas era cousa nova, com os actos preparatorios da doutrina escolhida, com a divisão do respectivo objecto por annos, por trimestres ou por mezes escolasticos, e com a maneira de utilisar os recursos disponiveis e de entrar muito adiante nas considerações que provoca a arte pedagogica. Certo, o mais essencial para tudo isso devia ser o incentivo pessoal, e a demonstração pelo proprio exemplo. Mas chegarião as minhas forças e as dos normalistas para preencherem todo o tempo preciso? Por isso, foi necessario recorrer aos *recursos* litterarios dispostos no mesmo espirito, como se recorre a um ajudante ou collaborador. Em outras palavras, tratava-se de pôr nas mãos dos moços livros methodicos, e não quaesquer desses livros chamados de escola, em cuja explicação monotona faz-se consistir o insonso trabalho do professor, nem esses compendios já feitos, que apresentão a materia bem estudada até certo gráu e por uma fórma determinada, calculados sómente para poupar ao mestre o trabalho de pensar por si mesmo, habituando-o assim á preguiça. Os verdadeiros recursos didacticos para uso de nossos alumnos devião conter uma medida excedente á primeira necessidade do momento; mas quanto á fórma, ao methodo e espirito em que fosse concebido o modo de tratar da materia, erão admissiveis, desde que correspondessem aos principios da didactica com que os alumnos tinhão de familiarisar-se cada vez mais.

Para cada materia ensinada na escola do povo existem semelhantes recursos. Vou mencional-os um por um.

1.º Antes de tudo, havia a considerar o ensino da

religião, — tendo eu muito pensadamente incumbido das lições de catechismo ao professor-modelo—, e com especialidade do ensino da Historia Sagrada. Tratando da preparação dos dous normalistas designados para a 1ª e 2ª classes, impuz a estes duas tarefas a preencher. Devião primeiro destacar e reunir em uma collecção *do primeiro grau* as passagens da Biblia que estivessem ao alcance da intelligencia e saber dos meninos mais pequenos, reservando para um *segundo grau* as mais difficeis, em complemento áquellas, que opportunamente tivessem de ser rememoradas para conservarem-se na viva lembrança de cada um.

A segunda tarefa tinha relação com cada uma das passagens da Historia Sagrada, isoladamente.

Quem tiver a peito, não reproduzir simplesmente as palavras de uma historia, mas representar sempre os respectivos objectos, pessoas, lugares e factos taes como são; quem quizer, para assim dizer, mostral-os aos olhos do espirito, deve com cuidado tomar uma *providencia muito especial extensiva até aos proprios elementos da historia;* isto é, deve antes de principiar a sua narração pôr em movimento a reproducção das pretendidas imagens, e muitas vezes apresentar elle mesmo as imagens. O circulo de ideias familiares aos meninos das classes menos favorecidas da fortuna é mui limitado, e só quem não o conhece póde considerar como superfluo semelhante preparatorio.

Ainda mais:

As disposições tristes ou alegres, as intenções, e os actos das pessoas ou são extranhos aos meninos, ou não são delles conhecidos senão de nome; em todo o caso, nem sempre os meninos tem de tudo isso tanta consciencia que possão achar-lhe interesse, isto é, que sejão logo induzidos a imitar o exemplo extranho. Aqui, o recurso é familiarisar os meninos com as circumstancias extranhas, trazendo por analogia ideias tiradas da esphera experimental da infancia, por exemplo, a sua vida de familia.

Na verdade, a tarefa não é facil!

Felizmente, tinha eu no Director escolar L. Waugemann um excellente guia a quem podesse confiar os meus jovens professores. A sua cooperação, com o livro «Conhecimento de Deus» (2ª edição, 1864) correspondia tão bellamente á dupla necessidade didactica por mim expendida, que passei por alto os defeitos scientificos que contém esse livro na parte relativa á interpretação de algumas passagens da historia sagrada; e podia fazêl-o com muita facilidade, porquanto a instrucção solida que os proprios normalistas tinhão recebido sobre a Biblia collocava-os em posição de evitar semelhantes erros.

Com este preparatorio, tornava-se possivel gravar na memoria a letra de todas as passagens importantes da Biblia, e fazer os alumnos reproduzirem-na fielmente, sem prejudicar ao espirito da cousa. E assim, nutro a fundada esperança de que a materia do ensino biblico sirva na realidade de alimento aos meninos, como que convertendo-se para elles em carne e sangue.

2.° O plano que tracei *do ensino da lingua nacional* (o allemão) basêa-se na supposição de adoptar-se o methodo analytico em todas as gradações, desde o simples aprender a lêr até á explicação dos mais complicados periodos compostos. Despertar o interesse pela aprendizagem em geral, e pela sciencia em particular, da lingua, compenetrar-se bem da essencia e espirito do nosso idioma, sujeitar a uma disciplina severa o circulo de ideias percorrido, formar o sentimento da mesma lingua,—taes são os fins importantes para cuja combinação o methodo analytico offerece tantos recursos efficazes, que a escola do povo, chamada a produzir muito com poucos meios, faria bem de dar-lhes accesso no seu recinto. Para preparar neste sentido os meus alumnos normalistas não me foi preciso procurar muito tempo os competentes meios litterarios: acabava justamente de apparecer a terceira edição dos *Esboços sobre o ensino da lingua allemã,* que eu tinha redigido para a introducção daquelle methodo du-

rante os seis primeiros annos escolasticos. Igualmente, tinha á minha disposição um livrinho escripto com criterio e lucidez, contendo instrucções elaboradas no mesmo sentido para o primeiro ensino de leitura, e, o que é muito importante, para ensinar a fallar bem. Esse livrinho, fructo das minhas prelecções de praxe na escola normal de Iena, é do autor Sostmann, tem por titulo «Primeiro ensino da arte de lêr e fallar, « escripto para acompanhar as lições, etc. 1852, » e para nós adquiriu um valor especial, porque o autor presenteou ao nosso seminario no dia da sua abertura em 9 de Dezembro com os seus 70 grandes quadros de figuras, a que constantemente se referem as instrucções.

E deste modo conseguimos sem difficuldade que normalistas, educados em ideias muito diversas e segundo outro plano, comprehendessem e,—o que vale ainda mais—, soubessem apreciar um methodo inteiramente novo para elles, mas que já havia sido empregado e recommendado pelo celebre Gedike, tornando-se muito popular e valioso nos paizes da Saxonia.

3. O ensino do *calculo* é incontestavelmente aquelle em que o methodo e a arte material (*Technik*) são tratados e definidos com mais cuidado e de modo mais harmonico, podendo até parecer indifferente qual das muitas e excellentes direcções, que ha, deva ser indicada ao mestre principiante para o seu preparatorio.

Isto é exacto, mas só até certo ponto.

Uma vez acabada com feliz exito a *construcção* fundamental, isto é, o systema das ideias e operações elementares, póde ficar entregue ao livre arbitrio do mestre proseguir segundo o methodo de Hentschel, Berthelt ou Schellen. Entretanto, mesmo em relação á base fundamental, e especialmente ao meio de tornar tudo claro, existem differenças de principios. Não careço de demonstrar que a opinião, algures espalhada, de ser indispensavel aos alumnos de

uma escola elementar conhecer e saber usar desde logo de variegados e simultaneos meios intuitivos é anti-pedagogica, porque pecca contra as regras da psychologia. Por este ultimo motivo, na minha longa praxe sempre apreciei muito os «Bofetes arithmeticos» (*Rechenkasten*) construidos no espirito de Pestalozzi e empregados com criterio por Tillich; considerava-os como a primeira base do systema lucido, e por muito tempo foi *a unica;* prefiro-a a todas as mais.

Nenhum outro meio corresponde tão bem á natureza e á ideia que formamos dos algarismos, nenhum póde tão facilmente ser utilisado pela propria criança para verificação de seus pequenos calculos, nem mais estimado para uma instrucção geral, tratando-se de avaliar quantidades. Tal é a razão porque, conjunctamente com esses *bofetes,* merece entre nós honroso lugar a edição, que Lindner teve o cuidado de publicar, do livro de arithmetica de Tillich,

4. A *doutrina geometrica das fórmas* já foi annunciada como uma continuação do ensino elementar intuitivo, e como fazendo parte dos conhecimentos uteis, antes da sua effectiva introducção nas aulas da 3ª classe. Esta materia serve até de auxiliar em differentes pontos do posterior ensino da arithmetica, como bem o demonstrou Goltzsch tratando das contas por fracções nas suas indicações concebidas em espirito bastante pratico (Goltzsch e Theel: «*O ensino da arithmetica nas escolas populares,* 2ª edição Berlim, 1859). A' par disso, a ideia, a muitos respeitos importante, de uma *bitola,* tem encontrado a melhor applicação neste ligamento das demonstrações geometricas com as de arithmetica.

A doutrina geometrica das fórmas, que pela sua importancia *propedeutica* para o desenho, para a geographia e historia natural, e pela influencia que exerce sobre a arte de disciplinar o pensamento merece ser estudada por algum tempo como materia separada, sendo posta nestas condições, apodera-se fortemente

do espirito dos alumnos e, apezar da sua apparente sequidão, dá-lhe o mais animado movimento. Tambem n'esta materia, tive a felicidade de achar um bom auxiliar para preparatorios dos meus jovens mestres no excellente livro publicado por um dos meus antigos discipulos da escola normal de Iena. Refiro-me a «Doutrina geometrica das fórmas» do autor Dr. E. Zizmann (1852).

5. Analoga é a attenção que reclama da parte do professor *o ensino do desenho,* tanto na parte methodica como na parte technica.

Este ensino, nos seus dous graus, exige certo estudo aprofundado.

O grau *elementar* comprehende os exercicios que são precisos para conceber e avaliar as medidas de proporção, as distancias, e as figuras lineares. O primeiro caderno da publicação de Seidel e Schmidt com o titulo de « O desenho reticular » (*Netzzeichen,* Weimar, 1866), o qual por muitos annos foi para mim de grande utilidade pela maneira por que nelle é graduado o progresso, tornou-se um recurso muito sufficiente para a iniciação e a preparação dos alumnos, depois que verbalmente accrescentei-lhe uma pequena série de preceitos technicos para as lições de dictar figuras.

Para o grau *superior* o exercicio do desenho de corpos solidos á imitação da natureza (ficando excluido por muito tempo o uso de modelos estampados), tiverão os jovens mestres, mesmo os que já se mostravão mais adestrados, um precioso guia na obra de Fürstenberg *Primeiras regras para o ensino do desenho de mão livre* (Brunswick, 1854), tanto mais que o bem montado gabinete da Escola realista inferior nos offerecia grande quantidade de modelos e apparelhos.

6. O *ensino da escripta* tem um apoio muito apreciavel nos exercicios elementares do desenho *reticular;* o habito de *vêr* com attenção e exactidão é e será sempre a condição a mais segura para apren-

der-se a calligraphia. E assim, encontrou o professor-modelo no compendio de Hertzsprung sobre esta ultima materia (Berlim, 1854) e nas instrucções de Stiller um excellente guia para as suas proprias lições.

Resta tratar das prelecções sobre Sciencias Naturaes, Geographia e Historia; e aqui cumpre-me estabelecer antes de tudo este principio, que parece-me irrefutavel:

O discipulo deve vêr, e vêr quanto possivel por si mesmo as cousas; por consequencia, *não deve apprender nos compendios nada daquillo que elle possa perceber e saber observando a natureza.* Fiel a um principio tão importante, procurei fazer com que aos alumnos sobrasse sempre tempo e occasião para as suas observações. Neste intuito, e por não ter muito tempo disponivel, resolvi deixar provisoriamente de parte uma das materias dependentes de semelhante estudo de observação, antes do que renunciar a esse estudo feito pelos proprios alumnos.

7. Levado pelas considerações acima, indiquei para a materia *Descripção da natureza* as lições que a todos os respeitos conrespondem ás necessidades do estabelecimento e se contém no «Guia para um ensino methodico da Botanica»,bem como no «Guia methodico para o ensino da Zoologia», ambos do autor Lüben. Sendo já tão profusa a Flora de Bielitz, e com um gabinete rico como é o da sua escola realista inferior, temos ainda mais o auxilio do presente muito apreciavel que nos fizerão os dous gymnasiastas Türk e Kottola (*vide* o que mais adiante digo), para conseguirmos que tanto os mestres como os alumnos achem verdadeiro deleite na observação da natureza.

8. As lições *de Geographia* requerem tambem uma base bem assente, quando com ellas se pretenda apresentar alguma cousa mais do que uma multidão de nomes, algarismos e dados de toda a especie, —e assim deve ser.

Esta base encontra-se no *conhecimento das cousas*

patrias, sendo o respectivo ensino bem dirigido; e em um complexo de *quadros* geographicos grandes e pequenos, mostrando tudo quanto exista em torno do alumno: é a base que está mais ao alcance da sua experiencia e da sua vista.

Para tal ensino preliminar, que nada tem de facil, é preciso possuir um ponto de apoio seguro e palpavel, saber indicar por extenso os objectos a apprender, e coordenal-os apropriadamente, empregando a technologia indispensavel. Só conheço um escripto que corresponda a estes altos requisitos, e com o auxilio do qual os normalistas possão gostar de preparar-se; é o «Guia para o ensino das cousas patrias» de Finger (Berlim, 1866). Intercalando-as aqui para o mestre da classe intermediaria uma serie de prelecções preparatorias oraes feitas pelo professor-modelo, o que com referencia á terra inteira adapta-se bem á natureza do objecto, apresentava-se est'outra questão relativamente ao ultimo curso na classe superior: por onde é que se póde alcançar a respectiva instrucção preparatoria, que sem duvida é neste caso muito necessaria? E tratava-se da descripção das partes da terra, consequentemente da patria *Austria*.

Era pois preciso, em uma primeira digressão por todo o orbe, fazer bem conhecer antes de tudo as *formas principaes* das partes terrestres, e as differenças mais sensiveis na sua distribuição, observando-as na carta e depois desenhando-a. Mais tarde, foi-se accrescentando pela mesma maneira aos traços largos assim ganhos os respectivos detalhes, conforme o tempo que ainda restava. Assim, em breve percebeu-se o pensamento em que se fundava este systema de progressão; e quando, utilisando-me de um livro muito instructivo que correspondia a estes principios (*Elementos de geographia methodicamente expostos* em tres cursos mediante cartas e texto, por Stœssmer, 1867), apresentei uma resenha da materia no questionario junto a cada uma das

series de cartas, tornou-se facil iniciar o principiante professor no novo plano de ensino, de tal maneira que dahi em diante podesse por si mesmo proseguir no seu estudo preparatorio.

9. O *ensino da Historia* tem infelizmente por ora de ser reduzido a muito pouca cousa; e por isso, crescêrão de ponto os meus cuidados quando pensei em regular o mais possivel, conforme as regras da psychologia, esta materia, que é alimento indispensavel para o coração do alumno. Guardei firmemente os termos da questão a resolver, porém inverti a ordem geralmente preferida das *epocas*, pondo no fim a historia patria dos tempos modernos com os respectivos factos, e no principio a dos tempos antigos cuja simplicidade quadra mais com as ideias da meninice. Para as primeiras narrações concernentes á historia das pessoas indiquei a obra classica de Niebuhr *Biographias dos Heróes* (Hamburgo 1850), que serve de modelo; e exigi dos mestres narradores que se applicassem no mesmo theor e sentido ao estudo de algumas historias da antiguidade.

O modelo classico produzio maravilhas. Quanto ás epocas posteriores, os compendios introduzidos offerecião um excellente ponto de apoio para o estudo preparatorio e para as exposições.

Deste modo ficaria encerrado o circulo das disciplinas escolares. Tratando de cada uma em particular, mencionei os recursos litterarios que puz á disposição dos meus jovens professores para seu uso auxiliar. Um imparcial olhar retrospectivo justifica a minha convicção de que, no decurso de todo o «anno escolastico» (o 1.º), que precede aoverdadeiro ensino normal, não se levantou uma só queixa fundada sobre falta de *preparatorio para o professor*, queixas que, á vista dos variados processos de fiscalisação a que estava sujeito o ensino dado aos apprendizes, mui facilmente poderião ter-se originado.

Entretanto, antes de demonstrar esses processos de fiscalisação com que se offerecia uma garantia,

não só para a prosperidade do nosso instituto normal, como para o progresso dos respectivos alumnos, cumpre-me descrever a segunda parte dos meios de educação pedagogica, isto é, o proprio trabalho do ensino, com as suas principaes feições caracteristicas.

III

DO TRABALHO DE ENSINAR E DA DIRECÇÃO DA ESCOLA

E' em uma classe de trinta alumnos que o nosso joven professor deve começar e adiantar a sua obra. Ahi tem elle de apprender a *dominar* a sua *materia de ensino,* a applicar livremente as leis da arte magistral gravadas no seu intimo ser, e a tratar finalmente com os alumnos, conforme as suas diversas indoles.

Ora, nada disto será possivel, se toda a sua actividade não se prender a certas e determinadas regras, se, para assim dizer, não fôr por ellas tida e manteúda.

Depois das primeiras semanas de installação, alguns visitantes que se interessavão pela escola normal, presenciando os trabalhos de um estabelecimento bem e regularmente organisado, admirados já pedião a explicação das causas que tinhão trazido semelhantes resultados.

Posso agora indical-as, referindo-me a dous «momentos» ou pontos (*Momente)* importantes, dos quaes denominarei a um *objectivo,* e ao outro *subjectivo.*

Antes de tudo, e previamente a qualquer procedimento e experiencia por parte do professor, é preciso que se tenha formado um complexo de regras fixas para mestres e discipulos, independente das

vacillações do caracter individual de cada um, não como letra morta para matar o espirito, mas como um symbolo proprio para despertal-o; e que esse complexo seja accessivel á consideração, reflexão e profunda meditação de cada um dos professores. O principiante carece de uma instrucção pedagogica coordenada em uma série de maximas, que elle possa considerar como meios auxiliares e soccorros de mão estendida, e não como cadeias extranhas que o prendão.

Semelhantes maximas, bem pensadas e provadas por uma experiencia de vinte annos, encontravão-se para os normalistas docentes no «Regimen escolar do estabelecimento normal de Iena», composto no anno de 1846 com criterio e profundeza magistraes, segundo os meus principios e minhas instituições, pelo *Senior* daquelle tempo no instituto, o Sr. Wehner, actual director da escola de Meiningen. Em 1858, depois de ter sido judiciosamente retocada pelo Sr. Hausmann, actual professor da escola normal de Weimar, appareceu uma 2ª edição dessa obra na livraria daquelle estabelecimento.

Mas, o que seria de todo esse bem combinado systema, sem aquelle outro ponto, ou *momento*, que qualifiquei de subjectivo! Achar nos velhos professores, a quem o normalista deve encarar de baixo para cima, modelos na manutenção de taes regras, vêr logo essas regras como que chegarem-se a elle em forma de *costumes vivos*,—tal é o complemento indispensavel de uma instrucção, que sem elle não ficaria bem intelligivel nem produziria todo o effeito desejavel.

Isto era necessario e possivel no nosso estabelecimento, porque d'entre os professores tres tinhão sido meus discipulos de Pedagogia em Iena; e, assim, educados no meio daquellas fórmas de regimen escolar, estavão acostumados a pensar e proceder quasi que involuntariamente de conformidade com ellas. A esta influencia dos dois sobreditos *mo-*

mentos harmonicos deve-se pois o facto de terem-se depressa familiarisado com os seus novos trabalhos os novatos no serviço de mestre d'escola.

Eis agora como sob estas influencias marchava o trabalho das lições praticas:

Entremos de manhã, alguns minutos antes de principiarem as aulas, no edificio da escola. No largo corredor bem aclarado, para onde se abrem as salas das tres classes da escola pratica, encontraremos um alumno-mestre passeiando silenciosamente de uma extremidade á outra, recebendo e retribuindo a saudação matutina dos outros alumnos que vão chegando. As aulas enchem-se, sem bulha nem alarido, como é conveniente, por quanto o habito de uma reunião em ordem pela manhã exerce grande influencia sobre a disposição de espirito dos alumnos durante as seguintes horas do dia. E o que é ainda melhor, essa presença regular e pontual do professor produz, quasi sem estrepito nenhum, grande effeito; raras vezes será necessaria uma palavra de aviso ou advertencia; alli, o professor apparece para assim dizer como a consciencia incarnada. Tambem asssim apparecia o nosso joven mestre no exercicio das suas funcções: representava então o Director e toda a congregação dos Lentes da escola, reunidos em um só corpo forte pela sua união de espirito.

Resoão as ultimas notas do hymno matutino « A ti, a ti Jehová » cantado em côro pelos alumnos. Logo depois comparece em cada uma das aulas o respectivo aprendiz ao magisterio, e ao entrar revista o soalho, as paredes, os trastes, para verificar se uns estão limpos e desembaraçados, e os outros nos seus competentes lugares; vê se os chapéos e outros objectos semelhantes estão pendurados em ordem; entôa o cantico da manhã, por exemplo: « Alerta meu coração! »; conclue-o com uma curta reza, e dá principio á sua prelecção, ligando-a

á do dia precedente por meio de um breve resumo.

A primeira aula é a do ensino religioso. Para esta estão reunidas as duas divisões. Cumpre então ter bem presente a differença de *idade* e *adiantamento*: para os alumnos da divisão inferior é preciso, ora dar os primeiros ligamentos, ora proceder por imitações e exemplificações, e ora fazêl-os repetir o exposto; para os da divisão superior devem-se umas vezes reforçar algumas ideias, determinar bem outras ou as respostas vagas, e outras vezes transmittir as generalisações, as abstracções, coordenações de pensamentos, e os resumos.

Em outras prelecções as duas turmas, reunidas em uma só aula, vem a formar partes separadas, caminhando cada uma para o seu rumo segundo um plano differente. Neste caso, procede-se altornadamente, e está entendido que a primeira condição é regular alguma occupação qualquer silenciosa para a divisão que só mais tarde tenha de participar do ensino oral. Esta occupação consiste quasi sempre em escrever, v. gr., nas lições de calculo. Por muitos motivos, o melhor expediente para isso é fazer uso da pedra de ardosia, sobretudo da de Taber, que é actualmente a mais aperfeiçoada. Cada alumno tem a sua pedra, mais ou menos isenta de defeitos; porém, durante o trabalho dos exercicios de ensino, só se devem empregar pedras muito boas, conformes com as exigencias do inventario dos utensilios escolasticos. O que é preciso é limitar o mais possivel o tempo que se gasta em distribuir e depois tornar a juntar as pedras, empregando-se um processo que de modo nenhum estorve aquelle trabalho.

Isto apprendem depressa e com facilidade os mestres e alumnos, se fôrem habilitados por boa escola de gymnastica.

Nos armarios das aulas estão as pedras de escrever arrumadas em *casas*, conforme o numero de bancos para os alumnos; á voz de « Pedras ! » o primeiro

assentado na extremidade de cada banco levanta-se para ir buscal-as, e, a medida que vai pronunciando as palavras *um*, *dous*, etc., passa uma pedra ao seu visinho mais proximo, este transmitte-a tambem ao seu visinho, e assim por diante; á voz de *seis* ficão todos os alumnos da classe de posse cada um da sua pedra. Do mesmo modo recebem elles o competente lapis e esponja. Quem podesse observar o silencio, a decencia com que se executão estes movimentos, e o empenho que os alumnos mostrão em executal-os com dextresa, convencer-se-hia de que assim não se tem unicamente em vista uma economia de tempo e socego para as aulas, introduz-se tambem um *momento* de importancia moral propria para influir nobremente nos animos dos alumnos.

Nas classes inferiores repetia-se a mesma manobra regulada ainda com maior frequencia, especialmente na distribuição e arrumação das « reguas cubicas » (Würfellineale), instrumento de muita serventia tambem para outros fins do ensino. Na geographia, sciencias naturaes, historia patria, — em uma palavra, todas as vezes, que se trata de representar e avaliar com exactidão medidas de espaço,—convem muito o uso dessas regoas tratando-se de pés e polegadas. E assim, póde-se dar muitas vezes a necessidade de destribuil-as e tornar a guardal-as; de tal frequencia parte naturalmente a desejada circumstancia de familiarisar os alumnos com o instrumento.

Algum observador superficial e pouco versado em pedagogica, a quem este trabalho forçado dos mestres e alumnos possa figurar-se puramente mecanico, conformando-se com a synonimia adaptada pela maioria dos homens, qualifical-o-hia de « procedimento sem espirito. » Mas, na escola normal de Bielitz, assim como outr'ora acontecia na de Iena, considerão-se estas formalidades como vasos contendo o espirito; e aqui, andamos persuadidos de que se houver espirito no professor e no seu ensino, só então se dará a

occasião de *vêl-o* com prazer e de sentil-o nos seus beneficos effeitos.

Nas operações com os cofres arithmeticos de Tilli acima mencionados, e tambem com as *fallas em côro* (Chorsprechen), tão proveitosas por mais de um motivo nas classes inferiores, mantem-se com rigor a mesma actividade bem medida e regrada, precisamente para que o pensamento nunca cesse de ser occupado e o tom dos rapazes não se torne repugnante e contrario á natureza.

Igualmente, recommenda-se muito a cada professor em particular que só em casos excepcionaes e justificados falle nas suas lições a toda a classe em pezo, ou chame-a a ouvir, devendo pelo contrario dirigir-se successivamente a cada um dos alumnos e interessal-os um depois do outro, tanto quanto o permitta a natureza da materia leccionada, de maneira que todos possão ganhar na mesma proporção a consciencia do objecto considerado e contribuir o mais possivel, cada um de per si, para o resultado geral que se tenha em vista na prelecção,

Com esta variedade e regularidade de actos de interesse e de occupações, o nosso professor principiante vai ao mesmo tempo conhecendo e apprendendo a ter no devido apreço o segredo principal de que depende a garantia da chamada « Disciplina » (*). Mas quando, apezar disso, dêem-se os casos de falta de attenção, de distracções com brincadeiras, e cousas semelhantes? —o que nenhuma medida preventiva póde impedir. Em taes emergencias o nosso normalista escolhendo uma d'entre as poucas regras quena sua praxe já houver aprendido, fará applicação do versiculo de Jac. 1, 19, « cada um seja vagaroso em irar-se, » isto é, tratando-se de chamar e prender fortemente a attenção,

---

(*) Para complemento do que acima digo, reporto-me a extensa exposição destas ideias consignadas no meu escripto intitulado « Policia domestica e escolar, » impresso em Berlim, na casa de Vemigke, 1857.

(Nota do autorStoy).

deverá sempre tentar primeiro os meios brandos, como a admoestação e advertencia; depois, vá subindo pouco a pouco, e com vagar, até as medidas as mais sensiveis. Assim, desde que ficar sem effeito a simples intimação, e em seguida a advertencia uma ou duas vezes repetida, ou a ordem de olhar para o livro da classe, mande-se então que o alumno se isole ficando em pé no seu lugar, ou sáia do banco; ou emfim, seja elle forçado a reparar depois de acabada a aula aquillo de que se tiver descuidado na hora da lição. E visto que com esta progressão de penas cumpre ao alumno culpado ficar persuadido de que, não só lhe é prohidido estorvar e prejudicar a ordem da classe, como tambem não deve soffrer pela sua desattenção uma perda intellectual, torna-se preciso levar em conta esta ultima consideração quando se impõe a pena de trabalho fóra das horas de aula com a competente privação de liberdade. Por isso, o alumno assim castigado trabalhava sempre sob a inspecção do seu professor no nosso estabelecimento, e não era libertado senão pepois de ter effectivamente reparado a perda de tempo.

A imposição de penas é negocio sério! Feliz a escola normal, quando consegue dos seus alumnos que se enchão de um santo temor ante a possibilidade de tornarem-se perniciosas as consequencias das penas! Pela minha parte nunca descuidei-me de comentar, demonstrar e reforçar a maxima de que os castigos assemelhão-se a um veneno em mãos de medico: applicado em pequenas doses, a tempo e nas devidas condições, póde contrirbuir para o restabelecimento da saude e até para a salvação da vida; no caso contrario, estraga ou põe termo á vida. *Castigar com frequencia e sem reflexão, é um signal certo de rudeza moral e maldade da parte do mestre; neste facto é que se devem procurar as verdadeiras causas dos muitos males causados á nossa mocidade de hoje* (*).

(*) Sublinho este periodo, lembrando que o autor o escreveu em 1869. E' portanto de data muito moderna. E' mais uma

Attendamos agora ao momento em que se acaba a prelecção.

A sineta da escola dá o competente signal. Immediatamente o professor suspende o trabalho, e designa á classe o seu ultimo pensamento como ponto de partida para a prelecção seguinte. Os pequenos funccionarios da mesma classe tornão a arrecadar as pedras, regoas, etc., e o professor inscreve no « Diario Classico » de formato grande *in-quarto*, que deve existir em cada uma das aulas por cima da tribuna do mesmo professor :

1.º O objecto da lição que acaba de ser dada ;

2.º Qualquer tarefa destinada para a lição seguinte ;

3.º Os nomes dos alumnos que os « Primeiros do banco » — ou monitores (*Bankobersten*) — já de pé, houverem declarado ausentes ;

4.º Os nomes daquelles que se tiverem tornado notaveis pelo seu procedimento bom ou máu.

Si a lição finda é a segunda ante-meridiana, sahem os alumnos dous a dous ; e por esta forma dirigem-se os de todas as classe a passo lento, cada classe com o seu professor á testa, para o pateo da escola ; ou, si o tempo fôr máu, para o grande corredor onde podem passeiar socegadamente de uma extremidade a outra, conversando ou comendo, até que a sineta dê signal para tornarem ás lições. Do mesmo modo, ao meio dia e de tarde, sahem elles das aulas, e por ultimo o professor, depois de ter velado com attenção pela manutenção da ordem em tal sahida tanto da aula como do edificio da escola.

Assim chega a semana ao seu termo, com esta regularidade de actos diarios.

---

autoridade de grande valor para induzir as nossas Delegações de instrucção publica a vigiar muito o systema de penas, sobretudo corporeas, de que entre nós ainda tanto se abusa nas escolas

(N. do trad.

Convem que os ultimos minutos daquelle espaço do tempo não passem desapercebidos.

Para isso, comparecem na grande sala da aula superior todos os normalistas com os seus Lentes, assim como os alumnos da escola pratica. A communidade assim reunida ouve uma curta allocução do Director, que expõe resumidamente os objectos tratados na semana finda, diz algumas palavras no sentido de aconselhar ou desaconselhar, e convida os presentes a rezarem em voto de gratidão ao Altissimo, concluindo-se a breve oração com o hymno « E agora agradecei todos a Deus. »

Da mesma maneira reune-se a communidade no principio da semana seguinte, e do alto da eminencia em que está situada a escola resôa ao longe um canto coral, com que muitas vozes annuncião que dentro do edificio vai começar a grande obra, cheia de tantas responsabilidades, e pedem a Deus que a abençôe.

Depois de decorridas as semanas e os mezes, e quando vai chegando o fim do anno lectivo, em uma das ultimas conferencias são os professores expressamente avisados, para se lembrarem de que está proxima a época dos *exames*.

Se com este aviso só tivessemos em vista dirigir aos professores uma intimação no sentido de preparar os alumnos para a execução de um jogo de pelotiqueiros *(Gaukelspiel)* exhibido em brilhante theatro, — o que não é cousa inaudita em alguns estabelecimentos de ensino,—a escola normal de Bielitz não teria o direito de existir nem mais uma hora, por quanto a mentira e a fraude *(Lug und Trug)* não se coadunão com as verdadeiras ideias sobre a educação; e seria um dever appellar para a energia dos amigos sinceros da mocidade com o fim de pôr-se cobro a semelhante desordem ! (*)

(*) Esta virulenta sahida, tão propria para impressionar o leitor, acha-se na pag. 67 do Folheto original.

(N. do trad.)

Na mencionada conferencia não se tem outra cousa em vista senão prevenir salutarmente mestres e alumnos de que cumpre-lhes concluir, recapitular e repetir as materias do anno lectivo, afim de que possão antes de tudo dar contas a si proprios. Preparar os alumnos para o mesmo exame nos seus promenores, é uma operação que, segundo as nossas instituições, nenhum professor poderia nem sequer tentar ; porque, em primeiro lugar, só no dia immediatamente anterior ao exame, quando os cursos já estão findos, é que se determina o respectivo programma e distribuem-se aos competentes professores os necessarios pontos (*Themata*).

Principia então o exame. O nosso joven *magister* aprendeu a consideral-o como uma especie de conta ou relatorio honroso, e sem falsificação, que a escola tem de apresentar ás autoridades, aos pais, e aos amigos ; por isso mesmo comprehende elle bem as duas consequencias importantes que do principio adoptado se deduzem para si e para o seu procedimento como examinador. Primeiramente, em lugar de fazer somente sobresahir os bons alumnos, chamará se fôr possivel *todos* a contas. Em segundo lugar, ha de querer resistir virilmente a qualquer tentação de pôr na boca do examinando, por meio de perguntas, respostas já promptas ; ou de extinguir dialecticamente o effeito das respostas inexactas. A tentação póde ser mui grande para qualquer homem, e ainda mais, para o professor muito zeloso ; mas aquelle que quizer esforçar-se acceitará com prazer o apoio que lhe fôr offerecido para obrigal-o a observar-se e a ter plena consciencia de si mesmo.

E' claro que o apoio o mais efficaz e natural consiste no zelo uniforme da congregação dos Lentes. Dahi resultárão duas disposições que ha muito tempo provárão bem em Iena, e forão aqui postas em vigor com o mais feliz exito. A primeira é recommendar aos normalistas que tenhão de tomar parte consciencíosa no exame, e aos seus « censores » (*Recensenten*)

expressamente nomeados para cada materia, que com o examinando considerem bem a maneira de fazer as perguntas e de utilisar as respostas. A segunda reduz-se a formar de principio a fim o que se chama um *Protocolo de respostas*, consis indo em uma relação nominal dos alumnos, á qual se accrescenta em frente de cada nome um signal particular para cada resposta dada ao alumno, um para a resposta exacta outro para a falsa. Ora, dividindo-se as respostas por columnas segundo o numero das materias que entrarem no exame, teremos nesse protocolo um meio facil e certo de demonstrar, tanto a conformidade ou desconformidade das perguntas, como a proporção em que se acharem as respostas exactas para com as inexactas, e por conseguinte tambem qual foi o aproveitamento da classe. E' um testemunho imparcial que offerece aos collegas *censores* um ponto seguro de apoio, ensina ao praticante a ter consciencia de si mesmo, e por outro lado, proporciona-lhe um meio de acautelar-se contra quaesquer exagerações que partão de censores por demais zelosos.

Esta ultima disposição, igualmente e com maior frequencia applicavel a outros casos da escola normal, tem sido de uma grande utilidade em todo o nosso curso pedagogico. Em seguida daremos della um exemplo :

Protocolo de respostas nos exames da Pascoa de 1867.

<table>
<tr><th>Nomes</th><th>Religião</th><th>Pedagogia</th><th>Allemão</th><th>Astronomia
e
Geogr. politica</th><th>Mathematicas</th><th>Historia</th></tr>
<tr><td>Martins (*) . . . . .</td><td>| | † | †</td><td>| | | | |</td><td>| | | 0 | |</td><td>| | | † | | | |</td><td>† ? |</td><td>| 0 | † | | | †</td></tr>
<tr><td>Coelho. . . . .</td><td>0 | | ? | |</td><td>| ? | 0 | †</td><td>| | | |</td><td>| | ? | † |</td><td>†</td><td>| † ? 0 ? |</td></tr>
<tr><td>Bastos . . . .</td><td>| ? |</td><td>| ? | † | | |</td><td>† ? | | |</td><td>| | | ? |</td><td>0 | | | |</td><td>? | ? |</td></tr>
<tr><td>Rocha . . . .</td><td>† |</td><td>| | | | | |</td><td>| | | | 0</td><td>| | ? | | | |</td><td>| |</td><td>† | † † | | |</td></tr>
<tr><td>Almeida . . . .</td><td>† | ? |</td><td>| | | | | | | |</td><td>| | 0 |</td><td>| | | | |</td><td>|</td><td>? | † | | | †</td></tr>
</table>

Explicação dos signaes: 0 = inexacta; ? = muito vaga; | = exacta; † = resposta de maior exactidão.

(*) Para maior facilidade, substituo os nomes allemães por appellidos usuaes na lingua portugueza.

(N. do trad.)

PROGRAMMA

Dos exames na escola normal para professores, e na escola primaria annexa áquella, em Bielitz.

Quarta-feira 13 de Agosto de 1868

ESCOLA ANNEXA.

1ª CLASSE (A MAIS BAIXA DE TODAS)

Côro inicial cantado por todos: *A' ti, á ti, Jehová.*

Horas posmeridianas.		
2—2 1/2.	Historia Biblica	Rocha (*)
2 1/2—3.	Allemão.	Almeida.
3—3 1/2.	Calculo	Martins.

2ª CLASSE

3 1/2—4.	Religião.	Almeida
4—4 1/2.	Calculo	Rocha.
4 1/2—5.	Corographia patria . . .	Pereira.

(*) Os appelidos aqui figurados são os dos alumnos da escola normal designados para examinar os meninos da escola annexa, ás horas e sobre as materias aqui indicadas.
(N. do trad.)

Sexta-feira 14 de Agosto.

3ª CLASSE.

Côro: *Alerta meu coração!*

Horas antemeridianas.		
7 1/2—8.	Religião. (*)	
8—8 1/2.	Allemão. Por excepção: o normalista	Coelho.
8 1/2—9.	Geographia.	
9—9 1/2.	(Esta ultima meia hora é destinada para descanço).	

ESCOLA NORMAL.

1ª CLASSE.

9 1/2—10.	Allemão.
10—10 1/2.	Geometria.
10 1/2—11.	Theoria da harmonia.
11—11 1/2.	Lingua Bohemia para a 2ª classe.
11 1/2—12.	Dita Polaca para a 3.ª classe.

2ª CLASSE.

De tarde:	
2—2 1/2.	Religião.
2 1/2—3.	Mathematicas.
3—3 1/2.	Pedagogica (sendo examinador: o proprio director da escola).

(*) Escuso mencionar, como no original, os nomes dos *professores da escola normal*, e seus adjuntos, que são os examinadores nas materias da 3ª classe da escola primaria, e nas da normal em que são examinandos os proprios normalistas.

(N. do trad.)

3ª CLASSE.

3 1/2—4. Religião.
4—4 1/2. Allemão.
4 1/2—5. Pedagogica (como acima).
6—7 1/2. Exame de gymnastica, com todos os alumnos, tanto da escola normal como da primaria annexa, no local dos exercicios gymnasticos desta ultima.

1.º Exercicios de corpo livre.
2.º Ditos com instrumentos e apparelhos.
3.º Canto final: O Hymno Imperial.

PARA O ENCERRAMENTO DAS AULAS DO 1º ANNO NO SABBADO, 15 DE AGOSTO DE 1868, DAS 9 1/2 A'S 12 HORAS.

(Convite da directoria da Escola-Normal dirigido ás pessoas que tem de assistir a esta solemnidade.) (*)

Passou-se o atribulador dia dos exames. A grande quantidade de notas, tomadas pelos observadores nos seus canhenhos, carece de ser manipulada e estudada; em tempo e a horas competentes se procederá a este acto.

Mas falta ainda uma cousa essencial.

Os exames não trazem sómente contas a dar em

(*) O convite é concebido em duas palavras, indicando o programma da festa, que consiste em cantos coraes, recitações de poesias, peças de musica vocal e instrumental com piano, rabecca e orgão, tudo executado pelos alumnos das duas escolas.

No programma vem todos estes objectos designados pelos seus titulos, epigraphes, nomes dos autores, etc. A exposição, que se segue do Dr. Stoy explica o mais.

(N. do tradut.)

certo e determinado dia; occasionão tambem *a festa da colheita*. Para esta segunda metade destina-se a manhã do dia seguinte ao dos exames. O programma, sob o modesto titulo de «Para o encerramento das aulas» annuncia uma serie de peças de canto e declamação.

Todos entrarãõ cam o seu contingente para esta festa, desde os alumnos os mais pequenos da classe elementar, até aos normalistas os mais velhos.

Principia a festa cantando toda a communidade escolar o grande côro: *Do fundo do meu coração;* depois, seguem-se promiscuamente as outras partes do programma. Porém, nessa variedade de producções o attento observador descobrirá a uniformidade do todo; reconhecerá que as poesias e canções guardão entre si harmonia, que as *canções* emprestão uma certa expressão á *poesia* precedente e são echos della. Assim, por exemplo, depois de terem dous dos alumnos elementares recitado as fabulas *A criança e a andorinha, Todos bem contados* — tiradas dos conhecidos *quadros do mundo animal* por Hey e Spekter, sendo que nellas se allude ao Creador, que compraz-se na satisfação das suas creaturas, — entoão os pequenos cantores, isto é, toda a classe uma alegre canção manifestando o prazer da vida, e cujas primeiras palavras são: *Estão presentes todos os passaros*. Ou, quando mais tarde a classe superior acaba de cantar o «*Principe Eugenio*,» recitando em seguida um dos alumnos da mesma classe a poesia do «Primeiro Babenberg (*) na Marca Oriental», serve essa peça como que de introducção para cantar-se o hymno popular austriaco. E assim por diante.

Ha ainda uma circumstancia que não poderia escapar ás vistas de um pedagogo. Os assumptos desti-

---

(*) Nome de uma antiquissima familia nobre da Allemanha.
(N. do trad.)

nados para cada uma das classes formão um pequeno todo, e representão um pequeno circulo de objectos intuitivos, de sentimentos e tendencias. São precisamente cousas estas, com que o nobre poder da educação deve familiarisar a mocidade no estadio da vida para isso destinado; a poesia e a musica entrão no numero dos melhores auxiliares da educação.

E' por esta fórma que o programma da festa offerece *á classe elementar* quadros e vozes que fazem com que ella se alegre de vêr a primavera e o mundo creado, se interesse pelos animaes— esses amigos mais chegados ás crianças—, e encha-se de gratidão pela bondade de nosso Pai no Céo. A *segunda classe* aprecia os cordatos *camaradas* de Uhland, a força e valentia da espada de Siegfried, indigna-se contra a inercia dos habitantes da « Ilha-Utopia » (*Schlaraffenland)* (*), e parece querer acompanhar o Guilherme Tell armado de bésta e settas.

O que acima expendi a cerca da 1ª e 2ª parte dos exames elucidará a seguinte proposição, que para mim tinha o valor de um axioma quando tratei de organisar a escola normal:

Para a vida de um estabelecimento escolar, os exames são uma instituição indispensavel, moral e justificada pela pedagogia. Primeiro que tudo, são necessarios para os paes dos meninos, que, achando-se pela sua posição muito afastados da escola e imbuidos das idéas da sua mocidade, não comprehendem as exigencias das novas doutrinas escolares, e por isso não podem intellectualmente acompanhar a marcha de seus filhos; devem pois querer formar uma idéa viva do caracter e qualidade dos professores em exercicio, devem aprender a medir seus filhos pela bitola dos de outros; por occasião de semelhante festa da *colheita,* sentirão crescer-lhes a sua consideração e reconhecimento para com a escola, ficarão esclarecidos sobre as ideias correntes a respeito da instrucção e educação, e poderão assim mo-

dificar as suas proprias ideias e continuar a illustrarem-se. Tambem os alumnos e professores precisão desse dia de *vindima*, bem entendido, por outros motivos igualmente importantes.

Quaesquer que sejão as queixas existentes, e até comprovadas por factos, sobre a parte illusoria de aparentados exames, sobre certos processos usados para *esquentar* ambições, sobre os juizos falsos proferidos em relação a alumnos de caracter especialmente timido ou especialmánte audaz, e outras censuras notorias, a verdade é que todo o homem, que reflectir seriamente sem se deixar levar por preconceitos, dará sempre muito pezo aos motivos acima especificados ou alludidos, e ficará convencido da necessidade que havia de serem antes de tudo remediados os males, —que no decurso dos annos tem-se insinuado no systema escolar, sob a influencia de toda a especie de circumstancias prejudiciaes. Possivel será descobrir os melhores antidotos daquelles venenos, que facilmente e com tanta frequencia se misturão nos exames.

O grande segredo, de que depende o beneficio proveniente dos exames, está na *sinceridade* e *clareza dos mesmos exames publicos.*

A escola normal de Bielitz acha-se de posse desse segredo, e procurará conservar o direito da publicidade dos exames como um thesouro precioso.

IV

PREVIOS ESTUDOS DE APPLICAÇÃO

O acto dos exames, entendido pela maneira acima exposta e motivada, significa as contas que se devem dar perante as familias, as autoridades, a congregação dos lentes, e a propria consciencia.

O estabelecimento normal que se conformar com aquelle pensamento, terá necessariamente de executal-o, fazendo com que a prestação de contas se realise de facto e seja determinada em uma *conferencia* especial.

O nosso instituto vai ainda mais longe na applicação deste principio. Se moralmente insistimos muito em que o principiante no exercicio do magisterio lembre-se *constantemente* da responsabilidade que lhe toca (pag. 42), é para que ao principiante se proporcionem durante o anno lectivo muitas occasiões de prestar contas ao director e seus ajudantes, com o fim de firmal-o naquelle sentimento.

Se, emfim a educação dos professores na escola normal deve ter por objecto final dar-lhes um certo grau de independencia pedagogica e crear para o individuo a capacidade de continuar a instruir-se por si mesmo, os exercicios instituidos afim de poder cada um sempre revistar e ajuizar a sua propria praxe, são o passo preliminar o mais natural; e a frequencia

bem motivada desses salutares exercicios é uma medida indispensavel.

Nestas razões ponderosas se fundão as providencias tomadas pela escola normal, para favorecer os previos estudos tendentes ao emprego da praxe pedagogica.

A primeira occasião mais obvia offerece-se nas visitas do director e do prefessor-modelo aos normalistas nas horas em que estes leccionão. Nenhuma dessas visitas será infructifera. Depois de finda a prelecção—mas nunca em quanto ella dura—o joven professor ouvirá n'uma entrevista a sós as observações e indicações dos seus lentes. Mas, será sufficiente esta coadjuvação, desde que se trate de educar os alumnos em ideias de independencia? Não por certo; cumpre tambem que o aspirante ao magisterio *se observe a si mesmo*, que tenha consciencia de si, e apprenda a disciplinar-se! E isto aprende elle, tanto na parte moral como na parte pedagogica seguindo e ajuizando o procedimento de outros.

Portanto, no plano dos mencionados estudos de praxe, seguir-se-ha a marcha seguinte:

Primeiro, deverá o principiante, ouvindo e guardando as lições dos experimentados professores que lhe servem de modelo, cuidar da applicação dos principios magistraes que já lhe houverem sido explicados;

Depois, attenderá ao juizo que proferir o director ou o professor-modelo sobre os seus primeiros ensaios de prelecção;

Em seguida, tentará fazer elle mesmo a critica judiciosa das prestações de seus companheiros de ensino;

Finalmente deverá apresentar uma analyse critica de qualquer prova de lição dada por elle mesmo.

O pensamento de semelhantes estudos criticos, em geral, está admittido até certo ponto em todos os estabelecimentos para a formatura dos professores; faltava-lhes porém as condições fundamentaes, que garantem um bom resultado.

Estas condições, que são duas, consistem em um

plano adoptado para progredir-se methodicamente em tal iniciação dos alumnos no processo dos juizos a enunciar bem como no dos referidos estudos de applicação, e nos *detalhes e extensão dos respectivos exercicios.*

Ora, supponhamos que estão dados os primeiros passos acima referidos: o circulo dos normalistas interessados no ensino da escola primaria annexa á normal poderá então entrar n'uma serie de exercicios permanentes, que se reproduzirãõ regularmente, e isto pela fórma que abaixo se segue.

Uma vez por semana, a determinadas horas, reunem-se os ditos normalistas com o director e o professor-modelo em uma das salas da escóla normal; designão-se dous daquelles alumnos como « Praticantes » para fazerem, cada um por espaço de meia hora, uma prelecção de ensaio que para si mesmo terá a apparencia de um exame. Cumpre que tanto a materia como a classe haja sido previamente escolhida na semana precedente, e que assim já estejão preparados para o acto os dous praticantes.

Cada um dos outros normalistas, e os professores, assentão-se no fundo da sala tendo na mão o seu canhenho de notas,—sem o qual um normalista nunca deve sahir do seu quarto—, e todos cuidadosamente vão tomando suas notas, em quanto o primeiro e depois o segundo praticante faz a prelecção sem ser interrompido por ninguem.

Passados dous dias, torna a reunir-se a mesma roda de discipulos, mas então no *Auditorio* do estabelecimento normal, para o «juizo critico» (*criticum*), isto é, como o nome o indica, para uma conferencia de censura.

Nesta occasião dá-se ao primeiro praticante a palavra para proceder á *critica de si mesmo.*

De ordinario, nas primeiras semanas escasso é o resultado desse juizo emittido sobre um acto proprio; limitão-se os praticantes,—ainda que já tenhão passado do grau preparatorio—, a apontar um ou outro

descuido, a desculpar-se em termos geraes, e a appellar para a indulgencia dos *censores*.

Mas depois, as cousas mudão de figura. No caso vertente, depois de ter o director especificado os defeitos do juizo enunciado, indicando ao mesmo tempo as correcções precisas, exige-se de cada um dos praticantes uma critica de igual genero *por escripto* e bem meditada : d'ahi principia um novo *stadium*.

Ao praticante segue-se, na referida conferencia para a censura, um « Censor-mór » com antecedencia já incumbido de applicar o *praticum* ; traz igualmente á sessão uma extensa dissertação de censura com vagar bem elaborada. Pouco a pouco vão-se tornando estes trabalhos mais perfeitos, isto é, mais succulentos, mais coordenados debaixo de certos pontos de vista, e bem definidos segundo as quatro ideias primas de : materia de ensino, methodo, technologia e disciplina. O alumno julgado tem o direito de defender-se, quando e onde pense ter sido mal comprehendido, ou ter soffrido um juizo errado.

Os demais assistentes á conferencia completão com os resultados de suas proprias observações os do censor-mór ; e, sendo preciso, responde-lhes tambem o praticante.

Depois de tudo isso, profere o director a sentença final, confirmando as asserções de uns, refutando as de outros, mas sempre de maneira que complete o acto, resumindo, e dando as suas razões tiradas da theoria pedagogica. Um secretario expressamente nomeado, redige com cuidado a acta do que se passou na conferencia, reservando-se para a sessão seguinte a tarefa de ouvir a leitura dessa acta, de repetir os pontos principaes, de examinar e corrigir semelhante relatorio. A conferencia, em que por esta fórma se trata de ambas as prelecções de ensaio, dura sempre algumas horas.

Na verdade, a celebração do tal *criticum*—conferencia de censura—exige da parte do director grande dóse de paciencia e abenegação ! Primeiro que tudo,

é preciso ouvir tranquillamente e com resignação os juizos ainda verdes daquelles principiantes, conceder a todos (sendo alguns de caracter bem exquisito) o direito reconhecido *de poderem manifestar-se livremente.* De outro modo, como seria possivel fazer-se uma emenda, produzir uma impressão mais profunda? — E' preciso, outrosim, prevenir quaesquer motivos de desgosto, de discordia ou azedume.

Muitos ha, de caracter sensivel e facilmente irritavel, com quem é necessario pezar bem as expressões de censura; sem isso, se o censurado quizesse agastar-se ou alterar-se, o que seria do *criticum?!..*

Comtudo, havendo alguma prudencia e boa vontade, podem-se facilmente evitar esses perigos. Se, logo nas primeiras sessões *dos censores,* fôrem bem percebidos os mais leves signaes de dissonancia, se alguem os trouxer á luz do dia, para julgal-os e afugental-os por meio de appellos feitos ao espirito, então ficará a paz garantida quasi para sempre. Mais tarde, quando surjão semelhantes accessos provocados por falsa ambição, bastará uma palavra para acalmar as ondas e fazer novamente rebentar a toldada luz do amor á verdade... Oh! quanto é bello, e que prova de grandeza d'alma não é saber aceitar com sinceridade e desapaixonadamente uma censura merecida, sujeitando-se com abnegação á voz da verdade!

Assim é que paulatinamente ião os nossos principiantes se adestrando na arte de ensinar.

Torna-se desnecessario explicar, por meio de uma acta de *criticum* aqui juntada, o estado de conhecimentos didacticos a que chegou a classe superior da escola normal.

Porém um professor é tambem administrador da escola ou de uma classe. O principiante carece pois de ajuizar e occupar-se dos seus primeiros ensaios de serviço escolastico. E para este objecto destina-se uma segunda conferencia semanal de curta duração. Nella, os normalistas, que na qualidade de adjuntos ao professor-modelo servem de mestres substitutos de classe,

principião por fazer successivamente, de conformidade com a ordem adoptada para as materias, um relatorio sobre os trabalhos dos alumnos e o local das aulas; seguem-se as informações dos inspectores que funccionão nos quartos-de-hora de descanso, e as de cada um dos professores, a respeito de quaesquer penas impostas no decurso da semana, com os motivos que as houverem trazido, devendo-se bem examiminar se ellas forão ou não merecidas; e em conclusão fazem-se communicações concernentes aos *cuidados d'alma* com as individualidades de alguns alumnos, expressando-se ao mesmo tempo as esperanças ou os receios que devão ser submettidos á consideração e exame da communidade.

Desta maneira dá-se á *praxe escolar* o que de direito lhe pertence. O fructo que se tira de taes conferencias consiste no verdadeiro conhecimento que se deve ter da importancia das cousas, até das de menor monta, e no das causas que tenhão de produzir effeito harmonico sobre uma grande obra commum. Quanto mais nós, dirigentes, tivermos a peito mostrar-nos vigilantes e activos em proteger, e elevar o coração dos nossos normalistas dando-lhe calor, mais poderemos contar com aquelle precioso fructo.

C.—Da formação do caracter.

I

PRINCIPIOS A SEGUIR

1.º A formação do caracter não deve considerar-se cousa separada *do circulo de ideias* e, em geral, das «noções intuitivas da vida» nas quaes temos de procurar as raizes da vida d'alma.

Nesta conformidade, o ensino é o primeiro e principal «factor» na *formação do caracter* (*).

(*) Parece-me ser esta a verdadeira significação da ideia do autor; e a minha duvida provém dos seguintes motivos.

O caracter de um individuo requer qualidades *da alma*, mais essencialmente do que qualidades *do espirito*.

A expressão original allemã é: *Bildung des Gemüths*. Esta ultima palavra tem diversas accepções; significa ora *alma*, *coração*, certa *disposição do espirito*, (p. ex., alegre ou triste), e ora *caracter*; em todo o caso, traz á ideia funcções do ser moral humano differentes das da *intelligencia*, com o que o autor até agora tem-se mais occupado.

Uma das maiores difficuldades das traducções da lingua allemã é verter exactamente para a vernacula a sua vasta, e ás vezes tão mysteriosa, technologia scientifica.

Penso que o assumpto tratado no presente capitulo é o que nós chamariamos simplesmente a *educação moral ou d'alma* do futuro professor; e, importantissima como é esta parte, julgo dever assim prevenir o leitor, para que por si mesmo suppra ao que na minha traducção possa involuntariamente haver de vago ou menos claro. O termo *Gemüth* é quasi tão intraduzivel ao pé da letra, como o seria em outros idiomas a nossa palavra *saudade*.

(N. do trad.)

2.º O meio o mais directo de exercer sobre a vida moral (*Gemüths-Leben*) uma *influencia educadora* só póde consistir em dar aos sentimentos, ás disposições e ás tendencias, originadas de um «circulo de ideias» bem cultivado, a occasião de sobresahirem especialmente ; portanto, em fazer com que taes sentimentos etc., possão por um lado tornar-se claros e nobres, e por outro lado, fortalecer-se !

3.º Estes cuidados no recinto da escola normal são principalmente reclamados pelos sentimentos, pelas disposições e tendencias que dizem respeito ás relações da vida religiosa em commum, ás condições geraes da vida moral, e á vocação do futuro professor.

4.º As instituições e os costumes introduzidos são os meios que a escola normal emprega, para poder exercer profunda influencia no «desenvolvimento dos animos» (*gemüthliche Entwickelung*) de seus discipulos.

II

APPLICAÇÃO

E' principio inconcusso da Psychologia que a somma de todas as circumstancias attribuidas ao *caracter*, segundo a linguagem popular, não são senão secundarias, isto é, resultados das influencias reciprocas de imagens que produz o *conteúdo* do circulo de ideias particular a um individuo. A importancia do ensino, ao qual nas folhas precedentes assignámos uma força que educa e eleva a alma, basea-se neste principio. Ficamos, pois, na convicção de que um ensino bem organisado dará igualmente em resultado nobres tendencias de caracter; e que quaesquer erros e faltas commettidos no ensino acarretarão infallivelmente extravios e impurezas de caracter, se esses effeitos em tempo não fôrem paralysados por forças contrarias. Tambem, e por esta ultima razão, estamos firmemente convencidos de que toda e qualquer influencia directa exercida sobre o caracter tornar-se-ha incerta e inconsistente, se não lhe vier em auxilio um *circulo de ideias bem e competentemente sortido*.

Não obstante, penso que no interesse dos moços mais proximos da maioridade seria muito de desejar, como complemento de sua educação, que achassem sempre occasiões de poderem manifestar os sentimentos do seu coração e concentrar as aspirações pecu-

liares assim nelles implantadas, dirigindo-as para certos e determinados escôpos da vida.

Quem pretender realisar por outro modo a educação do caracter, e nutrir a esperança de alcançar effeitos permanentes, por exemplo provocando na alma emoções e influxos parciaes e de variadas especies com que a mocidade póde facilmente ser transviada, labora em grave erro e cedo ou tarde se arrependerá de não ter melhor cuidado em tempo da sua propria educação psychologica! As emoções e influencias da alma, são passageiras, são ondas que se desfazem sem penetrarem até ao centro do circulo de ideias; são tambem situações de que o homem feito e forte de sua conseiencia se envergonhará depois, se ellas não nascerem de dentro para fóra, como productos necessarios da mesma plena consciencia individual.

Em uma palavra, o meio o mais certo, o unico racional e susceptivel de produzir um resultado duradouro nos animos dos mancebos, é organisar instituições que tragão costumes cheios de vitalidade.

Esta creação é precisamente a parte com que se ultíma a organisação de uma escola normal.

Aqui, porém, não se trata de provocar actos que não sejão motivados, isto é, de proceder a meras demonstrações; seria querer prejudicar o fim com o meio empregado. O verdadeiro é ligar o ponto questionado com um que já exista liquido. Se conseguir-se, sem esforço nem trabalho de busca, juntar ás circumstancias dadas um incentivo para que a alma tome parte mais calorosa em tudo quanto se diz e se faz, poder-se-ha então contar com um resultado mais certo.

Mostraremos que ha nomeadamente tres circumstancias, no meio das quaes se encontram semelhantes centros para a vida moral dos normalistas.

1.ª Em tal caso, qual devia ser o meu primeiro procedimento?—E' sobre o que não me ficava duvida alguma.

O primeiro recurso consistia na *communidade de vida religiosa.*

A este ponto prendem-se os mais altos interesses do coração humano; além disso, certos usos e costumes ligados ás mais remotas reminiscencias da infancia, já existião com raizes profundas na alma dos nossos normalistas. Restava fazer com que todos concordassem nos mesmos sentimentos, de tal sorte que estes se traduzissem em actos, como a sua natureza o exige.

E' necessaria a sincera e calorosa intervenção do director e da congregação dos lentes para converter em habitos presados de todos o serviço divino de casa,—com que a communidade da escola normal principia o dia,—bem como a solemnisação do domingo e dias feriados; e para fazer da Santa Communhão uma necessidade do coração. Até nos exercicios musicaes, com um professor igual ao que actualmente tem a escola de Bielitz, pode-se facilmente inspirar aos exercitandos o gosto pelo estylo serio e *compenetrante* dos nossos córos, oratorios e motetes classicos, enriquecendo e fortificando a alma dos rapazes com sentimentos piedosos, á medida que nelles fôr se desenvolvendo o sentimento edificante e purificador da musica religiosa.

Se, porém, tratar-se desde logo de proporcionar a moços que ainda não tem uma profissão na sociedade occasiões de trabalhar a bem da mesma sociedade, teremos então um vasto campo onde cada um poderá mostrar o seu apêgo a ella, o seu amor christão, e o seu reconhecimento pelo dom particular que houver recebido de Deus. Oh! grande cousa é fazer tudo por alcançar a felicidade que semelhante lida traz comsigo e que contribue para animar e fortalecer o proprio lidador!

E assim foi que despertou-se e cultivou-se com lealdade na escola normal essa tendencia a tomar parte nos actos de amor do proximo, que praticão todos os fieis da Igreja.

Formou-se até entre os alumnos uma pequena associação, donde se escolherão alguns para o fim de cate-

chisar as differentes classes escolares por meio da palavra persuasiva e de narrações. Fizerão-se tambem preparativos para peças de musica séria com o fim de solemnisar a grande reunião annua.

2. Com este interesse pela prosperidade de toda a communidade Religiosa harmonisa-se bem o sentimento do espirito de classe dividido por pequenos circulos, *conforme as proporções de idade e modo de vida.*

Esta disposição de caracter faz tambem esquecer e relegar para longe o mesquinho *Eu:* razão bastante para induzir-me a creal-a e cultival-a com afinco.

Para isso offerecem occasiões, em primeiro lugar, todas *as festas patrias*, em que o coração dos concurrentes dilata-se, tanto nos casos extraordinarios decretados com a alta sancção do soberano, como nos que se reproduzem regularmente pelo anniversario natalicio do Imperador, e nos grandes dias de commemoração historica.

Além disso, entre os trabalhos desempenhados em corporação pela escola, um dos que mais contribuem para alimentar constantemente o sentimento da união, dos esforços e do ponto de honra communs, é a *gymnastica*, que obriga o individuo a subordinar-se sempre e sem reserva a todos. No mesmo caso estão os *passeios Gymnasticos*, com os seus pequenos padecimentos e gózos, e com as reminiscencias que delles nos ficam ainda depois de passados muitos annos. Assim como a gymnatica e os passeios gymnasticos, ha ainda a *Officina*, com os seus innumeros ensejos para prestação de serviços reciprocos, para exercitar a paciencia e ensinar a persistencia.

Taes eram as tres providencias ou instituições que devião ser adoptadas, e de facto o forão, com a cooperação do professor de gymnastica Brautigam (desde muito animado do mesmo espirito), como muito proprias para produzir sentimentos nobres e disposições de animo soffredor, habitos de voluntaria subordinação moral e abnegação no serviço prestado

à sociedade, constituindo ao mesmo tempo essas medidas um desafôgo fortificante de natureza elevada, e mais um motivo de reuniões para fins innocentes e pacificos.

Agradecemos a todos aquelles que neste empenho nos ajudárão, aos amigos que acolhião com abundantes refrescos de toda a especie os passeadores regressando das alturas do Glynuschock, aos que se demoravão com prazer no nosso local gymnastico para assistirem aos exercicios e gostavão de acompanhar com a vista o afanoso lidar da nossa officina! As mostras de interesse que nos dão os amigos são raios de sol que nem as mais bellas plantas podem dispensar.

Mas ainda não cheguei ao fim.

Havia para nós outro pequeno centro, onde podião manifestar-se os mais variados casos da vida moral: era a chamada *communhão domestica*. Por este nome designo a totalidade dos treze normalistas que gozavão do beneficio de habitação gratuita no edificio da escola, isto é, que formavão o internato.

Com semelhante agglomeração de pessoas em limitado espaço faz-se logo sentir a conveniencia de determinadas regras, pelas quaes os actos dos individuos fiquem sujeitos a certo constrangimento no interesse de todos. Havendo muitas necessidades iguaes, acóde-nos o pensamento de uma divisão do trabalho, e com esta o da creação de algumas funcções para a prestação de certos serviços; os esforços pessoaes de muitos nesse sentido trazem a possibilidade de collisões, e é então que se faz bem sentir a alta conveniencia de segurar a paz. São motivos, todos estes, que exigem que se appelle para as disposições de espirito de todos os membros da pequena sociedade domestica; o resultado patenteará o grau baixo ou elevado da moralidade dos socios, este mesmo com o tempo poderá baixar ou elevar-se ainda mais. O ultimo caso era o que eu desejava muito que se désse, e desde o principio convenci-me de que como organisador devia empregar nisso todos os meus cuidados.

Mas como? Não era facil determinal-o, tanto mais que dos membros do internato só alguns se conhecião uns aos outros, e todos me erão desconhecidos. Entretanto, a respeito da maneira porque devia exercer a minha influencia propria, não fiquei em duvida nem um minuto. Não se trata aqui de crianças, disse eu comigo, mas de moços; não se trata de fórmas nem de leis *à tout prix* (sic), mas de habitos viventes e fortes; não se trata de mera obediencia contra a vontade, mas de sugeição voluntaria ao mando; nem se tem em vista impulsos que partão do medo, mas sim os que nos vem do *espirito de Deus*, cujos fructos são o amor, a satisfação, a paz, a paciencia, a docilidade e castidade.

Estas considerações traçavão o proprio caminho. O que me cumpria era pôr o governo desse pequeno estado chamado «communhão domestica» nas mãos dos proprios cidadãos, e, com a livre co-participação d'elles, meditar sobre as necessarias providencias, deliberar acerca dos respectivos estatutos fazendo os alumnos cooperar para sua execução tomar medidas para a inspecção e fiscalisação de tudo, e até determinar penas. Importava igualmente muito garantir a liberdade das manifestações francas, quer fossem de louvor ou de censura. Desta maneira é que eu e os meus alumnos internos fizemos um *regulamento para a communidade domestica*: pesámos bem os artigos um por um, e determinámos exactamente todas as condições da nossa vida caseira, assim como a qualidade dos correspondentes serviços que tinhão de ser prestados pelo «Official do dia» (*Diarius*) incumbido de velar sobre a ordem e o aceio dos objectos e pelo Inspector semanario.

Além disso, no fim de cada semana havia uma reunião para ouvirem-se relatorios, queixas, questões, e informações espontaneas sobre pessoas e occurrencias, ou desavenças e offensas irrogadas.

A estas reuniões devo muitas reminiscencias agradaveis.

Fiel ao meu principio, evitei sempre exercer qualquer influencia ; nada queria obter por meio da pressão. Porém, dizia o art. 4 do regulamento: «Para todas as reuniões da communidade será convidado o Sr. director, e em todos os negocios solicitar-se-ha o seu conselho». Ora, assentando-me eu como amigo e conselheiro paternal no meio desses meus filhos adoptivos, foi-me sempre possivel corresponder á varonil seriedade com que o pequeno estado tratava de seus negocios, apresentando sob a fórma de um parecer bem fundado muitas propostas aceitaveis ; e assim produzia um beneficio tão grande, que outro igual nunca houve trazido por ordens dadas ou exigencias feitas.

Esta posição por mim tomada tornou-se salutar e de optimo effeito, sobretudo quando principiárão a manifestar-se certas desavenças, infelizmente muito frequentes entre moços oriundos da Galícia, Bohemia, Moravia e Silesia. Nestes casos, quanto não teria sido facil á encoberta faisca causar um incendio?! Mas eu tratava logo de afugentar o demonio da discordia com algumas palavras amigaveis, como estas por exemplo: « A vós futuros servidores do evangelho, não fica bem viverdes em guerra uns com os outros, renegando o signal distinctivo por onde o Senhor quer conhecer os seus.»

E assim, apezar do estreito contacto que existe entre as differentes nacionalidades, no alto do morro em que está situada a escola ficavamos ao abrigo das ondas revoltas, cujo bramido lá ao longe chegava das terras da Bohemia até aos nossos ouvidos ; e o observador que entrasse no nosso recinto, sempre aberto a todos, podia estar certo de encontrar *uma imagem da união*, como a présa o psalmista (Ps. 133, 1).

3. No meio destas circumstancias internas resultantes da vida em commum, acharemos sem duvida o animo do normalista preoccupado com o ponto objectivo da sua vida pessoal e dos seus esforços, isto é com a *sua futura vocação*. Como a figura

elle a si mesmo? Em que relação estão com essa ideia os seus sentimentos, seus desejos, suas esperanças e tendencias?

Isto depende inteiramente do seu caracter posto em acção.

O que fôr egoista, pensará a respeito da sua vocação differentemente daquelle que mostrar-se cheio de affectos; o indolente e de caracter frio, não pensará como o homem activo e de alma calorosa. Igualmente, á ideia que se fizer daquella vocação, como ponto de reunião dos mais diversos e vehementes desejos, podem juntar-se influencias de toda a sorte que se sintão profundamente.

A este respeito, todo o meu esforço reduzia-se a representar aos futuros candidatos a sua vocação de professor como respeitavel, mas cheia de difficuldades e exigindo grandes sacrificios.

A primeira condição para alcançar este grande fim consiste naturalmente em alargar o *circulo de ideias* do normalista, esclarecendo-o por todos os modos sobre as suas obrigações como futuro professor, em mostrar-lhe a sua carreira sob todos os aspectos á luz a mais propicia, de maneira que esta se apresente á sua alma com todas as suas importantes exigencias e com os seus encantos ideaes. Por estar disso convencido, é que escolhi precisamente este assumpto para o meu discurso de inauguração da escola normal no dia 9 de Dezembro de 1867; e no mesmo sentido tenho aproveitado, em todos os objectos apropriados das minhas prelecções e commentarios sobre Pedagogica, a ordem de ideias alli desenvolvida para fundar uma opinião verdadeira a respeito da carreira do professorado.

Mas, neste negocio tudo não consiste em tornal-o comprehensivel. A questão é, quaes as occasiões mais proprias para manifestarem-se de facto estas impressões, estes sentimentos e vistas?

A primeira de todas que se offerece logo á mente

é o proprio festejo do anniversario de 9 de Dezembro, dia da inauguração.

Sobre a significação do magisterio na religião evangelica, nenhuma predica se poderia inventar mais alta e mais valiosa do que a que por si mesma resulta da celebração desse dia, dia de triumpho e descanso após um anno de cuidados e lutas incessantes pela existencia de uma escola normal. « Com effeito, deve ser uma grande e sublime ideia, a que nestas proporções tem posto em movimento as mais nobres forças dos homens de caracter elevado, e tem animado centenares de communas, e circulos ainda maiores, como p. ex. a *Associação de Gustavo Adolpho*, inspirando-lhes até sacrificios»;—assim dirá esse *dia* a todas as gerações vindouras de normalistas. E,—proseguirá elle—, como tem acontecido em todas as regiões da Austria e Allemanha, onde tal ideia tem despertado tão grande interesse, do que derão livremente provas tambem a Hungria, a Transylvania e Thuringia, Carinthia e Baixa Austria, Hamburgo, Hanover e Saxonia, o vosso presado estabelecimento ahi está como um verdadeiro fóco de educação magistral pelo qual todos altamente se interessão, e que todos respeitão.

Se esta é, para assim dizer, a propria lingoagem do dia, exprimindo aquillo que o orador da festa não faz senão interpretar, será possivel que a elle não se cheguem os alumnos do estabelecimento, como se fossem ter com uma querida mãi, solemnisando-o com cantos e discursos festivaes, e, no meio da festa, manifestando por signaes de jubilo e contentamento a grata consciencia que tem da sua alta vocação ?

Uma vez que, de conformidade com este salutar pensamento pedagogico, se tenha reconhecido como uma tradição necessaria á escola a instituição de semelhante *festejo, tão importante* para a alma dos normalistas, não deixará de apresentar-se outra occasião, outro incentivo d'igual natureza devido ás necessidades correntes.

Os aspirantes ao magisterio em todos os paizes

são geralmente, e quasi sem excepção, pessoas pobrissimas. Em presença das ferrenhas circumstancias actuaes, o magisterio não tem attracção alguma para os filhos de familias abastadas; os moços que entrão para a escola normal precisão, pois, pelo menos do auxilio da instrucção dada gratuitamente; a maior parte delles, carece até de habitação, comida, vestuario gratuitos, e de dinheiro (*).

Onde, como entre nós, a concessão de taes beneficios não depende pura e simplesmente da entrada no estabelecimento, mas é feita especialmente a certos individuos, o Director que os educa apreciará muito a occasião assim offerecida de fazer dessa concessão um acto solemne e ponto da concentração de todos os sentimentos jubilosos. A isso ninguem deverá objectar que, recebendo por esta fórma subsidios destinados a serem considerados, não como remuneração de prestações, mas principalmente ou só como um beneficio, os moços assemelhar-se-hão antes a mendigos que vem receber publicamente esmolas, resultando dahi uma offensa ao seu amor proprio, ao que de certo não se poderia dar a denominação de *salutar influencia* sobre o caracter.

Quem assim pensasse mostraria querer sustentar uma ideia superficial e grosseira.

Levado pela minha convicção e pelo jubilo que me causava o *festival dia da distribuição dos subsidios*, tenho despertado nos meus normalistas um sentimento elevado da dignidade inherente ao seu estado e futura profissão, em contraste com aquelle motivo de receio, fazendo-lhes vêr que esses abundantes soccorros não erão esmolas, mas sim contribuições para formar professores verdadeiros,

---

(*) A esta verdade universal só podemos responder no Brasil: *Cogitemos bem do caso.* Por isso sublinho todo o paragrapho. Vide pag. 87 do original.

(N. do trad.)

como instrumentos do Espirito Santo; e com toda a razão, equiparava as subvenções a um emprestimo que mais tarde cada um teria de restituir, conforme a sua aptidão ao trabalho e consciencia no desempenho do seu cargo, podendo até fazêl-o durante o curso normal si se mostrasse zeloso e fiel ás suas obrigações.

Para estas expressões achei uma base, e para taes sentimentos, um interprete, em um verdadeiro modelo: em *Pestalozzi*. Tornou-se então facil provocar o caso de poderem-se distribuir as subvenções justamente á 17 de Fevereiro, dia da morte daquelle philosopho. «Tratai de imital-o,—parecia esta data dizer aos normalistas—, na anciedade com que elle procurava o maior bem, e no valente amor com que se interessava pelo povo *destituido da falla*.»—Já não é pouco gravar por esta fórma e com côres ideaes, em almas juvenis, semelhante imagem da sua futura profissão.

A solemnidade da recepção e despedida são dous outros ensejos que se offerecem para festejar em bôa hora as grandes promessas que se fazem com a alma sobrexcitada. Oxalá que todos, ao saudar os novos alumnos que entrão e dizendo adeus aos que se despedem, ouvissem sempre da boca do seu Director: que neste estabelecimento forma-se uma liga para muitos lutarem e produzirem nobremente em commum, «para trabalharem na vinha «do Senhor;» uma liga, em que se baseão as promessas reservadas aos homens que sabem ser leaes; uma liga, emfim, da qual cada membro digno associa-se aos actos dos maiores bemfeitores da humanidade!

«Mas, objectaráõ alguns, preconisar por esta forma a dignidade do magisterio não é formar alumnos de caracter orgulhoso e altaneiro que, enchendo-se de vaidade (cousa tão commum entre os professores!) irão se espraiar em phrases só proprias de reformadores do mundo, em vez de trabalharem silenciosamente e

com submissão?» Quem alimentar semelhantes receios infundados, terá sem duvida esquecido que a presumpção é filha da ignorancia; e tanto se cuida em proporcionar aos alumnos desta escola normal um saber solido e uma educação progressiva, que seria antes de temer o contrario, isto é, a pusillanimidade e o desanimo em face da grandeza das exigencias. Esse homem terá igualmente esquecido que nunca fizemos o elogio do officio de professor, sem ao mesmo tempo insistir sobre a extensão das suas obrigações e a pezada responsabilidade que lhe cabe.

Seguramente, este sentimento de humildade ante a importancia do problema a resolver é ponto que já se tratou de zelar por meio das conferencias acima mencionadas no capitulo dos «Estudos de applicação». Se nellas dominar espirito de sinceridade, de impavidez, de dedicação e paz, cada uma dessas conferencias será uma verdadeira escola de sujeição e abnegação de caracter. A sabedoria pratica descobrirá ahi algum signal para que de tempos a tempos se dê áquelle sentimento alta expressão, ora *accentuando* certas tarefas difficeis, e ora facilitando a recapitulação e retrospecto dos actos precedentes com todos os seus defeitos.

Por tarefa difficil entendemos nós especialmente *o trato com os individuos*. E como nas conferencias as informações a respeito delles e a respectiva sua apreciação fazem parte da ordem do dia, é preciso que em cada uma dessas reuniões se desperte o sentimento da fraqueza e se sinta a necessidade de progredir no dom de disciplinar e bem conhecer os individuos. Dahi á outra tarefa de tomar a analyse e descripção do caracter pessoal de alguns discipulos da escola pratica por objecto unico de uma conferencia especial, a distancia é mui pequena!

Mais uma instituição, acima já apontada, cumpre-nos aqui referir, e é a das *conferencias de regosijo*, que serve para a recapitulação e retrospecto dos actos.

Quando tive a felicidade de chegar com os meus jovens trabalhadores á vigesima-quinta conferencia, resolvi não passar á vigesima-sexta, sem primeiro convocar, para assim dizer, «os espiritos» das precedentes a uma solemne reunião separada, e sem que se prestassem contas sobre os diversos erros commettidos, sobre as tentativas de melhoramento e as novas tarefas ainda por acabar. Foi então que a satisfação sentida pelos meus jovens professores (como a sentiria o viandante chegado a um ponto de parada e com uma perspectiva qualquer diante de si) teve de soffrer o seu verdadeiro contrapezo : a impressão final produzida em todos elles foi a de um terror salutar em face da quantidade e extensão de seus deveres. Por pouco que cada um tivesse vocação real, deve ter pautado a sua confiss o e o seu proposito pelas palavras da biblia : « Ainda não apanhei a caça, mas ando-lhe no encalço ».

Sejão estas ultimas palavras tambem as da minha conclusão.

Descrevendo a organisação da escola normal de Bielitz, expuz muitas vezes a maneira por que tenho procurado *alargar e aprofundar* a primeira educação indispensavel para o magisterio, e tentei marcar com *theoria viva* o caminho da instrucção dos professores, solidificando-o por meio de conscienciosos *trabalhos preliminares*, de *trabalho sério* e de *estudos de applicação* feitos com cuidado ; disse tambem como é que, dadas certas circumstancias e relações, pode-se com *instituições e costumes* naturaes encher de espirito christão todo o caracter que se tem de formar.

Praza aos céos que á minha presada escola normal nunca falte um director capaz de augmentar e aperfeiçoar os meus *plantios* incompletos ; um homem emfim, que ao espirito esclarecido pela sciencia reuna um coração fortemente piedoso como christão, e sentimentos de puro affecto e lealdade !

RELATORIO (*)

Sobre o ensino dado no 1° anno lectivo de 1867 a 1868.

A.—Para a instrucção escolastica.

I

RELIGIÃO

Clase 1ª—5 horas de lição (por semana) *Noções da Biblia*: A Biblia em geral. Os livros do velho testamento. Scenas historicas do velho e novo testamento. *Disposições* e resumos.—*Para leitura:* O texto das ditas scenas. Trechos importantes do velho testamento.—*Para decorar*: Psalmos, sentenças e canticos

---

(*) Conservo o termo (*Bericht*), posto que aquí não se trate senão de um summario dos *Pontos* leccionados, e actos praticados.

Quem analysa com attenção este summario, facilmente descobrirá quanto cuidado se empregou na escolha das materias que mais tendem a educar a alma do que a abrilhantar o espirito. E' o que se pode notar sobretudo na selacção das obras de bella litteratura, que como as de Pestalozzi, Klopstoch, Lessing, etc., favorecem mais a cultura dos sentimentos moraes elevados do que a instrucção litteraria, ficando assim muito attendida a necessidade de promover na escola o elemento essencialmente educador.

(N. do trad.)

Classe 2ª. — 5 horas. Profissão de fé da igreja christã. Livros dos prophetas do velho testamento. O que ha de mais importante nas differenciações das seitas christãs. — Prelecção sobre os mais notaveis poetas lyricos, como Paulo Flemming, etc. —Canticos, sentenças.

Classe 3ª. — 4 horas. Doutrina, resumidamente. Historia do povo israelita. Historia da igreja christã. Historia resumida do canto religioso. Poetas notaveis nos cantos religiosos. Trabalhos por escripto sobre diversos capitulos dos evangelistas.—Canticos, sentenças.

Classes 1ª, 2ª e 3ª. — Combinadas, 2 horas. Em uma das horas, ensinarão-se : a geographia biblica do velho testamento, antiguidades hebraicas, a origem, formação e caracter das prophecias ; lêrão-se : o propheta Joel, alguns trechos das epistolas de S. Paulo, depois de feito um curto esboço da sua vida e doutrina. Na outra hora, explicárão-se os evangelhos do domingo.

II

LINGUA E LITTERATURA ALLEMÃAS

Classe 1ª. — 7 horas. — Lerão-se e analysárão-se os *numeros* mais faceis do compendio de leitura de Lüben, contendo poesias lyricas e narrações em versos, bem como fragmentos de prosa sobre assumptos de historia natural, cosmographia, historia, sciencias sociaes, philosophia popular, religião, tudo tirado das obras de autores classicos.—*Para leitura privada:* Linardo e Gertrudes, de Pestallozzi (e outros *livros classicos allemães que no original se mencionão*).

Juntamente com essas leituras, procedeu-se a numerosos exercicios oraes e por escrito para apprender a narrar, definir, dispôr ideias, fazer excerptos, imitar, inverter fórmas, descrever e figurar (utilisando-se ainda para esse fim themas classicos ou imaginados).

Decorárão-se: João o Saboeiro, por Hagedorn; Damocles, por Gellert; O Cantor, por Gœthe; Imperador e Abbade, por Bürger; Os Grous de Ibikus, por Schiller...... (*e outras poesias ligeiras de afamados autores*)

Grammatica de Bauer: Das differentes especies de palavras: Substantivo e suas diclinações, Adjectivo, Numero e Pronome. Genero dos nomes. Palavras com diversos generos e diversas significações, embora tendo o mesmo som. Verbo e suas conjugações. Adverbio. Preposição. Conjuncção. Interjeição. O mais essencial quanto á formação das palavras. Oração simples, contrahida, e composta. Exercicios de syntaxe e orthographia.—Forão postos nas mãos dos alumnos o *Diccionario escolastico* de Vogel e o *Catecismo de orthographia* por Sander.

Classe 2.ª — 3 horas. — Para leitura: Diversos trechos (*mencionados no original*) de Klopstock, Lessing, Wieland e Herder, sobre assumptos mais sérios do que os marcados para a 1ª classe.

Leitura privada: Trechos escolhidos das Odes e da Messiade de Klopstock. Fabulas, Dissertação sobre o epigramma e a fabula, e cartas sobre litteratura, tudo de Lessing. O Cid, de Herder. Vida e obras de Lessing, por Stahr. Poetas e prosadores allemães, por Paldamus. Poetica de Minkwitz. Livros populares sobre historia natural, por Bernstein.

Decorárão-se: Diversas poesias (*mencionadas*) de Schiller, Uhland, Klopstock, Lessing, e algumas canções do «Cid».

Fez-se constantemente referencia aos pontos principaes da Grammatica.

Exercicios continuos para aprender a definir ideias e expressar pensamentos oralmente e por escripto.— *Para themas:* A ceia de Leonardo de Vinci ; o canto, segundo as poesias de Gœthe, Schiller e Uhland : o hymno ; a ode e a elegia ; Klopstock considerado como poeta de Odes ; a Messiade do mesmo autor, estudada segundo a sua materia, ideia, fórma e historia.

Comparação da vida humana com um rio ; distribuição domestica do tempo ; considerações sobre o « Magico-apprendiz » de Gœthe; Minna von Barnhelm (entrecho, plano, caracteres, ideia, etc); o que é a Associação de Gustavo Adolfo ?

Classe 3.ª 3 horas.— Para leitura :

(*Indica o original ainda varias peças importantes em prosa ou verso, escriptas por Gœthe, Schiller e outros autores celebres, como se achão colleccionadas no compendio de leitura de Lüben).*

Para leitura privada :

Trechos principaes da Iliada e da Odyssea de Homero, traduzidos por Voss. O Tasso. Poetica de Minkwitz.

A prosa de Göthe e Schiller, analyzada por W. Schœfer. O Parnazo allemão, por Minkwitz ; Linardo e Gertrudes, por Pestalozzi. Livros populares sobre historia natural, por Bernstein.

Decorarão-se : O pescador, por Gœthe ; o annel de Polykrates ; Monologo de Guilherme Tell, na tragedia desse nome, por Schiller (*e outras poesias*).

Exercicios continuos de coordenar ideias e exprimir pensamentos, quer verbalmente quer por escripto.

Para themas : O zelo. As cousas pequenas constituem muitas vezes a origem das grandes . Poder da cantoria sobre a amizade. Plano, acção dramatica, caracteres descripção poetica, e historia da « Iphi-

genia », tragedia de Gœthe. Importancia da associação de Gustavo Adolfo.

Como os alumnos da 1ª classe, os da 2ª e 3ª fizerão uso do diccionario escolastico de Vogel e do catecismo de orthographia de Sander.

III E IV. (*)

. . . .

V

HISTORIA

Classe 1ª—2 horas.—Introducção á historia. Esboços da historia do Oriente. Historia grega. Dita Romana, em esboços ou primeiras linhas, até á epoca dos imperadores, com minuciosas descripções na parte geographica.—*Para leitura privada*: Narrações sobre historia antiga, pelo autor Stacke: Heraclides, expedição dos Argonautas, Theseu, guerra de Troia. Os jogos Olympicos, por E. Curtius. As duas primeiras guerras dos Persas, da « Historia dos Gregos » por Kœhnhorn. Campanha de Xerxes contra a Grecia, pelo mesmo. Alcibiades, por G. Fischer.

(*) Tratão estes numeros do ensino das linguas Tscheca e Polaca, pouco mais ou menos pelo modo usado para o allemão, comprehendendo grammatica, ortographia e exercicios para formar o estylo.

(N. do trad.).

Demosthenes considerado como estadista, tirado das « Ideias sobre politica etc. » de A. H. L. von Heeren. Dominação dos 30 tyrannos em Athenas, por Frederico Raumer. Historia de Alexandre o Grande, por Gust. Droysen. Tradição nacional dos Romanos, e a fundação de Roma. Estudos de Max Nagele. Servio Tullio, da historia romana por Schwegler. Fundação e a mais antiga historia da republica (do mesmo).

Classe 2ª—2 horas.—Historia antiga, desde o principio dos conhecimentos historicos até ás cruzadas. Principios da historia d'Austria.

Leitura: 1. As duas primeiras guerras dos Messenios, tirado das « Lições » de F. Raumer.—2. Athenas desde e tempo de Codro até á legislação de Solon, da « historia grega » de E. Curtius.—3. A constituição de Solon, das sobreditas « lições ».—4 As facções de Pisistrato de Curtius como acima. — 5. As colónias gregas. segundo Alexandre de Humboldt no seu « Cosmos », e o citado Curtius.—6. As duas guerras persas contra Dario I, por Kœhnhorn na sua « historia dos gregos ».—7. Aristides e Themistocles, por Gustavo Pfizer. autor de outra « historia dos gregos ».—8. Campanha de Xerxes contra a Grecia (do autor já citado na 1ª classe).—9. Cimon, por Guilherme Fischer.—10. Guerra do Peloponese, por Zinkeisen na sua « historia dos gregos. »—11. Alcibiades (V. 1ª classe).—12. Empresa dos Athenienses contra a Sicilia, por Fr. Raumer.—13. A oligarchia em Athenas, e regresso de Alcibiades, por G. Fischer.—14. Epaminondas e Pelopidas, por K, H. Bachmaim e B. G. Niebuhr.—15. Guerra entre Thebas e Sparta, tirado da « Historia Universal » de Schlosser para o povo allemão, trabalho composto por L. Kriegk, e da « Hellada » de Fred : Jacob.—16. Caracteristicos de Felippe II, das « prelecções de Niebuhr.— 17. Caracter e educação de Alexandre o Grande, por J. Gust. Droysen.—18. Alexandre e os

gregos, por Zinkeisen.—19. Conquista do reino Persa por Alexandre, tirado da «Historia Universal» por Weber.—20. Tradição nacional dos romanos e fundação de sua cidade, dos «estudos» de Max Nœgele. —21. A mais antiga constituição de Roma, da «historia do reino romano».—22. Emigração da Plebe e suas consequencias, da historia romana de Niebuhr. —23. A guerra gallica e tomada de Roma (pelo mesmo autor).—24. Causas que promoverão as guerras punicas (Idem).—25. As reformas trazidas pelos dous Gracchos, da «historia romana» de Hœck.—26. Guerra dos piratas, de igual historia por Mommsen. —27. Constantino» o grande, do manual de historia universal» de Assmann.—28. Attila. extrahido da «historia dos Visigodos» por Aschbach.—29. Introducção do christianismo entre os germanos.—30. Carlos magno e os Saxonios, da obra «As raças allemãas e seus principes» por Henrique Muller.—31. Henrique I°, por Giasebrecht na sua «historia da epoca dos imperadores da Allemanha».

Classe 3ª—2 horas.—Resumos de historia antiga e historia da idade media. Historia moderna, especialmente a da *Austria* até 1817, com especial menção das épochas da civilisação.

Para leitura privada: 1. Caracteristico dos tempos modernos, extrahido da «Historia Universal Moderna» de Rodolfo Lorentz.— 2. Situação da Europa no principio dos tempos modernos, da «Historia da Austria», pelo conde Mailath.—3. A Allemanha sob Maximiliano I, da «Historia da Allemanha», por Leopoldo Ranke, e do «Manual» da mesma historia, por Frederico Lorentz, etc.

(*Além destes citão-se os seguintes assumptos tirados de diversas obras originaes ou traduzidas de outras linguas:* A guerra com os Turcos; Henrique IV, e Sully; Elisabeth e Maria Stuart; A guerra de 30 annos até á morte de Gustavo

Adolfo; Resultado da guerra de 30 annos; A guerra hespanhola de successão; O Imperador C...los VI; Guerra austriaca de successão; Guerra ... pendencia nort'americana).

VI

GEOGRAPHIA

Classe 1.ª e 2.ª — *Geographia astronomica*. — 2 horas. — O horisonte: suas linhas e pontos para fixar e observar as distancias do oriente e do occidente, meridianos, altura do sol, duração dos dias e noites, movimento e phases da lua, constellações e planetas visiveis. — As observações praticadas consignavão-se de mez em mez em uma Tabella, para serem depois avaliadas no ensino da theoria do movimento da terra.

Fórma espherica, zonas e circulos da terra. Habitantes vizinhos, contrapostos e antipodas. Dos hétéroscios, ascios e pericios. Determinar uma posição geographica por meio da differença do tempo e da altura polar. Medida e volume da terra.

Do movimento diurno da terra, e suas consequencias. A atmosphera. Preparatorio para o estudo do movimento annual da terra, tomando-se em parte por base a referida tabella de observações. Culminação das constellações do zodiaco, nascimento e occaso do sol, tempo solar *verdadeiro* e *medio*, alteração do diametro apparente do sol, suas consequencias, distancia do sol.

Movimento annual da terra. As tres leis do systema de Kepler. Perturbações dos movimentos por

outros corpos celestes, e o que d'ahi resulta, Demonstração do movimento por meio de uma esphera solar, de um globo terrestre e de signaes de constellações.

O sol: seu tamanho, seus effeitos, manchas e pontos mais luminosos Theorias de Herschel, Kirchhoff e Bunsen.

A lua: sua luz, movimento, distancia, volume, natureza e effeitos.

Os planetas visiveis.

Demonstração dos movimentos na esphera planetaria. Estrellas cadentes e cometas. Pontos os mais importantes no que diz respeito ás estrellas fixas. Calendario.

Além disso, continuadas observações astronomicas.

Classe 3ª—2 horas. Geographia physica. Descripção do Oceano O mar e seus movimentos. Geographia politica da Africa, Autralia, America, Europa, e especialimente da Austria.

Para leitura privada:

1. O continente da Nova Hollanda. 2. Os indigenas da Australia. 3. O Canadá e os seus mares. 4. Presente situação dos Estados-Unidos d'America no mundo. 5. Os Mormões. 6. A California. 7. As terras altas do Mexico. 8. A capital do Mexico. 9. Posição da America central, no mundo. 10. Os Andes comparados com os Alpes (*). 11. Superioridade da Europa sobre as outras partes do mundo. 12. Ramificações do systema montanhoso dos Alpes. 13. Comparação dos Alpes com outras cordilheiras 14. O Danubio comparado com o Rheno. 15. Posição do Alto-Danubio no mundo. 16. O Valle do Inn e Inspruck. 17. A Styria e sua capital. 18. Trieste. 19. Posição geo-

(*) Tantas cousas se lêrão na escola normal de Bielitz a respeito da America, e nada sobre o *Brazil!!* Este *esquecimento* é pouco lisongeiro, para nós como para a mesma escola.

(N. do trad.)

graphica de Vienna. 20. A Bohemia e Moravia. 21. Praga. 22. Brunn. 23. A Silesia Austriaca. 24. A cordilheira Sul-Germanica. — 25. A Thuringia, no presente.

(Os pontos acima mencionados são tirados de diversas obras por autores allemães que citão-se no original).

VII

MATHEMATICAS E CALCULO

Classe 1ª — 4 horas.—*Calculo*. Operações fundamentaes com muitos numeros concretos; fracções ordinarias e decimaes; regra de proporção.

Algebra. Operações fundamentaes, potencias e respectivos calculos; 2ª e 3ª raiz de numeros inteiros, quebrados, e expressões algebricas. Divisibilidade dos numeros.

Planimetria. Linhas, angulos, triangulos quadrangulos, medir figuras de linhas rectas.

(Para esta materia servirão-se os alumnos dos compendios de Nœgel e Koppe).

Classe 2ª—3 horas.—*Calculo*. Proporções; computação de juros; regra de desconto, de prazos, sociedade, liga, e arithmetica conjuncta.

(Methodo e problemas segundo Schellen).

Algebra. Divisibilidade dos numeros; potencias; raizes; logarithmos; equações do primeiro grau (Segundo Heis).

Geometria. Calculo de superficies e corpos.

Classe 3ª—1 hora.—Exercicios praticos de algebra e geometria, tendo-se em vista especialmente completar e repetir os pontos principaes

VIII

HISTORIA NATURAL

(V^e. o N.º XI *Jardinagem e Agricultura*).

IX

PHYSICA

Classe 1ª.—2 horas. O nivel. Pezo. Centro de gravidade. Differentes especies de equilibrio. A alavanca, a roldana, a *polyspasta;* roda hydraulica, plano inclinado, cunha, parafuso. A regra aurea da mecanica. Metronomo para os trabalhos mecanicos. Forças centraes. Regulador centrifugo. Pendula. Phenomenos mecanicos nos corpos liquidos correndo gota por gota, e corpos aeriformes. Principaes effeitos do som, da luz e do calor. (Utilisárão-se os compendios de Crüger e Schabes).

Ensinou-se aos alumnos a compôr instrumentos de physica; entre outros, fizerão-se algumas alavancas, roldanas moveis e immoveis, uma *polyspasta,* um plano inclinado, um apparelho para experiencias de pendulo, fundirão-se e acertárão-se pezos de chumbo etc.

(Vᵉ. N.º XVI *Officina*).

X

CHIMICA

Classe 2.ª e 3.ª *combinadas. No inverno.*—2 horas. Depois de uma introducção, tratou-se dos corpos simples até ao carbone e suas principaes combinações, inclusive os respectivos elementos.

Classe 2ª. *No Verão.*—1 hora. Ao estudo das combinações do carbone accrescentou-se o das materias luminosas e combustiveis, e em seguida tratou-se dos sáes alcali e natron, das argilas, do vidro e da porcellana, bem como da composição, extracção e emprego dos metaes.—Da chimica agricola occupou-se a escola tratando de um dos capitulos sobre as materias alimentares das plantas, sobre as differentes especies de terras e estrumes.

Classe 3ª. *No verão.*—1 hora. Nas lições tinha-se por fim familiarisar os alumnos com o traquejo dos apparelhos e com as experiencias as mais importantes. Neste intuito, exercitarão-se os alumnos em cortar e romper o vidro, em amoldar tubos para oculos, adestrando-se por este modo em montar apparelhos; e com alguns fizerão-se as competentes experiencias.

XI

JARDINAGEM E AGRICULTURA

Classe 1ª 2ª e 3ª.—2 3 horas.—Traçado de jardim para a escola normal. Discussão dos trabalhos da

primavera, em parte executados. Sementeiras, córte de raizes. Disposição de um viveiro de sementes, plantando-se cerejas, ameixas e maçãas, legumes e flôres. Régas e Sachas.

Apprendeu-se a conhecer os arbustos e flôres que ornão os jardins da praça da Igreja e do Castello, tomando-se nota das respectivas denominações latinas, assim como dos nomes das arvores fructiferas e das madeiras de construcção.

Ensinárão-se varias maneiras de enxertar, e praticou-se com as facas de *Dittmarschen* o enxerto de borbulha em rozas da 3.ª classe etc.

Mostrou-se como se semeião differentes plantas de jardim.

Excursão. Observações de historia natural a respeito de certas familias de plantas e sobre alguns insectos, cujo conhecimento interessa a jardinagem e a agricultura.

XII

DESENHO

Classe 1ª 2ª e 3ª.—2 horas.—Os alumnos mais praticos desenhárão arabescos, capiteis, cabeças, figuras e paisagens por modelos e exemplos. Com os outros alumnos, derão-se lições primeiro sobre as regras elementares da perspectiva; depois representárão-se algumas figuras geometricas e grupos dellas segundo modelos de chumbo, e com *dous gizes*, (Kreiden); por fim, desenhárão-se arabescos e partes de cabeça com exemplos á vista.

XIII

CALLIGRAPHIA

Classes Iª 2ª e 3ª.—2 horas.—O alphabeto allemão e latino em letras maiusculas e minusculas. Escrita *cadenciada* (Taktschreiben):

XIV

REBECA

Pelo compendio de Henning.

Para as 3 classes, conforme o adiantamento.— Diversas escalas em tom maior e menor, competentes exercicios e peças de difficuldade progressiva. Canções populares e musica para córos mais ou menos faceis, empregando-se na 3ª classe tambem os methodos de Rode, Kreutzer &.

XV

GYMNASTICA

Exercicios de ordem e de *corpo livre* (sem instrumentos) segundo Jalm e Spiess. Ditos com instru-

mentos da 1ª e parte da 2ª categoria. Com a 2ª e 3ª classes haverá um curso sobre a theoria, historia, methodo e technologia da gymnastica.

XVI

OFFICINA

1. TRABALHOS DE ENCADERNADOR.—Encadernarão-se 13 collecções de jornaes de grande formato, 30 ditas de pequeno formato, 18 folhetos pequenos, 72 ditos maiores in-8º, 21 ditos um pouco menores, e 2 livros; fizerão-se e enfeitarão-se 25 estantes de livraria; e fabricarão-se 2 pyramidas e 1 octaedro de papelão.

2. OBRAS DE MARCENARIA CONTORNEADAS.—Pequenas molduras para photographias; um pedestal para estatua.

3. OBRAS DE TORNEIRO.—5 columnas para estantes de livraria; 28 utensilios para a *gymnastica dos dedos*; 8 cabos para ferramentas; 2 espheras para objectos de physica experimental.

4. TRABALHOS DE CARPINTARIA.—25 taboas para estantes de livraria; 1 estante de musisa; 1 cabide para ferramentas; concertos diversos feitos em trastes da Escola.

Apparelhos de physica; 1 plano inclinado; 1 roldana movediça; 1 machina com muitas roldanas (*Polyspasta*); 1 pedestál para alavanca de um só braço.

B.—Para a educação pedagogica.

a.—SCIENCIAS AUXILIARES.

1.º Logica, 2 horas no semestre do verão.

Classe I.—Doutrina elementar: O que é Ideia.—Juizo (até á determinação dos gráus da faculdade de ligar as ideias no juizo synthetico). Dissertações escriptas.

Classes II e III. combinadas, 2 horas.—Doutrina elementar: Da Idéa e do Juizo. Numerosos themas para exercicio.

2.º Psychologia (vide abaixo letra *b*).

3.º Historia da pedagogia (idem).

b.—PEDAGOGIA E DIDACTICA GERAL (PHILOSOPHICA).

Classe II (leccionando o proprio Director da Escola). 5 horas. Introducção. Prolegomenos. — 1. Theoria dos *fins*. 2. Dita dos *meios*. Dos cuidados prestados ao corpo, e exercicios corporaes, Dietetica e Gymnastica. A Instrucção: exposição resumida dos respectivos objectos, methodos e recursos. — Doutrina sobre a direcção a dar. Objecto della. Methodo e medidas, desenvolvidas sobre a base da Psychologia. Principios da doutrina sobre o policiamento (*Polizei*) pedagogico.

Classe III (tambem a cargo do director) 4 horas. Necessidade do que se chama *Theoria*. As tres disciplinas principaes da Pedagogica. Da Pedagogia theorica ou philosophica. Prolegomenos. Theoria dos fins a alcançar. — Dita dos meios a empregar : Dietetica e Gymnastica. Dados historicos. — Esboço sobre a Hodegetica ; Principios Pedagogicos. Policiamento Pedagogico ; principios. — Didactica, por extenso. Seu objecto. Meio de ensino. Materia e forma desse ensino. Principios psychologicos. Methodologia. Doutrina da arte material de tratar de uma disciplina (*Technik*). — Graduação elementar dos differentes ramos de instrucção. Dados historicos.

XIV

MUSICA

Ao todo 25 horas por semana.

a.—Harmonia.

Classe 1ª.—Da theoria musical em geral. Escalas e varios exercicios em tom maior. Theoria dos Intervallos.

Classe 2ª.—O mesmo que na 1ª, com accrescimo das escalas e exercicios em tom menor.

Classe 3ª.—O mesmo que nas duas primeiras, accrescendo a combinação *simples* das escalas em tom maior e menor.

b.—Canto.

Todas as tres classes ora combinadas e ora cada uma de per si. Da formação do tom. Exercicios de acertar vozes com os Intervallos os mais faceis. Canticos sacros e *gymnasticos, Motêtes* faceis. Canto a quatro vozes.

c.—Orgão

Compendio de Fr. Schneider, Secção Iª cap. 1º e 2º. Preludios e canticos sagrados.

C.—EXERCICIOS PEDAGOGICOS

Classes 2ª e 3ª (regidas pelo Director). Primeiramente, a par do ensino diario dado na escola normal, realisarão-se 54 prelecções de exercicio pratico pelos alumnos, as quaes forão julgadas em 27 conferencias de algumas horas; em segundo lugar, houverão 29 relatorios e discussões sobre o *serviço escolar* em outras tantas conferencias, ficando todos esses trabalhos consignados nos respectivos livros de registro das Actas; finalmente forão colleccionadas, para formarem um especial *livro sobre o pessoal*, varias observações e considerações psychologicas e outras de interesse para a « cura das almas » (*Seelsorge*).

INFORMAÇÃO

SOBRE OS BEMFEITORES DA ESCOLA NORMAL, E OS BENEFICIOS RECEBIDOS.

(*Resumo*).

Sob esta epigraphe menciona o autor os nomes das familias e pessoas que beneficiárão a Escola normal de Bielitz e lhe prestárão importantes serviços por qualquer das formas seguintes:

1.º Convidando amigavelmente alumnos para jantarem em suas casas, uma ou mais vezes; ou fornecendo jantar a alguns todos os dias em certas casas a troco de lições por elles dadas aos filhos-familias. Considera se isso como contribuição regular para o sustento de alumnos pobres.

2.º Presenteando frequentemente o instituto com generos alimenticios, taes como pão, assucar, café, queijos, batatas, massas etc., e ás vezes algum carneiro ou porco inteiro.

3.º Fornecendo medicamentos e outros artigos de pharmacia, roupas, uniformes de gymnastica (houve quem os désse para *todos* os 21 alumnos que estudavão na dita escola), e outros petrechos iguaes.

4.º Mandando-lhe emfim gratis exemplares de compendios, biblias, livros de canticos sagrados e profanos, mappas geographicos, quadros de figuras, objectos de historia natural, cartas muraes, apparelhos, instrumentos de toda a especie, figurando entre os de musica um orgão e dous pianos, etc., etc. (*)

Conclue o autor a sua publicação, agradecendo cordialmente estes beneficios em nome da Escola normal.

(*) Taes são os costumes da terra, alguns dos quaes, como se vê, já se achão introduzidos entre nós em grande escala para semelhantes estabelecimentos.

(N. do trad.)

PENSAMENTOS

DO AUTOR ALLEMÃO

L. W. SEYFFARTH.

(TRADUCÇÃO LITTERAL)

Algumas palavras do traductor sobre o autor

No meu trabalho sobre o ensino normal da Prussia (I.ª Parte cap. II *in fine)*, expressei-me por esta forma:

«Seyffarth é um dos mais brilhantes corypheus do partido que combate os tres celebres regulamentos (prussianos de 1854), tanto pela sciencia que desenvolve, como pelo espirito da sua polemica. *Nada perderia* (a sua publicação) em ser integralmente ou em grande parte vertida para o nosso idioma, agora que semelhantes questões a respeito da instrucção publica já occupão a attenção de tantos patricios nossos.»

Este trecho foi escripto em fins do anno de 1874, e nelle referia-me ao notavel opusculo publicado em Berlim—1869—por L. W. Seyffarth, reitor das escolas urbanas de Luckenwalde, sob o titulo de: «As es- « colas normaes para os professores do ensino popular —Esboço historico e pedagogico.» (*)

(*) O titulo em allemão é: *Die Seminarien für Volksschul lehrer, etc.*

Presentemente, attendendo ao empenho com que o Governo Imperial e as primeiras autoridades Provinciaes se esforção por organisar entre nós boas escolas para a formatura de professores publicos, em lugar de —*nada perderia em ser, etc*—, eu diria: *muito ganhariamos com a vulgarisação daquelle opusculo*, quer no todo ou na sua maxima parte.

Mas, o tempo urge; e, posto que na verdade Seyffarth seja um dos melhores oraculos a consultar em materia de ensino normal primario, poucos lazeres me sobrão para traduzir a sua extensa publicação, como o desejára. Vejo diante de mim outras fontes igualmente preciosas a utilisar; e quanto mais numerosas fôrem as vozes autorisadas que repetirem os *inabalaveis principios geraes* de tão importante materia, com maior força se infiltrarão elles na consciencia dos homens eminentes que queirão e possão regenerar o ensino publico no nosso paiz.

Seyffarth é um profissional de primeira ordem, possue vasto e profundo saber, e conhece a materia sob todas as suas faces. Como escriptor, trata as questões com extrema lucidez e sem nenhum resaibo de pedantismo; discute magistralmente, ora com a gravidade do sabio, ora com muita graça satyrica; e tem o talento de amenisar a sua exposição de um modo que a torna aprazivel, até para as pessoas que achão aridos semelhantes estudos. E' temivel no ataque contra os celebres regulamentos, sem nunca descer ás *personalidades*; esses actos são ao mesmo tempo o *objecto* e o *sujeito* atacados: não lhe importa quem forão os seus autores; entretanto, o fino espirito com que os investe é bem proprio para

incommodar! Tem sobretudo a habilidade de *sublinhar* a tempo certas propòsições do adversario, *affectando* enxergar nellas enormes despropositos pedagogicos, que nem sequer julga dignos de uma refutação séria; e então... conservando sempre dignidade no estylo, não se desdenha de sahir-se com algum dicterio de estudante quintannista *vivorio*.

Tal é o escriptor de que trato: sabio e forte, reclama contra o que lhe parece ser prejudicial ao futuro da sciencia; ferido nos seus brios de profissional, torna-se desapiedado na sua critica mordaz; e brincando, castiga a *pessoa moral* de quem tem de se queixar, e que é o governo geral(*).

Porem, o governo Prussiano tambem é sabio e forte. Não se irrita pela dura critica de Seyffarth. Ao contrario, reconhecendo o seu incontestavel saber e a sua dedicação ao magisterio, perdoa a *fórma* usada pelo reitor das escolas urbanas na sua publicação, e aprecia-lhe o *fundo* (**), pensando talvez que com tal homem não existe *nenhuma causa má*.

Mais adiante poderemos avaliar se o Governo Prussiano, quando em 1872 expediu o seu novissimo regulamento sobre as escolas normaes, em substi-

---

(*) Nem uma só vez pronuncia o nome do Ministro *Raumer* que *assignou* os regulamentos combatidos.

(**) Repetirei aqui o que já referi em outro trabalho. Para melhor satisfazer a um pedido meu de documentos concernentes á legislação Prussiana sobre o ensino normal primario, o Ministro do Brasil em Berlim teve a bondade, em 1871, de procurar informações junto de altos funccionarios do Ministerio da Instrucção Publica daquelle paiz, que, entre outras publicações, recommendárão a sua attenção o folheto de Volkmar Stoy, e *o citado opusculo de Seyffarth*. São os que tenho em meu poder.

tuição do do 1º de Outubro de 1854, deixou-se, ou não, impressionar pelas ideias avançadas por Seyffarth, cuja obra representava, não a manifestação de quaesquer despeitos pessoaes, mas o pensar do membro de uma corporação muito illustrada.

No *Ens. Norm.*, etc., tive de cingir-me á historia dos regulamentos de 1, 2 e 3 de Outubro de 1854. Da obra daquelle autor só extrahi os dados *historicos*, transcrevendo integralmente no cap. III (Iª Parte) a sua interessantissima resenha da educação dos professores na Allemanha desde o 12º seculo. A parte polemica é igualmente mui digna da nossa curiosidade, não só pela maneira por que foi concebida, como pela riqueza de ideias aproveitaveis que nella se encontra. Pode-se dizer que este genero de litteratura é bem pouco conhecido entre nós. Mas, dadas as circumstancias existentes, a obra de Seyffarth na sua integridade pouco lucro nos proporcionaria, sendo o nosso ensino normal ainda tão embryonario, e portanto incapaz de acompanhar desde já a marcha viril do velho ensino germanico.

Em consequencia, e tambem por falta de tempo, escolho somente dous capitulos que tem a vantagem de definirem perfeitamente a *verdadeira missão* das escolas normaes, segundo as ideias do proprio autor e das valiosas autoridades que elle cita. E' ponto em que concordão o governo prussiano e seus contendores; é um principio fundamental em que realmente interrompe-se a divergencia de opiniões entre os partidos scientificos, quando se trata da formatura de professores elementares. A differença está na escolha dos *meios* praticos para conseguir

o mesmo fim, que é: *subordinar sempre a instrucção á educacão popular,* ou, alcançar maior somma de *moralidade* do que de *conhecimentos litterarios* para os mesmos professores.

Desta clausula depende o futuro de todo o systema da instrucção publica.

Quanto a Seyffarth, em um curto preambulo declara-se partidario exclusivo das ideias de Pestalozzi, que qualifica de unicas verdadeiras, dando em resultado principios eternos. Reconhecendo, porém, que outros professão as mesmas ideias, e entretanto manifestão vistas divergentes em certos pontos, diz que vai fundamentar as suas proprias opiniões, sem se envolver em discussões. O seu fim é somente mostrar que, tendo o mesmo governo Prussiano adoptado a escola de Pestalozzi durante o Ministerio de 24 annos de Altenstein, como consta dos Annaes de Beckedorff, acha-se em contradicção comsigo mesmo desde que promulgou os regulamentos restrictivos de 1854. Com isto, porém, não quer dizer que a mesma contradicção não se encontre em outras partes da Allemanha, posto que menos flagrante.

Em seguida, expõe (de pag. 47 a pag. 60) o que adiante se acha litteralmente vertido para a lingua vernacula.

J. T. de M.

I

ESSENCIA DO ENSINO NORMAL.—NECESSIDADE DAS RESPECTIVAS ESCOLAS.—SUA DEFINIÇÃO.—DEVERÃO SER ORGANISADAS COMO INTERNATOS OU EXTERNATOS?

Para termos boas escolas, é preciso que haja bons professores,—dizia Beckdorff—, e os estabelecimentos mais proprios para a formatura dos professores populares são as escolas normaes (*Seminarien*).

A questão que desde logo se apresenta á nossa mente é: se o professor publico precisa de uma instrucção especial; ou se o conhecimento das materias ensinadas na escola popular só por si o habilita para assumir immediatamente um cargo magistral?

Os factos historicos já respondêrão affirmativamente a favor da necessidade de estabelecimentos especiaes para aquelle fim. Portanto, deixaremos de examinar o fundamento desta decisão; além do que, é isso precisamente o que se poderá deduzir das nossas observações. E tanto mais devemos nos abster de semelhante exame, quanto é verdade que de

nenhum lado tem partido uma só objecção importante contra as escolas normaes.

Só com as vistas *feudaes* e *hierarchicas* é que continuão sempre essas escolas a se mostrarem incompativeis.

Assim, no relatorio da Commissão de instrucção publica da Camara Prussiana dos *Senhores* (pares do Reino), de 16 de Fevereiro de 1868, sobre o projecto de lei relativa «ao ensino e dotação», submettido á consideração da mesma Camara, lê-se o seguinte: «A educação dos professores *nas escolas* «*normaes* está sujeita a sérias objecções. Este sys-«tema desperta frequentemente pretensões que mais «tarde não são ou não podem ser satisfeitas, e a conse-«quencia natural é que os professores não vivem «contentes com a sua sorte.»

Mas semelhantes opiniões já nem carecem de refutação. Só nos recordão vivamente os tempos em que se considerava o cargo de professor como lugar de *arranjo* para os *Domesticos* do *Gracioso Senhor e Amo*.

Felizmente, é de crêr que para a Allemanha esses tempos estão passados e nunca mais voltaráõ.

Todavia, em presença das duas opiniões contrarias de que fiz menção no fim da 1ª parte desta publicação (1), sobre o fim proposto ás escolas, dá-se uma

(1) Nesse lugar Seyffarth, como estrenuo partidario da escola *livre*, analysa diversos pontos de contraste entre as vistas do *Barão de Altenstein*, Ministro Prussiano (de 1817 a 1840), que organisou livremente todo o ensino, e as que se deprehendem dos regulamentos *restrictivos* de 1, 2 e 3 de Outubro de 1854, para fazer sobresahir o procedimento, pernicioso no seu entender, do governo que os expedira.

(N. do trad.)

total differença entre as exigencias feitas de um e de outro lado relativamente á formatura dos professores; porquanto, se, na fórma dos regulamentos, se considerão as escolas como simples estabelecimentos de ensino que, quando muito, deverão exercer a sua influencia *educadora* proporcionando o conhecimento só de algumas scientificas «realidades» (*Realien*); se tanto se restringe a acção independente do mestre, que até se lhe prescrevem *pontos* precisos nos respectivos compendios, então é por esssa bitola que deve ser regulada a instrucção dos professores.

Os regulamentos impõem ás escolas normaes a tarefa de *habilitar theorica e praticamente os normalistas para o ensino simples e proveitoso da religião, leitura e lingua patria, da escripta, do calculo, do canto, da historia patria, e dos elementos de historia natural (restringindo-se todas estas materias aos limites marcados para a escola elementar), sob condição de utilisarem-se os referidos estabelecimentos (normaes) das escolas de exercicio pratico a elles annexadas* (2).

A «parte theorica» reduz-se unicamente ao estudo daquillo que se ensina na escola elementar, e pela maneira por que alli é ensinado.

Mais adiante diz-se :

« A missão da escola normal primaria é pois proporcionar, não a instrucção que em certos casos se exige (?) para um professor de alta escola urbana, mas sim as noções e os recursos de que carece um

---

(2) V. a pag. 133—*Disposições Geraes*—do folheto: «O Ensino normal primario na Prussia ».

(N. do trad.)

mestre para poder (!) dirigir uma escola elementar (!) em que exista uma só *classe*, e leccionar nella».— « Sobrando tempo, e se as circumstancias do estabelecimento normal permittirem o ingressso em espheras mais elevadas (?), sem prejuizo do fim principal acima marcado, poder-se-ha proceder nesse sentido, com previa licença do governo (3)».

Mas donde hão de sahir os professores para as escolas urbanas, e, de mais a mais, *altas* urbanas?

A isto respondem os regulamentos:

«Os candidatos ao magisterio que forem dotados de bôas disposições e reunirem condições favoraveis, acharão sempre, antes ou depois de findar-se o curso normal, occasiões bastantes para alargarem materialmente (!) a esphera de seus conhecimentos. »— Os outros mestres não precisão disso; basta que elles se instruão e *possão* fazer alguma cousa para a escola de uma só classe; e nesse ponto deixem-se ficar!

Por isso é que, entre os professores actualmente formados, quasi nenhum se encontra habilitado para as escolas urbanas! Assentárão-lhes logo a machadada na raiz, para mais depressa acabar com ellas.

Como instrucção pedagogica, determinão tambem os regulamentos que: « Os alumnos devem ficar habilitados para ensinarem por si mesmos e sem auxilio extranho o que *houverem aprendido*, fazendo uso

---

(3) Os pontos de admiração e interrogação que aqui se achão entre parentheses são do proprio Seyffarth, que assim quer dar a entender o quanto estranha taes disposições, ou dá o signal de perguntar: *que instrucção? que espheras?* etc. Por esta fórma, chega ao cúmulo do tom satyrico que assume na sua polemica de douto.

(N. do trad).

immediato do seu saber na escola pratica »;—portanto, devem simplesmente *recital-o*. —« Este é o melhor meio de preservar o ensino normal de *abstracções*, e de induzir os alumnos a pôrem desde logo em pratica aquillo que aprendêrão theoricamente.»

Assim, o ensino theorico, segundo os regulamentos, consiste em fazer decorar as materias, formalmente taes e quaes são dadas na escola elementar, ficando supprimido todo e qualquer modo scientifico de tratar dellas.

«O conseguimento absoluto deste objecto não deve ser questionado, nem estorvado por quaesquer tentativas feitas com o fim de tratar *scientificamente* das respectivas disciplinas.»

—Por isso, é que forão eliminadas dos planos das escolas normaes as disciplinas propriamente scientificas, como a Pedagogia, a Methodologia, a Didactica, etc!.. Tambem para que servirião ellas?.. O professor ali não tem que *illustrar* o homem, só lhe incumbe enchêl-o de materias e impingir-lhe certas habilitações...

A' vista de tudo isto, segue-se que os regulamentos considerão a escola popular como simples estabelecimento de *instrucção*. É a consequencia necessaria de taes proposições.

Com semelhante ideia material, que se faz da missão das escolas normaes, torna-se superfluo o ensino nellas dado. Pois se os alumnos que sahem de uma escola urbanas já possuem conhecimentos superiores aos que se adquirem na normal!...

E quanto ao respectivo ensino e ás regras fundamentaes de leitura, escripta e calculo, bastaria a direcção de um bom mestre; para isso é desneces-

sario um curso normal de tres annos. O facto de já se acharem na Prussia mais de 1200 cadeiras de magisterio occupadas por professores que não se formárão em escolas normaes, podemos consideral-o como uma consequencia dos principios que regulão desde 1840. Em definitiva, se a escola do povo não deve ser senão um estabelecimento de instrucção, não carecemos de professores especialmente formados para ella.

Com o que fica dito, mostrámos a maneira por que os pedagogistas de um dos lados encárão a instituição das escolas normaes.

Vejamos agora como a comprehendem os profissionaes do lado contrario.

Beckedorff (4), definindo a missão da escola do povo, diz que: «em todas as suas manifestações para com as crianças deve ella mostrar-se essencialmente EDUCADORA, não só quanto *á fórma e ao fundo do ensino*, como relativamente ao *regimen disciplinar*.» (I° vol. pag. 40).

O regimen disciplinar tem um fim muito elevado e moral; é preciso que por meio delle se saiba não só preservar o menino de desvarios, como tambem

---

(4) Por vezes já tenho fallado em outros trabalhos deste eminente funccionario Prussiano. Nomeado director geral no Ministerio da instrucção publica em 1819, pouco depois de ter-se creado essa nova *pasta*, Beckedorff deu um impulso extraordinario aos negocios do Ensino publico, ora entretendo as mais seguidas relações com os directores das escolas populares, e ora escrevendo os seus *Annaes das escolas do povo na Prussia*, que abrangem nove grossos volumes, de 1825 a 1829, obra monumental, que os profissionaes citão a cada momento; com o projecto de lei do conselheiro Suvern de 1819, que entretanto nunca foi sanccionado, formão a base *escripta*, em que se funda toda a organisação do Ensino Prussiano.

(N. do trad.)

inspirar-lhe o *sentimento da virtude*, não por meios externos, mas, e principalmente, por meio da influencia pessoal (do professor).

«O ensino, como principio *educador*, tem por fim despertar todas as disposições e forças ainda adormecidas no menino por meio das materias ensinadas, sacal-as do seu intimo ser para desenvolvêl-as naturalmente e segundo um plano dado, dirigindo-as logo desde o principio para o lado de Deus (*auf das Gœttliche*). Attenta a circumstancia de ser o menino não só um ente capaz de receber instrucção, mas tambem uma creatura contaminada pelo peccado, e visto que com o desenvolvimento de todas as suas forças cresce ao mesmo tempo o germen do mal, cumpre que o ensino seja igualmente *instructivo* e *salvador*.»

Estas são as ideias que dominárão até ao anno de 1840, e isto se prova pelo seguinte, que o Conselheiro Provincial O. Schulz, em 1836, escrevia na sua *Folha Escolar* para a Provincia de Brandenburgo:

«A tarefa do professor não consiste somente em INSTRUIR, o seu principal dever é EDUCAR os alumnos (5).

«*A educação é o meio de influir, segundo um plano dado, no desenvolvimento do homem.*

«O pensamento fundamental, donde se derivão

(5) Nisto concordão, ainda hoje, todos os grandes pedagogos allemães, e o mesmo governo Prussiano, nos seus regulamentos. E' o que facilmente reconhece quem está *fóra da contenda*, ou qualquer juiz imparcial. Porém o prisma pelo qual Seyffarth considera o objecto é differente, é o do homem exclusivamente cultor da *sciencia livre*; o do governo é o do estadista *politico*. Acompanhemos entretanto a argumentação do autor.

(N. do trad.)

todos os principios concernentes á educação, é: que *o homem deve ser educado para a humanidade.»*

«Neste pensamento está todo o segredo da arte de educar. Tudo depende do reconhecimento exacto, a que se procede, de todas as disposições naturaes do homem e da sua disposição para com tudo quanto se acha *fóra do seu ser,* desenvolvendo depois essas disposições até se tornarem *forças,* e habilitando o homem para a communidade de uma vida racional e piedosa. (6).

«A educação moral, isto é, a que crêa e dirige a vontade para o bem, é o principal.

«Por ahi, calcule-se a triste ideia, que fazem da escola e da educação, todos aquelles que dão por findo o ensino, desde que o menino mal saiba lêr, escrever, contar, e guardar de memoria os principaes trechos do catechismo.»

Desta definição da escola popular resultão naturalmente para as escolas normaes deveres muito differentes dos que acima forão mencionados.

O regulamento para o *Seminario* de Mœurs diz o seguinte:

« Cumpre, não somente bem proporcionar aos alumnos todos os conhecimentos e habilitações de que careção para a sua futura carreira, e exercital-os na exacta applicação desses elementos, como tambem, e antes de tudo, despertar nelles sentimentos piedosos e o temor a Deus, dirigindo-os e fortificando-os, afim de poderem seguir o caminho da virtude. Deste

---

(6) Eis ahi formulada a natureza do ensino publico, com que um Estado se torna forte e morigerado, e a que sempre cingiu-se a Prussia.

(N. do trad.)

modo, ficarão habilitados para desempenhar com muito proveito a sua importante missão de EDUCAR a mocidade, que lhes fôr confiada, nos principios proprios de cidadãos instruidos e activos, de subditos fieis e obedientes, e principalmente de homens bons e queridos de Deus.»

No relatorio sobre a escola normal de Potsdam escreverão-se estas palavras:

« Para nós a educação moral-religiosa é o ponto principal. Depois disto, o que mais temos a peito é *fazer delles* (dos alumnos) *professores que saibão bem pensar, e trabalhar activamente com toda a liberdade de espirito*; finalmente, nos esforçamos por dar-lhes uma instrucção solida e boas habilitações praticas.»

A escola normal de Neuwied não quer que os alumnos-mestres se appliquem com afinco a seguir este ou aquelle methodo de ensino; pretende ao contrario « *ensinal-os a tratar de qualquer materia com plena liberdade de espirito, e a leccionar, tendo sempre na maior consideração as disposições peculiares e as necessidades individuaes de cada um de seus discipulos* ».

No relatorio sobre a escola normal catholica de Bruhl menciona-se tambem como dever da mesma escola « *inspirar aos alumnos um santo zelo e dedicação pelas suas importantes funcções.*

O Rabbino M. S. Weyl entendia a missão da escola normal judaica, de que elle fôra instituidor, por esta maneira:

« Com a maior sinceridade dedicarei todas as minhas forças a este novo estabelecimento fundado em beneficio da religião e para acudir ás necessidades

moraes dos meus irmãos de seita. Na instrucção scientifica dos alumnos, attenderei especialmente ao ensino da *moral religiosa*; e na escolha dos professores empregarei o maior cuidado, afim de que *sejão educados nos mais puros sentimentos do coração e adquirão elevação de espirito* aquelles que um dia terão de servir de modelos para seus correligionarios e dar-lhes exemplos de devoção e verdadeiro amor aos homens».

Destes diversos fins, que se propunhão as antigas escolas normaes, resultão certos pontos que servem para definil-as, tendo ellas por missão:

1.º Educar a mocidade nos sentimentos de devoção religiosa e para uma vida cheia de praticas virtuosas;

2.º Ensinar os alumnos-mestres a tornarem-se independentes, e a viverem como professores que saibão reflectir e trabalhar com plena liberdade e actividade de espirito;

3.º Inspirar-lhes um santo zelo e dedicação pelas suas futuras funcções;

4.º Mostrar-lhes como devem attender ás disposições peculiares e ás necessidades individuaes das crianças, na intenção de *educal-os;* e portanto, ensinar-lhes a Pedagogia baseada na Anthropologia, Psychologia e Logica;

5.º Guial-os na maneira de tratar scientificamente das materias que tiverem de ensinar;

6,º Proporcionar-lhes habilitações praticas para o magisterio.

Nada temos que acrescentar a estas disposições; e, mais consolados, deixamos ao arbitrio do leitor a comparação entre as antigas escolas normaes e as da actualidade.

Mui diversa é a nova missão que Schmidt, director de um *seminario* Saxonio em Annaburgo, inventou para o seu instituto:

« Devem-se educar os alumnos—diz elle—, no sentimento de uma obediencia voluntaria a seus superiores intellectuaes. «—Já se vê que tambem em outros Estados allemães ha principios *regulamentares* (semelhantes aos da Prussia de 1854).

O director do *seminario* para as escolas urbanas em Berlim, W. Thilo, pela sua parte define-o como « um estabelecimento do *Estado* para a acquisição de « um corpo magistral expressamente instituido a bem « dos interesses conforme as intenções *do mesmo* « *Estado* no que diz respeito ás escolas publicas. »

Ora!... isto é uma caçoada....mas tem, tem seu lugar... (7)

Resta-nos dizer algumas palavras sobre uma questão que, com quanto só affecte a parte material da instituição, nasce todavia das disposições acima.

Referimo-nos aos *internatos*.

A questão é: se os alumnos-mestres devem, ou não, ser educados no interior da escola normal, recebendo casa e mesa?

Pelo que sabemos, todas as escolas normaes da Prussia, fundadas no tempo do ministro Altenstein forão organisadas como Internatos. Mas a este respeito nenhuma lei existe. Pode ser que as tristes experien-

---

(7) Assim trnduzo livremente o faceto idiotismo allemão *Spass muss anch sein*. Aqui Seyffarth trata com suprema ironia a definição do director Thilo; não a julga digna de uma refutação séria, considera-a como um *repente* gracioso e admissivel, de que todos devem se rir, e...passa adiante.

(N. do trad.)

cias ganhas com a creação dos primeiros seminarios contribuisse muito, para se adoptar esse alvitre. (8) Assim, por exemplo, diz O. Schulz o seguinte relativamente á escola normal creada em 1748 por Hecker e dissolvida em 1817:

« Só quatro alumnos tinhão morada no local de *Realschule*; todos os mais vivião espalhados em casas da cidade; e para se manterem continuavão a exercer cada um o seu officio. Em taes circumstancias, era impossivel influir efficazmente no procedimento moral dos normalistas, e facil é conceber quantos regressavão para o seio de suas familias moralmente estragados e pouco adiantados quanto á instrucção. »

Com as referidas experiencias vierão os novos principios de educação, que forão igualmente applicados aos estudantes das escolas normaes; e á vista do estado em que então se achava o ensino de preparatorios, bem como da especie de alumnos que naquellas escolas era admittida, muitos com effeito devião ter os internatos em conta de um grande beneficio.

Entretanto, não julgamos que os internatos sejão absolutamente necessarios para se poderem conseguir os fins propostos no ensino normal; antes pelo contrario, somos de parecer que a acção educadora da escola normal,—a educação que tem em vista da *independencia pessoal*,—se faz sentir com maior fa-

---

(8) Veja-se a interessante *Resenha historica da educação dos professores na Allemanha*, que transcrevi no meu trabalho sobre o « Ensino normal primario na Prussia etc. (cap. III da 1ª parte) » Foi escripta pelo mesmo Seyffarth no folheto de que ora estou traduzindo esta parte.

(N. do trad.)

cilidade fóra do recinto do instituto, sendo ajudada pelos mil aspectos sob que se apresenta a vida real. Neste sentido, o internato poderia até tomar o caracter de estabelecimento por demais isolado; e isto é um defeito, que antigamente só se evitava pela influencia pessoal dos directores de taes escolas. Ainda hoje, ha professores formados sob a direcção de Dinter, Harnisch, Diesterweg, Henning e outros iguaes, que ainda se lembrão com saudade e enthusiasmo do tempo de seu curso normal, não pelo facto da vida passada em internatos, mas pelas suas antigas relações pessoaes com aquelles homens tão bem inspirados em materia de educação. Na verdade, *esses enthusiasmos* tem esfriado muito nesta epoca de materialismo; e comparativamente, á ideia que dantes se fazia dos internatos tem-se modificado muito, porque se naquelles tempos a escola normal passava por uma Communhão Familiar, actualmente é considerada como una ASSOCIAÇÃO ECCLESIASTICA.

Diesterweg, nas suas «Folhas Rhenanas» de 1837 (1.ª pags. 311 e 321) se expressa por esta fórma:

« Na mór parte das escolas normaes tem-se introduzido o uso de dar casa e mesa a todos os alumnos, vivendo elles assim em commum como membros da mesma familia. Em todo o caso, parece-me muito benefica a providencia de fazer com que *entre os alumnos-mestres e o seu director se estabeleção relações de mutua confiança taes como as que se dão entre o pai de familia e os que vivem na sua dependencia*, quando cada um procura basear a sua propria honra na honra da casa, e cada membro da familia se offerece como garante dos mais; quando nella predomina

não o respeito exclusivamente, mas antes de tudo a amizade reciproca. »

Nos estatutos de regimen interno da escola normal de Pœlitz, ao contrario, figura-se o instituto como «uma *communhão domestica* de individuos reunidos para o serviço das escolas populares, podendo a admissão se realisar sómente no caso de ter o aspirante recebido a graça do baptismo e querer nella persistir! »

Emfim, posto que em these nenhuma objecção tenhamos contra a instituição dos internatos dirigidos naquelle espirito de mutua affeição, com tanto que aos alumnos-mestres fique a maior liberdade possivel de movimentos mesmo fóra da escola, e não sejão elles educados pelo regimen disciplinar dos conventos modernos, achamos todavia mais conveniente não annexar um internato á escola normal. Não venhão com a allegação das tentações a que o normalista fica exposto vivendo fóra do estabelecimento; as que o assaltarião, se vivesse debaixo de uma disciplina conventual e inteiramente segregado do mundo, são muito peiores, não só as tentações carnaes, como as do espirito que o levão directamente ao *orgulho pharisaico*.

Um menino deve certamente ser educado no intimo seio da familia, ficar sujeito á inteira vontade de seus pais, e não se afastar muito da casa sem o consentimento delles; mas, um pai judicioso não exigirá a mesma sujeição da parte de seu filho já moço; este deve gosar de certo grau de liberdade e independencia, deve aprender a haver-se no mundo e experimentar as suas forças no meio da vida real. Assim é que Deus procedeu com o povo de Israel, quando o educava, conduzindo-o primeiramente á terra de

Chanaan, que se achava completamente segregada do resto do mundo naquella época, e fazendo-o depois passar por duras provações no Egypto, até que, chegado a idade da adolescencia, sahiu para combater e lutar com os homens.

Acreditar que por meio da educação tudo se consegue, é formar um juizo errado do poder della; assim como tambem é falsa a maxima *quem possue a escola possue o futuro.* Ao contrario, quem muito educa, mal educa. O caracter se fórma «no meio da torrente do mundo, »

« Nas escolas normaes em internatos o alumno tra-
« balha, quando isso lhe é prescripto, e descansa
« a horas marcadas. Quer esteja trabalhando ou
« recreiando-se licitamente, não tem tempo nem oc-
« casiões de seguir as suas inclinações; passa
« vida monotona um dia após o outro, não acha
« prazer no proprio zelo nem nos esforços que em-
« prega; tudo é trabalho obrigatorio, o que só póde
« lhe causar aborrecimento; pouco a pouco vai
« baixando á posição de simples jornaleiro, e quando
« soa a hora feliz em que se vê livre do constrangi-
« mento imposto pela escola normal, quasi sempre
« desapparecem zelo e esforços. Como professor gos-
« tará tambem de se entregar á preguiça intellec-
« tual, e fugirá do trabalho. »

Assim se expressa Grœfe; porém, dizendo mais adiante que deste modo o alumno torna-se extranho á vida de familia e ás relações sociaes, e se desprende do seio do povo, ficando suffocados ou paralysados seus sentimentos patrioticos e nacionaes, Grœfe vai muito longe; os factos da experiencia o contradizem. Pelo contrario, se o alumno-mestre é sub-

trahido por alguns annos á vida de familia, poder-se-hia dahi concluir igualmente que por isso mesmo aprenderá a melhor conhecêl-a e aprecial-a ; quanto a sentimentos patrioticos e nacionaes, assim é que vivem muitos moços de 17 a 20 annos em espheras muito diversas. Não! tambem em um Internato é possivel inocular no alumno os mesmos sentimentos, principalmente por meio de um bom ensino de historia e litteratura classica, com o que se chega a bem conhecer o espirito nacional.

Entretanto, cumpre attender muito ás seguintes palavras:

« Continuadamente, temos occasiões de observar as maneiras e exterioridades, a pretenção de saber ensinar, a intumescencia e o orgulho com que muitos se comportão para com os seus iguaes, achando-se tudo isso reunido á falta de independencia intellectual e moralidade, e ao empenho de andar de rastos aos pés dos professores com um servilismo só proprio de lacaios; predicados estes, que se tem desenvolvido e progredido sob a perniciosa influencia das escolas normaes constituidas em internatos, e ás vezes sob as proprias vistas e direcção de insignificantes mestres que mais do que tudo aprecião a fórma material (*aeussere*). Os internatos só servem para acostumar os futuros professores á obediencia cega, para inocular-lhes o espirito de servilismo, e fazer delles emperrados e intolerantes instrumentos da igreja orthodoxa.

A isto accrescente-se a educação dada pelos jesuitas, que só tende a suffocar nos discipulos até a ultima centelha de espirito independente, e teremos que « o alumno deve submetter-se incon-

dicionalmente aos preceitos da igreja e á vontade dos superiores, deve-lhes obediencia cega, e (segundo o *bonito* pensamento de Loyola) tem de tornar-se *perinde ac cadaver*. »

Com effeito, é o que muito bem se póde conseguir com os internatos, sem que entretanto esteja bem averiguado ser esse o unico proveito infallivel que delles se tira.

Entre os estabelecimentos de instrucção scientifica, em geral, são raros os internatos (9). Se os alumnos desses institutos, dos quaes muitos depois passão-se para os empregos ecclesiasticos, vem a ficar tão expostos ás tentações da vida—estou me servindo das proprias palavras dos meus adversarios—, porque motivo pretende-se adoptar principios differentes quanto á educação dos professores?

Em definitiva, não consideramos o internato como condição essencial na instituição das escolas normaes; e teremos sempre por preferivel para a formatura dos alumnos a liberdade que se lhes concede fóra das horas em que estejão occupados nas aulas.

---

(9) De facto assim acontece em toda a Allemanha, onde em geral os collegios e escolas do gráu primario e secundario são organisados como *Externatos*.

(N. do trad.)

II

DOS ESTUDOS PREPARATORIOS PARA A ESCOLA NORMAL

A este respeito, ainda pende de solução a questão ventilada entre os pedagogos pertencentes á categoria dos que em geral dirigem o ensino.

A lei para as escolas populares do Ducado de Gotha determina no seu § 31 que «a condição indispensavel para a entrada na escola normal é a instrucção adquirida nos *Gymnasios*, isto é, pelo menos os conhecimentos sufficientes para a admissão na primeira classe (ultima superior) do Progymnasio de Ohrdruf, ou um exame sobre materias na altura desta exigencia (10). »

Além disso, exigem-se tambem preparatorios de musica.

(10) Pouco mais ou menos regula-se essa *instrucção gymnazial* em toda a Allemanha pelo que está adoptado na Prussia. Veja-se adiante o respectivo programma no extracto dos meus artigos publicados no *Globo*. Os Progymnasios são gymnasios menos completos.

(N. do trad.)

Em sentido analogo estão concebidos dous requerimentos dirigidos em 1862 á Camara dos Deputados Prussianos, um pelos professores de Berlim e outro pelos de Breslau. Pedião, como condição de entrada, uma somma de conhecimentos igual a que se acha prescripta para o exame final dos alumnos que sahem das altas escolas burguezas; ou (accrescentavão os supplicantes de Breslau) os que se alcanção na 2ª classe de uma *Realschule* de 1ª ordem (11).

Um relatorio da commissão de instrucção publica da mesma Camara, relativo á projectada lei sobre o ensino de 1862, contém as seguintes proposições votadas no seio da Commissão: «Para a admissão nas escolas normaes destinadas á formatura de professores publicos primarios, deve-se exigir dos candidatos estudos preparatorios maiores e mais conformes á época presente do que os que prescrevem os regulamentos (de 1854). O *quantum* exacto será marcado pela projectada lei (12). Ficará ao arbitrio do candidato a escolha do modo de alcançar esses preparatorios.»

O 2º regulamento de 1854 para a educação preparatoria dos candidatos ás escolas normaes dispõe: que o ensino de preparatorios se dará não em estabelecimentos exclusivamente para esse fim, mas com a livre cooperação dos sacerdotes e professores; e que o candidato deverá saber comprehender e apreciar a vocação magistral, empregando-se com prudente

---

(11) Veja-se o lugar citado—nota 10—.

(12) Que nunca chegou a ser levada a effeito, nem tão pouco a de 1869.

(N. do trad.)

regularidade no serviço de adjuntos da escola elementar, afim de aprender o estado e as funcções de professor pelo contacto immediato e pela força de habitos que tem de adquirir.

Para a admissão na escola normal exige-se: em materia de religião, que o aspirante saiba de cór o catechismo, um certo numero de sentenças, de psalmos, de trechos tirados da biblia para servirem de textos a predicas, algumas scenas da Biblia nos proprios termos do livro que as contém, e 50 canticos sagrados; nas outras materias, exigem-se pouco mais ou menos os conhecimentos necessarios para o futuro exercicio do magisterio em uma escola de aldêa com uma só classe.

Além da superabundancia de materias religiosas a decorar que assim se prescrevem, e da escassez notada nas outras igualmente preceituadas; além dos esforços puramente mechanicos e de memoria que tem de fazer os educandos, com preterição total de fins mais altos que se deverião ter em vista por meio da instrucção—defeito de que em geral muito se resentem os regulamentos de 1854—, não podemos, em primeiro lugar, concordar na exigencia do dever, a que se achão sujeitos os mesmos estudantes de preparatorios, *de ensinarem,* ainda que a titulo de ajudantes ou adjuntos. Dahi se deprehende a intenção, realmente expressada no respectivo regulamento, de educar os alumnos-mestres para a carreira do magisterio *por meio da observação intuitiva e do habito inculcado.* Porém, com isto o que se faz é obrigal-os prematuramente a actos para os quaes ainda tem de se preparar pelo estudo e de se habilitar com esmero, actos de cuja realisação tem de se mos-

trar dignos como proprios actores, e que os alumnos não devem considerar senão como bellos premios do seu zelo, trabalho e dedicação. Querer familiarisar alguem com a essencia e o objecto do magisterio por taes meios, é o mesmo que pretender reformar o mundo offerecendo á sua observação prototypos moraes e exemplos de virtudes, segundo os antigos preceitos do *Racionalismo*. Assim como para qualquer processo moral é preciso crear no indivìduo um espirito elevado, tambem para os misteres da educação deve-se previamente despertar esse espirito. E que mais terá de fazer na escola normal o moço que, pela *observação intuitiva* e pelo *habito adquirido*, já conhece a essencia e o objecto da carreira magistral, se assim já está elle prompto para entrar naquella escola?

A consequencia desta sua prematura iniciação em uma especialidade do magisterio é: presumpção e vaidade.

Igualmente, não concordamos na praxe de entregar um estudante de preparatorios a um professor, afim de que este o prepare—como que de um modo secundario—para a escola normal; nem tão pouco na disposição acima da Commissão da Camara dos Deputados Prussianos, nem na da lei do Ducado de Gotha, que deixão ao arbitrio do aspirante os meios de adquirir os preparatorios exigidos. O que se depara nessas determinações é uma intenção material de reduzir tudo a certa somma de conhecimentos e habilitações com que, depois de sujeitar-se a um exame, possa o aspirante entrar para o *Seminario*, quando ao contrario a questão consiste principalmente em preparar-se *interiormente* por meio

de uma educação completa. Se tem um dia de instruir e educar a outros de conformidade com os preceitos da ESCOLA, então é preciso que o mesmo estudante de preparatorios se habilite como o manda a escola. Para muitos empregos secundarios o governo exige certa preparação, que offerecem os estabelecimentos de ensino superior; e para o magisterio bastarão tão escassos elementos ? Isso nunca ! Pedimos que até á entrada para a escola normal se façam progressivamente estudos serios e baseados, não sobre a sciencia abstracta que parte das generalidades para as especialidades, da ideia para o objecto, e desvia o estudante do curso da vida, tal como a proporcionão os Gymnasios, as Escolas realistas, e as altas escolas Burguezas da Prussia, mas sobre um desenvolvimento natural que nasça dos elementos existentes, e caminhe da especialidade para a generalidade, da observação propria para a definição da ideia, como o que se encontra nas escolas populares.

Pela mesma razão, não concordamos com os peticionarios de Breslau e Berlim, que exigem preparatorios feitos em um Gymnasio ou uma Escola realista. Esses estabelecimentos puramente scientificos levão um rumo differente do que devem seguir os mestres de escola para o povo ; a instrucção que alli se adquire não é do mesmo genero que a das escolas populares, cujos professores devem se educar inteiramente pela mesma fórma porque terão depois de exercer o seu magisterio. Essa é que é a verdadeira «observação intuitiva» e o «habito adquirido» de que cada um pode ter plena consciencia.

Com taes alumnos sahidos de estabelecimentos

scientificos muito terião que padecer as escolas normaes, se entendessem de outro modo o principio do seu natural desenvolvimento.

. . . .

Além disso, o estudante de preparatorios carece de uma *instrucção musical* de caracter mais elevado; sobre este ponto, porém, não precisamos de nos alargar, porque a tal respeito todos se acham de accordo.

REGULAMENTO

E

PLANO DE ESTUDOS

PARA AS

ESCOLAS NORMAES PRIMARIAS DA PRUSSIA

DE 15 DE OUTUBRO DE 1872.

Traducção litteral; com uma estatistica das referidas escolas.

Observações preliminares do traductor

Pelo que precede, e por outras partes dos escriptos de Volkmar Stoy e Seyffarth intercaladas no meu anterior trabalho (*Ens. Norm.* da Prussia), já podemos no Brasil ajuizar do valor destes eminentes profissionaes, bem como da influencia moral que lhes cabe na Allemanha. Em todo o caso, tratão magistralmente de questões que em toda a parte estão hoje *na ordem do dia*.

Na Austria Volkmar Stoy, pela sua pratica *livre* de prescripções officiaes reage energicamente contra as consequencias (no seu entender perniciosas) dessas mesmas prescripções, impostas na Prussia pelos regulamentos de 1854; pois,—cumpre notal-o,—com quanto não tivessem na Austria força de lei, estes actos alli fizerão sentir os seos effeitos, em consequencia da perfeita identidade de systema didactico, de lingua, costumes, etc., que existe nos dous paizes.

Na Prussia Seyffarth, correligionario de Stoy pelas suas ideias sobre o ensino normal, renovando uma polemica igual a que se travára em 1854 e 1855

quando se promulgarão aquelles regulamentos (*), teve sem duvida por fim patentear o resultado de sérias observações feitas na sua esphera de actividade profissional por espaço de 15 annos.

Ambos os autores escreverão em 1869 e são acerrimos adeptos da *escola livre*, que não admitte a menor ingerencia do governo na parte moral e intellectual do ensino publico.

Até ahi, a questão é puramente de partidos *scientificos*, nascidos em paizes que muito se occupão da sciencia : de um lado, os defensores da escola *livre*, de outro lado os da escola *escravisada* por meio de regulamentos, tanto para a parte moral como para a material.

Mas, os escriptos de Volkmar Stoy e Seyffarth ficarão preciosamente archivados *no ministerio da instrucção publica da Prussia.*

Terião elles exercido alguma influencia no animo do governo Prussiano ?

Faltão-me dados sufficientes para poder affirmal-o. Tudo se reduz a presumpções. Mas é de suppor que o mesmo governo mandasse examinar as duas publicações daquelles autores, e proceder ás mais minuciosas averiguações pelos seus profissionaes, como sempre o faz quando apparecem obras de muita importancia e bem autorisadas no mesmo sentido.

Alli, a instrucção publica é um dos primeiros, senão O PRIMEIRO negocio d'Estado.

Naquelle intervallo de 15 annos o governo tinha entretanto attendido a algumas justas reclamações,

---

(*) V o *Ens.norm. prim. etc* I.ª P. caps. VI, VII. VIII.
(N. do trad.

retocando os seus regulamentos em certos pontos por meio de *Avisos-Circulares* e outros actos administrativos. Espontaneamente, ou por boas insinuações alheias, nunca deixa passar a opportunidade de quaesquer reformas parciaes ou radicaes no ensino popular. Nesta parte a sua vigilancia é constante.

E temos agora a prova de que *em 1872* o governo Prussiano modificou grandemente as suas ideias relativamente ao ensino normal primario, tres annos depois de publicados os escriptos de Volkmar Stoy e Seyffarth.

Chegou-me ás mãos outra publicação allemã. Mas esta é assignada pelo Dr. Schneider, conselheiro privado do governo (Prussiano), e tem por titulo:

« As escolas populares e a educação dos professores « na Prussia *(Volksschulwesen und Lehrerbildung* « *in Preussen).* » Appareceu em fins de 1875.

Sobre a ordem e categoria a que pertence esta publicação direi algumas palavras:

Naquelle reino, quando não é o governo geral quem decreta alguma grande reforma no ensino publico, (o que elle faz sempre depois de mui madura reflexão), são o ministerio competente, os governos provinciaes e outras repartições, quem profere decisões importantes, dirige consultas aos corpos docentes, ou determina certas normas e regras adequadas; e tudo isto com extraordinaria frequencia.

A este incessante *expediente* dá-se (como tambem é uso entre nós) a maior publicidade nas Folhas officiaes e outras.

Em certos periodos, nunca falta quem de motu proprio ou por incumbencia do governo collija em livro exclusivamente consagrado aos interesses da

educação nacional, e com extremo cuidado, todos aquelles actos por mais insignificantes que pareção.

A' classe das collecções editadas por empregados superiores com *approvação do respectivo ministerio* (*) pertence a recente publicação do Dr. Schneider.

E' dessa obra que traduzi o «Regulamento destinado ás escolas regias normaes para professores « primarios (*Schullehrer*) e respectivo plano de es- « tudos», que adiante se seguem, expedidos em 15 de Outubro de 1872.

O Aviso-Circular que o precede, da mesma data, explica sufficientemente as intenções do Governo Prussiano. Deve-se dahi concluir que este renegou todos os seus principios adoptados em 1854?

O proprio texto do novissimo *Regulamento* e uma curta explicação bastaráõ para confirmar a resposta negativa.

Naquella época o Governo teve primeiramente em vista assentar uma nova *doutrina* que servisse de base para a redacção dos planos de lições nas escolas normaes, á medida que fossem achados convenientes, reservando-se o mesmo governo modifical-os, restringil-os ou estendêl-os conforme as necessidades do momento. Essa doutrina que elle oppunha ás theorias dos defensores da liberdade do ensino, até então apenas *tolerada*, produziu os desejados effeitos. O caracter de uniformidade, que pouco a pouco foi ganhando em todo o reino a instrucção popular,

---

(*) Está mencionada esta clausula no *frontispicio* impresso da publicação de que se trata, sendo o ministerio o da *Instrucção Publica*.

(N. do trad.)

facilitou á Administração Publica a tarefa de harmonisar em todas as Provincias as principaes regras para a direcção do ensino primario.

Mas para conseguir este fim foi preciso, para assim dizer, *refazer* o ensino normal quasi desde o A B C, combinando tudo de maneira que os mestres viessem a aprender sómente aquillo que devessem mais tarde ensinar ao povo. Era o unico meio de acabar com os excessos scientificos da escola livre, que tinhão trazido grande confusão e desharmonia neste ramo da instrucção.

Entretanto, o governo não pretendia de certo conservar o baixo povo sempre no mesmo estado de limitadissimos conhecimentos. E' facil perceber que o Regulamento de 1854 continha, além daquella parte doutrinal ou declaração de principios, disposições propriamente regulamentares. Os princípios podião ser comparados aos andaimes levantados para esteiar a nova obra, até que esta se completasse. Acabada a obra,—e como tal não podia ella ser considerada antes de achar-se bem firmado em todo o paiz o novo regimen normal—, retiravão-se os esteios provisoriamente estabelecidos, cuja recordação porém *devia* permanecer.

Neste sentido deve ser entendido o trecho do Aviso-Circular de 15 de Outubro de 1872, em que se diz que fica *supprimido* o Regulamento do 1° de Outubro de 1854, e mais determinações que o completárão. Tornou-se preciso alterar as *disposições regulamentares.* Desde que se firmára aquelle regimen, a *declaração de principios* era inutil, podia-se revogar o Regulamento de 1854 em todas as suas partes. Mas, se o proprio texto do de 1872 mostra que

a Administração *continúa a legislar* minuciosamente para as escolas normaes primarias, está subentendido que não abandonou as *faculdades* que se attribuira em 1854.

Vejamos agora em que differem os dous regulamentos nos pontos principaes.

As materias de ensino são as mesmas. Porém, além de ter-se alargado muito a esphera elementar de cada uma, estendeu-se o novo regulamento ás escolas normaes *catholicas*, com as reservas exigidas pela materia—Religião—.

Em lugar da «Escolologia» (*Schulkunde*) tornou-se a admittir o estudo da *Pedagogia*, circumscrevendo-a ás noções as mais indispensaveis.

O que se torna sobretudo notavel, é a tendencia que se manifesta em derramar o mais possivel pelas classes menos favorecidas da fortuna noções sobre as *sciencias naturaes*.

Especial cuidado merece ao governo Prussiano a organisação das escolas de exercicios praticos annexas ás normaes. Ao contrario do que dantes se preceituava, — uma só escola pratica com uma unica *classe*—, requer-se agora que cada estabelecimento normal tenha duas escolas, sendo uma como aquella, e a outra composta de duas até tres classes.

No mais, da simples confrontação de um com o outro Regulamento facilmente se deduz a ideia predominante, que é, collocar a illustração do povo sempre a par dos progressos que faz a propria sciencia, evitando, porém, que esta se desvirtue nas mãos livres dos respectivos professores publicos com exagerações e transvios, que só podem servir para tambem desvirtuar a verdadeira educação popular.

Os regulamentos de 2 e 3 de Outubro de 1854 sobre os preparatorios para os aspirantes á escola normal e sobre a organisação das escolas elementares foram igualmente substituidos por outros da mesma data de 15 de Outubro de 1872, pondo-se, como em 1854, os seus respectivos programmas de estudos em harmonia com o das escolas normaes, que hoje exigem um grau de instrucção preparatoria mais elevado do que o era ha vinte e dous annos.

O aspirante á escola normal deve ter pelo menos 17 annos de idade. Passando dos 24, já não é admittido, salvo se por circumstancias pessoaes assim o autorisar o conselho Provincial de instrucção publica. E' previamente examinado nas materias de ensino pela congregação dos lentes da escola normal, presidida por um membro do dito Conselho. Passa tambem por um exame medico, quanto ao seu physico, e á vista do resultado a admissão lhe é concedida ou recusada. Entre outros attestados (de baptismo, vaccinação, boa moral, etc.), deve o aspirante exhibir uma declaração assignada por seu pai, ou quem o substitua, de que tem meios sufficientes para sustentar-se durante todo o tempo do curso normal, e apresentar certidão passada pela autoridade local de que o declarante póde livremente dispôr desses meios.

Tem-se creado numerosos estabelecimentos régios para preparatorios, e cada um tem de submetter á approvação do governo um plano de estudos conforme ás novas disposições promulgadas em 1872 para o exame dos aspirantes.

Quanto á organisação das escolas elementares ou primarias, ainda maiores foram as reformas e os

melhoramentos desde a creação das escolas *medias* do povo, que estabelecem um novo grau entre o ensino elementar e o primario superior ou secundario-inferior. São porém, muito extensas as respectivas disposições para que caibão nestas folhas.

Aviso-Circular do Ministro da Instrucção Publica

Berlim, 15 de Outubro de 1872.

O incluso regulamento para o ensino nas escolas normaes primarias substituirá o do 1° de Outubro de 1854 e os avisos-circulares de 19 de Novembro de 1859 e 16 de Fevereiro de 1861, bem como as respectivas disposições complementares, ficando portanto supprimidos todos esses actos.

Os fins prescriptos nos paragraphos 19 até 30 do mesmo regulamento, embora sejão de ordem mais elevada, depressa se alcançarão nos estabelecimentos que pelos seus programmas de ensino já tenhão excedido o *minimum* até hoje determinado, assim como em quaesquer outros onde hajão boas aulas de preparatorios.

Os mais só poderão satisfazer as novas exigencias que ora se apresentão, depois que houverem admittido aspirantes melhor preparados. Para isso, cumpre que se lhes conceda um certo praso de transição.

Nesta conformidade, será preciso induzir cada um dos directores das escolas normaes a assentar no mais breve tempo possivel, para o seu estabelecimento, um plano baseado neste que é de uso geral, ou a justificar as razões que o obriguem a se apartar delle. Os planos parciaes, que corresponderem pura e simplesmente ás disposições do geral, no que disser respeito ao numero de horas marcado para as diversas materias de ensino e aos fins do mesmo ensino, serão sem maior exame approvados: os que porém contiverem modificações serão remettidos a este ministerio, com o parecer do conselho regio de instrucção publica da respectiva provincia, até ao 1º de Março do anno proximo vindouro, afim de que os trabalhos conformes ao novo plano de estudos possão principiar o mais cedo que fôr possivel.

Nos lugares onde se possa proceder mais depressa á execução do dito plano na segunda e terceira classe, conceder-se-ha logo para isso a necessaria autorisação; mas na primeira classe, uma vez principiado deverá o curso ir até ao fim, sem soffrer perturbação alguma.

O novo plano trará sem duvida a necessidade de novos compendios para a maior parte das materias ensinadas. Seria pois muito de desejar que os de uma e só mesma provincia se entendessem sobre a escolha desses livros, e a tal respeito fizessem suas propostas em commum. Em todo o caso, cumpre que estas me sejão remettidas com os competentes relatorios sobre os planos de estudos igualmente propostos.

Pelo *Rescripto* de 31 de Maio de 1871 já forão exigidas informações sobre os apparelhos e instrumen-

tos de que possão carecer as escolas normaes para os seus gabinetes de physica e laboratorios de chimica. As propostas que então se fizerão tem de soffrer modificações essenciaes, em consequencia das presentes determinações. Além disso, nem em todas as escolas normaes faltão somente os necessarios recursos materiaes para o estudo da physica e chimica; algumas tem tambem de completar as suas bibliothecas. E' preciso pois promover novas propostas motivadas por parte dos directores daquellas escólas, e acompanhadas do parecer do respectivo conselho provincial de instrucção publica.

Finalmente, quero que dentro do prazo de seis mezes me sejão enviados circumstanciados relatorios sobre o regimen interno de cada escola normal, com propostas concernentes ás reformas de que precisarem.

O Ministro dos cultos, e dos negocios da instrucção e hygiene (*) publicas.

(Assignado) FALK.

Aos reaes conselhos de instrucção publica, aos governos departamentaes, e aos consistorios privativos da provincia do Hanover.

(*) Hygiene publica é o equivalente do que na Prussia se denomina *Negocios medicinaes*.

(N. do trad.)

REGULAMENTO,

A QUE SE REFERE A PRECEDENTE CIRCULAR,
PARA AS ESCOLAS NORMAES PRIMARIAS DO GOVERNO,
E RESPECTIVO PLANO DE ESTUDOS.

A

DA ESCOLA DE EXERCICIOS PRATICOS

§ 1.º

A' cada escola normal para professores primarios deverão ser annexadas uma escola de exercicios praticos composta de mais de uma classe, e outra com uma só classe.

§ 2.º

Os trabalhos da escola pratica serão regidos, sob as vistas do director da escola normal, por um professor especial *(Ordinarius)*.

Nesta conformidade, será preciso induzir cada um dos directores das escolas normaes a assentar no mais breve tempo possivel, para o seu estabelecimento, um plano baseado neste que é de uso geral, ou a justificar as razões que o obriguem a se apartar delle. Os planos parciaes, que corresponderem pura e simplesmente ás disposições do geral, no que disser respeito ao numero de horas marcado para as diversas materias de ensino e aos fins do mesmo ensino, serão sem maior exame approvados: os que porém contiverem modificações serão remettidos a este ministerio, com o parecer do conselho regio de instrucção publica da respectiva provincia, até ao 1° de Março do anno proximo vindouro, afim de que os trabalhos conformes ao novo plano de estudos possão principiar o mais cedo que fôr possivel.

Nos lugares onde se possa proceder mais depressa á execução do dito plano na segunda e terceira classe, conceder-se-ha logo para isso a necessaria autorisação; mas na primeira classe, uma vez principiado deverá o curso ir até ao fim, sem soffrer perturbação alguma.

O novo plano trará sem duvida a necessidade de novos compendios para a maior parte das materias ensinadas. Seria pois muito de desejar que os de uma e só mesma provincia se entendessem sobre a escolha desses livros, e a tal respeito fizessem suas propostas em commum. Em todo o caso, cumpre que estas me sejão remettidas com os competentes relatorios sobre os planos de estudos igualmente propostos.

Pelo *Rescripto* de 31 de Maio de 1871 já forão exigidas informações sobre os apparelhos e instrumen-

tos de que possão carecer as escolas normaes para os seus gabinetes de physica e laboratorios de chimica. As propostas que então se fizerão tem de soffrer modificações essenciaes, em consequencia das presentes determinações. Além disso, nem em todas as escolas normaes faltão somente os necessarios recursos materiaes para o estudo da physica e chimica; algumas tem tambem de completar as suas bibliothecas. E' preciso pois promover novas propostas motivadas por parte dos directores daquellas escólas, e acompanhadas do parecer do respectivo conselho provincial de instrucção publica.

Finalmente, quero que dentro do prazo de seis mezes me sejão enviados circumstanciados relatorios sobre o regimen interno de cada escola normal, com propostas concernentes ás reformas de que precisarem.

O Ministro dos cultos, e dos negocios da instrucção e hygiene (*) publicas.

(Assignado) FALK.

Aos reaes conselhos de instrucção publica, aos governos departamentaes, e aos consistorios privativos da provincia do Hanover.

(*) Hygiene publica é o equivalente do que na Prussia se denomina *Negocios medicinaes*.

(N. do trad.)

REGULAMENTO,

A QUE SE REFERE A PRECEDENTE CIRCULAR, PARA AS ESCOLAS NORMAES PRIMARIAS DO GOVERNO, E RESPECTIVO PLANO DE ESTUDOS.

A

DA ESCOLA DE EXERCICIOS PRATICOS

§ 1.º

A' cada escola normal para professores primarios deverão ser annexadas uma escola de exercicios praticos composta de mais de uma classe, e outra com uma só classe.

§ 2.º

Os trabalhos da escola pratica serão regidos, sob as vistas do director da escola normal, por um professor especial *(Ordinarius)*.

Se fôr possivel, serão estas funcções confiadas a um cathedratico da escola normal. Em todo o caso, aquelle será considerado membro da congregação dos professores desta ultima.

B

DA ESCOLA NORMAL

§ 3.°

O curso completo dos estudos na escola normal durará tres annos.

Nos estabelecimentos em que até agora o mesmo curso tiver sido de menor duração, deverão ser empregados todos os esforços para introduzir-se esse triennio.

§ 4.°

A' classe infima, isto é, á 3ª incumbe preparar os alumnos, vindos de outros estabelecimentos de ensino de qualquer genero que sejão, para que possão receber uma educação uniforme e adquirir habilitações de igualada natureza. Os professores deverão ensinal-os a coordenar as suas noções, a completal-as e reproduzil-as independentemente de coadjuvação extranha (*Selbstœndig*). Neste gráu os normalistas ainda não tem que se occupar de escola pratica.

No gráu medio—2ª classe—principião os alumnos a alargar a esphera dos seus conhecimentos, para que mais tarde se achem em estado de communical-os a outros por meio do ensino. Na escola pratica ouvem as prelecções dos professores normaes, prestão-lhes alguns serviços de ajudantes, e ensaião-se em darem elles mesmos algumas lições.

No grau superior—1ª classe—concluem os normalistas a sua aprendizagem, recebendo instrucções sobre o modo de se adiantarem por si mesmos na sua educação; além disso, incumbe-lhes darem lições continuadas na escola pratica sob a fiscalisação do respectivo professor, e debaixo das vistas do director da escola normal.

Cumpre portanto que nenhum alumno-mestre dê menos de seis nem mais de dez horas de lição por semana na escola pratica, e que elle não saia do estabelecimento sem ter tido occasião de exercitar-se em fazer prelecções sobre religião, calculo, allemão, canto e alguma das outras materias de ensino.

E' preciso tambem que, pelo menos tres vezes no anno se alternem os trabalhos distribuidos entre os normalistas.

Com esta alternação será combinado de cada vez um exame nas diversas classes da escola perante a congregação dos respectivos professores, ao qual serão sujeitos os alumnos que se retirarem do ensino pratico, com assistencia dos que por seu turno nelle tiverem de tomar parte.

§ 5.º

Os trabalhos *(Pensa)* de ensino pratico (confiados aos alumnos-mestres) serão inscriptos uma vez por

semana em um «Livro de Classes» expressamente organisado para esse fim ; e este registro servirá para regular os juizos que se tiverem de formar, tanto nos actos de revisão extraordinaria, como nos de exame final. A estes ultimos se procederá no fim de cada semestre, perante a congregação dos lentes, sobre todas as materias do ensino.

§ 6.°

No fim de cada *curso* passaráõ os alumnos, sem mais formalidades, para o curso immediatamente superior. Se algum alumno não se achar habilitado para isso, propôr-se-ha a sua *despedida* do estabelecimento normal ao Conselho provincial de instrucção publica ; todavia, em lugar da despedida, poderá o normalista requerer a repetição do curso da sua classe, se não lhe fôr imputavel a culpa da sua reprovação.

§ 7.°

Ambas as classes inferiores terão cada uma 24 horas de lição por semana, e a primeira 14, além das que fôrem destinadas para as materias technicas ou facultativas.

§ 8.°

O ensino das materias designadas no plano de lições das escolas populares, bem como o da Pedagogia, é obrigatorio para todos os alumnos.

Os casos em que alguns alumnos poderão ser dispensados das lições de orgão, ou em geral do ensino da musica ou de partes delle, quando hajão sido admittidos na escola normal sem possuir nenhuns ou sufficientes elementos desta arte, serão resolvidos depois de conferenciarem os professores sobre cada um dos ditos casos que se apresentar.

§ 9.º

O ensino do francez, inglez e latim será facultativo.

Por excepção, deverão tomar parte nas lições de qualquer destas linguas os alumnos que, sem terem principio algum de taes linguas, mostrarem disposições para aprendêl-as.

Em regra, será preferido o francez para materia de estudo.

§ 10.

O ensino que receberem os normalistas deve pela sua fórma servir de modelo ao que elles mesmos tiverem de dar mais tarde como professores. Cumpre portanto que o lente, nas suas exposições, seja sempre tão correcto como terá de sêl-o o alumno na reproducção verbal ou por escripto do mesmo objecto.

E' prohibido ao lente dictar, e ao normalista escrever o que ouvir da lição. Entretanto, em todas as materias poderá ser empregado algum compendio para as lições, sendo necessario.

As prelecções do mestre comportão, além da ma-

teria sobre que versarem, o ensino do methodo, habilitando assim o discipulo a bem compenetrar-se da primeira por si mesmo. Em todas as lições, mesmo nas que não tenhão por unico objecto o ensino da lingua allemã, exercitar-se-hão os normalistas em expôr livremente e em boa ordem o assumpto estudado.

§ 11.

Para mais facilitar os trabalhos do ensino cada escola normal deve possuir, além de uma boa bibliotheca, de um gabinete de physica e, sendo possivel, um laboratorio de chimica, tambem uma boa collecção dos mais notaveis e melhores objectos materiaes proprios para tornar bem sensiveis as demonstrações scientificas.

§ 12.

Nos lugares onde não fôr ainda praticavel a formação de uma verdadeira bibliotheca normalista, ainda que seja como parte especial de toda a livraria, cumpre ao menos providenciar para que fiquem attendidas não só as necessidades intellectuaes dos professores como tambem as dos proprios alumnos-mestres. Estes carecem tanto de livros que lhes offereção assumptos de nobre entretenimento, como de obras em que encontrem materias apropriadas para completar a sua instrucção, ou modelos da melhor maneira de expôl-as. A este numero pertencem: as obras dos nossos classicos, e os dos poetas e prosadores

populares de mais renome dos tempos modernos e modernissimos, que sejão accessiveis á intelligencia dos normalistas e favoreção os fins propostos ao ensino normal; alguns escriptos que sirvão de fontes para a historia da Pedagogia, inclusive os trabalhos dos pedagogos mais notaveis dos tres ultimos seculos, como se encontrão em boas collecções, p. ex., na de Carlos Richter ; e modelos de bons escriptos para a mocidade compostos por esses autores, desde os seus primeiros ensaios na época dos *philanthropos*, até ao presente.

Finalmente, pertencem á mesma cathegoria os escriptos que contenhão modelos de exposições populares sobre cosmologia, corographia patria, e historia da civilisação, compostos por Schleiden, Tschudi, Masius, Brehm, Rossmœssler, Russ, Hartwig, Muller, von Varnhargen, Adami, Werner Hahn, Fernando Schmidt, Wildenhahn, W. Baur, Freitag, Riehl, e outros.

§ 13.

O uso dos livros separados para a leitura privada dos alumnos-mestres será regulado segundo um plano e fiscalisado no decurso do ensino; as providencias para esse fim serão tomadas de maneira que os alumnos tenhão a escolha entre assumptos da mesma natureza, e torne-se obrigatoria a leitura de obras como, por exemplo, Minna de Barnhelm por Lessing, o Wallenstein de Schiller, Hermam e Dorothea de Gœthe, Linardo e Gertrudes de Pestalozzi.

§ 14.

Convém igualmente proporcionar aos normalistas occasiões de se ajudarem reciprocamente para conseguir os fins da sua educação por meio de reuniões privadas para leituras feitas em commum nas noites do Domingo, de exercicios musicaes e excursões botanicas, dando-se-lhes nesse sentido as precisas instrucções.

§ 15.

Uma vez, pelo menos, em cada mez interromper-se-hão as lições por um dia inteiro. A opportunidade, assim ganha para se entregarem os alumnos a trabalhos systematicos e independentes não deverá ser nesse dia estorvado por quaesquer outros estudos obrigatorios.

§ 16.

Na organisação do plano do ensino cumpre empregar todo o cuidado para que, com as occupações a que fôrem adstrictos os normalistas na escola de exercicios, não soffrão as lições que elles mesmos tiverem de receber; portanto, quando não houver aula na escola pratica, cessaráõ, totalmente na 1ª classe e parcialmente na 2ª classe, as lições de *magisterio*.

§ 17.

O ensino dado na escola normal regular-se-ha por um *plano* especial para cada estabelecimento. Para a organisação desse plano, assim como para a introducção de novos compendios, será necessaria a previa autorisação do Ministro. Conforme as suas circumstancias, cada escola normal tratará então de attender aos seguintes pontos e instrucções relativamente ás materias de ensino.

(Plano geral de estudos)

§ 18.

PEDAGOGIA.

3ª classe. 2 horas (por semana).

Os alumnos aprenderáõ o que ha de mais essencial a respeito de educação e instrucção, por meio de quadros bem expressivos dos homens os mais notaveis, das épocas de maior movimento, e dos melhoramentos mais interessantes e proficuos operados no dominio das escolas populares. Para complemento desses quadros, e para tornal-os mais claros, serve de muito a iniciação no conhecimento das principaes obras de litteratura pedagogica, sobretudo das que apparecêrão depois da reforma lutheriana. As lei-

turas serão escolhidas de maneira que a ellas se possa sempre prender o exame de alguma questão pedagogica. Por este modo deverão os alumnos-mestres se habilitar, aprendendo a formar uma ideia exacta e clara de qualquer escripto de grande extensão.

2ª classe (2 horas).

Theoria geral sobre a educação e instrucção, comprehendendo a fórma do ensino e a educação por meio da instrucção, e accrescentando-se-lhe o que fôr necessario da Logica e Psychologia.

1ª classe (3 horas).

Theoria especial sobre a instrucção — o que se chama «Methodologia» (*Methodik*). O cargo de professor. A administração da escola. Como se alarga a esphera do magisterio e se opera a instrucção progressiva (*Fortbildung*) do professor.

Os normalistas deverão ter conhecimento das disposições geraes sobre a instrucção popular que se acharem em vigor no districto onde tiverem primeiro de exercer o magisterio (2 horas).

A terceira hora de que dispõe o director (*Ordinarius*) da escola pratica será por este destinada para a coordenação das observações que elle mesmo houver feito, ou que lhe forem communicadas pelos professores competentes, a respeito dos trabalhos dos alumnos-mestres na mesma escola.

§ 19.

RELIGIÃO.

3ª classe (4 horas).

A historia biblica do velho testamento, por inteiro (3 horas).

Nesta parte, para a 3ª como para a 2ª classe, serão devidamente explicados os differentes episodios da historia sagrada no sentido religioso e moral, cumprindo que os normalistas se exercitem em narral-a livremente e com gravidade de linguagem.

Psalmos e outras partes poeticas do Velho Testamento.

O canto sacro, e historia do seu desenvolvimento.

Explicar-se-hão sob esta rubrica os canticos da Igreja designados no plano de lições da escola pratica, juntando-se por ordem chronologica os que mais se assemelharem áquelles pela fórma e pelo fundo, de maneira que fique bem clara a historia da poesia sacra (1 hora).

O decorar e repetir canticos é tarefa que deverá ser dividida entre os alumnos da 3ª classe e os da 2ª.

Ensinar-se-ha toda a doutrina religiosa, com o catechismo da religião a que pertencer a escola, fazendo constantes referencias á historia sagrada, e dando as necessarias direcções para o ensino da materia na escola pratica.

A principiar do 2º semestre em diante, aproveitar-se-ha pelo menos uma hora para as prelecções-mo-

delos e para os ensaios de lições pelos alumnos na mesma escola.

1ª classe (2 horas).

Conhecimento da biblia.—Nas escolas normaes da religião evangelica ler-se-hão passagens da biblia.

O mais essencial da historia da Igreja em geral.

A methodologia do ensino da religião, com *provas magistraes* que patentêem todas as fórmas por que se dá esse ensino, terá por fim explicar a historia sagrada, sentenças da biblia, trechos da escriptura, o catechismo, canticos sacros, e a historia da Igreja. —Direcções para a instrucção progressiva.

Os livros de religião (catechismo e livro de historias) introduzidos na escola pratica deveráõ servir de base para o ensino normal, por tal fórma que o alumno-mestre fique habilitado para mais tarde servir-se delles e explical-os sem dependencia de quem quer que seja. Entretanto, as prelecções na escola normal poderáõ ir além dos limites traçados por esses livros, mesmo quanto á materia em si; por isso, devem ser utilisados outros compendios ou *guias* mais extensos, sobretudo para o conhecimento da historia sagrada e das santas escripturas.

Para as escolas normaes catholicas, accrescerá o ensino e a explicação das Orações cuja pratica fôr preceituada pela respectiva Igreja como dever religioso.

§ 20.

ALLEMÃO.

(como lingua nacional)

3ª *Classe*. (*5 horas*).

GRAMMATICA.

Da oração simples, contrahida e composta, em periodos faceis. Das especies de palavras, da declinação, comparação e conjugação. Regras de orthographia e pontuação.

LEITURA.

Em ligação com a primeira materia: Exercicios oraes e por escripto, assim como lições sobre a essencia e a fórma da poesia: elementos de metrificação; o mais importante a respeito da Rima. Das differentes formas de poesia lyrica, como seja a canção; da poesia epica, v. gr., a narração poetica, a lenda, a tradição, o conto, a ballada; da poesia didactica, a fabula e a parabola.

2ª *Classe*. (*5 horas*).

GRAMMATICA.

Noções exactas sobre a oração composta e contrahida, bem como sobre o nome, a regencia nos

verbos, os qualificativos e comparativos. Theoria da pontuação. Formação das palavras.

LEITURA, como na 3ª classe.—As composições dos poetas e prosadores de que se tratar serão escolhidas d'entre algumas mais difficeis do que para a 3ª classe, tanto no que disser respeito a extensão, como relativamente á fórma e fundo. Com ellas estudar-se-ha a poesia lyrica, epica e dramatica. Canções populares, Odes, Balladas, romances e dramas.

THEORIA DA LEITURA e instrucções praticas, para mostrar como se dá o ensino da lingua, por meio de prelecções exemplares e provas magistraes.

1ª Classe. (2 horas)

Repetição das lições precedentes, alargando-se a sua esphera quanto á Leitura.

Methodologia do ensino da lingua allemãa, ligada com as provas acima ditas.

Pelo que diz respeito a esse ensino, observar-se-hão os seguintes requisitos:

1.º Procure-se acostumar os alumnos a usarem de uma linguagem fluente e correcta,—ponto este que merece muita importancia—, não obrigando-os a simples exercicios oratorios, mas habituando-os a fazer exposições seguidas sobre o allemão, como sobre quaesquer outras materias.

2.º Para os trabalhos escriptos cumpre muito exigir uma fórma correcta, lucidez de expressão, e facilidade na coordenação do objecto tratado. Com isso

tem-se em vista: habilitar os alumnos-mestres a bem leccionar sobre as materias de que se houverem compenetrado. Neste sentido observe-se certa marcha progressiva á medida que fôrem subindo de grau; as materias serão tiradas de qualquer dominio do ensino normal.

3.º Dividão-se as lições de leitura em duas partes, uma privada, e outra que tenha de ser desempenhada na mesma occasião do dito ensino.

Para a primeira, dão-se aos alumnos-mestres os livros que houverem na bibliotheca da casa, comprehendendo principalmente as obras-primas dos nossos poetas e prosadores; os alumnos mais bem dotados encontrarão ahi um rico material. Para a segunda parte, proceder-se-ha á explicação da fórma e fundo das obras que fôrem escolhidas. De preferencia serão tomados os poetas e prosadores da litteratura allemãa do tempo de Luthero em diante, sobretudo os nossos classicos.

Na escolha das obras que devão servir de modelos proceder-se-ha de modo que todas as especies de poesias acima designadas sejão representadas, tornando então bem patentes por esses exemplos as suas propriedades. Dá-se certo numero dessas poesias para ser decorado. As materias serão tiradas do compendio adoptado no estabelecimento. Finalmente, nas prelecções normaes trabalhe-se com as materias contidas no compendio de leitura das escolas do povo usado na respectiva Provincia, e dêem-se as necessarias direcções para a instrucção progressiva.

Além do compendio de leitura da escola pratica, a respeito do qual receberão os alumnos-mestres nas aulas normaes as necessarias instrucções sobre o

melhor modo de usar delle, ser-lhes-ha destinado outro especial para seu proprio ensino (*).

§ 21.

HISTORIA.

3ª Classe (2 horas).

Esboços da vida dos principaes povos cultos da antiguidade; e em mais largas proporções: a historia *dos Hellenos,* a saber, a era dos heróes, a epoca dos legisladores, a das guerras com os Persas até a Alexandre o Grande; a historia *dos Romanos,* comprehendendo as lendas do tempo dos reis, a historia da republica em esboços biographicos, quéda da republica, e alguns trechos da epoca dos imperadores do 1º seculo.

2ª Classe (2 horas).

Da patria dos antigos Germanos, e do respectivo povo. Lutas armadas com os Romanos. A emigração dos povos, epoca dos Carlovingios,—estudando-se, com maior extensão de materia, a parte relativa á propagação do christianismo e a Carlos-Magno;

(*) Segundo as disposições publicadas a respeito dos compendios para as escolas do povo, e pela analogia entre ellas existente, é de suppôr que nenhum compendio seja obrigatorio para o ensino normal. Cada Governo provincial propõe o que mais lhe parece convir no seu districto ao Governo central, que o approva ou rejeita.

(N. do original).

historia das grandes casas imperiaes, epoca das cruzadas, e a principiar dahi os successos occorridos até á reforma religiosa de Luthero.

1ª Classe (2 horas).

Historia da Prussia, desde os tempos em que o paiz se limitava á Marca de Brandenburgo até ao presente. Nos lugares competentes far-se-ha referencia aos acontecimentos mais importantes que se derão nos estados visinhos.

A instrucção methodologica principia na 3ª classe com os exercicios de narrações historicas feitas livremente e por forma connexa, continúa na 2ª classe por meio de provas de prelecções, e acaba na 1ª com o juizo proferido sobre os trabalhos desempenhados pelos alumnos na escola pratica.

§ 22.

CALCULO.

3ª Classe (3 horas).

Como se formão e se representão os algarismos. As quatro especies em numeros concretos e abstractos. Systema decimal. Fracções ordinarias, problemas da regra de tres. Regra de tres composta. Contas usuaes na vida (calculos de juros, de prazos, de desconto, de sociedade, de liga). Raizes quadradas e cubicas.

2ª Classe (3 horas).

Regra de proporções e theoria das quantidades positivas e negativas.

Equações do 1º grau. Potencias e raizes (2 horas).

Parte methodica, demonstrada em lições-modelos pelos professores e em provas magistraes pelos alumnos, sendo os respectivos objectos tirados do programma das escolas do povo. Nesta occasião acostumar-se-hão os normalistas a empregar e a manusear os instrumentos ou maquinas de calcular as mais usadas (1 hora).

1ª Classe (1 hora).

Firmar bem o alumno no uso dos methodos.

Passa-se ás equações do 2º grau, e sendo possivel, e dá-se a theoria das *series* e logarithmos. Dirigir a educação progressiva.

Nestas lições deve-se ter por fim fazer bem comprehender os processos e facilitar a solução acertada dos problemas, sem auxilio extranho.

§ 23.

GEOMETRIA ELEMENTAR

3ª Classe (2 horas).

Explicação sobre as linhas, angulos, triangulos, parallelogrammos e circulos. Problemas de construcção (*Construction*).

2ª Classe (2 horas).

Da igualdade e analogia das figuras e sua medição. Stereometria.

1ª Classe.

Nesta classe repetem-se as mesmas materias e ensina-se a maneira de tratar dellas methodicamente.

Nas tres classes exercitar-se-hão os alumnos em desenhar na pedra as figuras geometricas.

Em todo este ensino procede-se pelo methodo intuitivo, tendo-se á mão bons compendios.

Fim a ter-se em vista: Percepção clara do objecto, possibilidade de adiantar-se ulteriormente o alumno tambem em outras materias, e habilital-o para ensinar.

§ 24.

DESCRIPÇÃO DA NATUREZA, PHYSICA, E CHIMICA

Descripção da natureza (*)

3ª Classe (4 horas).

Noções: sobre escolhidas plantas sementaes (*Samenpflanzen*) pertencentes ás familias as mais vulgari-

(*) Neste § alterei a ordem do original, mencionando as 3 classes sob a rubrica de cada materia, em logar de repetir o nome da materia sob cada classe.

(N. do trad.)

sadas; sobre o systema de Linneu, e a parte a mais importante da Morphologia. — No inverno: zoologia (2 horas).

2ª classe (4 horas).

Noções sobre as principaes formas das plantas sementaes e das do genero «Esporas» (*Sporenpflanzen*), e algum systema de historia natural. Conformação, vida e propagação das plantas.—No inverno: alargamento do circulo de prelecções sobre zoologia; além disso, estructura interna e funcções vitaes do corpo humano (2 horas).

PHYSICA

3ª classe.

Phenomenos magneticos, electricos e mecanicos.

2ª classe.

A luz, o calor, a acustica.

CHIMICA

3ª classe.

Dos corpos os mais simples e suas combinações, tendo-se em especial consideração os mineraes (2 horas).

(2ª *classe*).

Os mesmos pontos *retro*, porém dados com mais largueza, accrescentando-se-lhe chimica organica (2 horas).

Em todas as tres materias acima designadas, e nesta 2ª classe, dar-se-ha o *methodo de leccional-as*, e terão lugar prelecções-modelos feitas pelos professores e provas de lição desempenhadas pelos alumnos-mestres.

Na 1ª classe completão-se os estudos sobre o *methodo* das tres materias.

Fica adoptado o uso de uma exposição resumida sobre a construcção da crosta terrestre.

Instrucções sobre a maneira de instruir-se progressivamente o individuo por si mesmo.

Um dos fins especiaes deste ensino é descobrir, para a demonstração das sciencias naturaes, methodos com que se promova desde logo entre os alumnos *até das camadas sociaes as mais infimas* a virtude e efficacia da *educação formal*, isto é, noções muito geraes sobre tudo quanto possa illustrar o espirito (*). Para isso, cumpre que em todas as materias se proceda por via de observação pratica, não se ensi-

---

(*) Para essa maior generalisação da instrucção entre as classes industriaes forão ultimamente creadas na Prussia as Escolas Medias (*Mittel-Schulen*), que preenchem a lacuna dantes existente para os que, depois de educados na escola do povo, e não podendo por quaesquer circunstancias pessoaes seguir as aulas do ensino secundario, não tinhão onde aprender materias que sahem do limitado programma daquella escola. O respectivo regulamento e plano de estudos é datado de 15 de Outubro de 1872.

(N. do trad.)

nando a Physica nem a Chimica sem se fazerem as competentes experiencias, nem a historia natural, sem se apresentarem em original ou figurados os objectos de que se tratar. E' prohibida toda e qualquer demonstração puramente de memoria.

O fim do mesmo ensino é habituar os alumnos a lidarem, sem dependencia de outrem, com os objectos dos tres reinos da natureza ; a proseguirem nos seus estudos, tendo bons livros por guias ; e a darem prelecções intuitivas e claras.

§ 25.

GEOGRAPHIA.

3ª Classe (2 horas).

O mais essencial da corographia patria e geographia geral. Noções resumidas sobre a superficie da terra. As quatro partes do mundo fóra da Europa. *Leitura* dos mappas geographicos (*Kartenlesen*).

2ª Classe (2 horas).

Europa. Allemanha. Geographia mathematica. Direcção para o ensino geographico, por meio de prelecções-modelos e provas de exercicio magistral.

1ª Classe (1 hora).

Continua a direcção methodica, especialmente no que diz respeito ao uso dos atlas, cartas muraes,

globos, espheras armillares e outros recursos materiaes.

Cada normalista deverá possuir um bom atlas manual, de que fará uso durante o ensino. O compendio adoptado será um resumo da obra que o professor fôr acompanhando nas suas prelecções.

§ 26.

DESENHO.

3ª Classe. 2 horas.

Representação de linhas e angulos. Desenho de figuras planas geometricas. Figuras compostas, symetricas, e outras, desenhadas dentro de um quadrado. Desenho de corpos com angulos rectos e arredondados. Dito de figuras symetricas e ornatos com modelos á vista. Dito com regoa, tira-linhas e compasso, exercicios de ornamentação e desenho na pedra.

2ª Classe. 2 horas.

Elementos de Perspectiva. Desenho por modelos de páu, de gesso, e á imitação da natureza, executados com cré preta, tinta da China, *sepia*, etc., conforme as disposições de cada alumno. Exercicios de desenho na pedra.

respectivo professor, em ensinar a gymnastica a alguns alumnos. (*)

§ 29.

MUSICA

I.—Piano.

Na 3ª classe proceder-se-ha a exercicios puramente technicos para que os alumnos aprendão a tocar este instrumento com desembaraço, bem como a *Estudos* proprios, seguindo-se a ordem de successão adoptada nas melhores escolas da arte; e executar-se-hão peças, principiando por exemplo pelas *Pequenas Sonatas* de Clemente, e subindo gradualmente. Além das peças antigas mais acreditadas, serão contempladas as modernas que mais voga tiverem.

(*) Neste lugar acha-se transcripto em nota separada um Aviso-Circular de 24 de Junho de 1873, no qual o Ministro da instrucção publica, extranhando que em tão poucas escolas normaes se achasse regularisado o ensino da *Natação*, reconmenda aos Conselhos Provinciaes de instrucção publica que o introduzão em todas aquellas onde as circumstancias o permittão, á vista da importancia que este ensino tem para os exercicios do corpo. Na falta de um mestre propriamente de natação, diz-se no dito Aviso, será facil na mór parte dos casos dotar o professor de gymnastica das necessarias habilitações para esse fim. Nas providencias a tomar para os estabelecimentos de natação attenda-se a maior *simplicidade*, e ao *absolutamente necessario*. Quando as escolas normaes não possuão predios proprios para taes estabelecimentos, são autorisadas para compral-os ou alugal-os por preços modicos. As despezas de conservação correm pela verba do orçamento que por cada escola fôr para isso destinada, sem se exigir dos alumnos-mestres retribuição alguma por este accrescimo. O ensino desta materia, como o de todas as mais, é gratuito para elles.
Tal é o transumpto do citado Aviso.

(N. do trad.)

Na 2ª classe, continuão-se os referidos Estudos, subindo os alumnos, que melhores disposições mostrarem, até ás composições de Cramer, e ás Sonatas dos mestres classicos como Mozart, Beethoven, Hayden, e observando-se a ordem progressiva que o respectivo professor marcar.

Na 1ª classe o piano ficará sendo considerado como objecto de exercicios privados.

II.—Orgão.

O normalista irá se adiantando de classe em classe nas lições de orgão pelo systema adoptado, conforme forem as suas disposições e estudos preparatorios. Além dissso caberáõ em particular :

A' 3ª classe, fazer exercicios continuados em todos os numeros do *Livro de canto-chão ;*

A' 2ª, tocar á primeira vista as pequenas peças contidas no Compendio de Harmonia e transpostas para orgão ; e procurar adquirir certeza de execução em qualquer especie de canto-chão mais usual, conforme as exigencias de um regular serviço divino ;

A' 1ª, aprender a transpôr, a modular o mesmo canto, e a compôr pequenos preludios e intermedios.

III.—Harmonia.

Os alumnos-mestres que não se destinarem ao serviço de organistas, terão entretanto de tomar parte

no ensino da Harmonia, limitando-se ás lições da 3ª classe e á parte historica leccionada na 1ª.

3.ª Classe.—Explicação e exercicios dos tons maiores e menores, dos *accordes* de *septimas* e *nonas* segundo as suas fórmas principaes e as leis fundamentaes das respectivas combinações.

2.ª Classe.—Firmar os alumnos no conhecimento das regras de Harmonia e ensinar-lhes a applical-as na interpretação das peças de canto-chão, bem como na arte de analysar, transpôr e tocar pequenos trechos arranjados para orgão e dados pelo professor.—Primeiro curso de modulação.

1.ª Classe.—Harmonisação do canto-chão e das canções populares. Composição de preludios simples e intermedios graves para o canto sacro. Segundo curso de modulação. As antigas especies de tons. Algumas noções sobre as principaes fórmas da musica vocal e instrumental. Maneira de construir e tratar um orgão. Um pouco de historia da musica.

IV.—Rebeca.

Para este instrumento os normalistas não serão divididos por annos lectivos, mas por secções, conforme a habilidade e prestimo de cada um. Cada secção terá de aprender a executar gradualmente e com acerto os preceitos elementares da arte de tocar rebeca. Além disto, ha os seguintes requisitos a que se deve attender, quanto á arte em si e ás habilitações a adquirir:

1.° Aprender a tocar de memoria as melodias dos córos e canções populares usados na escola pratica.

2.° Executar duetos seguindo-se uma ordem systematica.

3.° Iniciar a secção superior dos alumnos nos exercicios de alta escola.

V.—Canto.

3ª Classe em lições separadas.

Exercicios elementares para formação das vozes e reproducção dos sons, observando-se a respectiva melodia, seu rhythmo e proporções *dynamicas*. Córos sacros e canções populares em côro, os primeiros em tom unisono, e as segundas tambem unisonas, e de duas ou tres partes.

Além disso: côro mixto entre differentes classes combinadas.

Continuação dos exercicios elementares, passando-se para os de vocalisação e solfejo, e tratando-se cada vez mais dos *Intervallos*, especialmente dos *accordes* e suas variedades, etc.

(*Além disso preceitua-se o ensino apurado dos cantos sagrados e profanos os mais em voga e dos melhores mestres, e entre estes ultimos os córos populares que especialmenle celebrão os altos feitos da patria.*—N. do trad.)

1ª classe.

Prelecções methodicas sobre a maneira de ensinar o canto na escola popular, combinadas com exercicios praticos. Execução de córos mixtos em commum com a classe superior da escola annexa á normal.

Estas prelecções tem por fim fazer dos normalistas bons mestres de canto, chantres e organistas bem exercitados. Não se deve porém querer educar alguns alumnos para artistas consumados; isto prejudicaria ao fim proposto. Convém antes ensina-los a bem apreciar as composições dos grandes mestres, para preserval-os da velleidade de offerecerem, em lugar daquellas, suas proprias composições nas igrejas de freguezias (*Gemeinden*) e nas escolas de meninos.

Fique entendido que o numero de horas semanaes, 5 para cada uma das duas classes inferiores e 3 para a classe superior, deve ser distribuido de modo que, sendo o ensino *por secções* nas materias technicas, caiba a cada secção o respectivo numero de horas semanaes marcado.

§ 30.

O ensino das linguas estrangeiras será dividido em tres *cursos* (com 3 horas para os dous primeiros, e 2 para o ultimo); e estes cursos serão organisados independentemente da divisão por classes, entrando nelles os alumnos-mestres conforme as primeiras noções que tiverem. A secção infima

principiará pela grammatica elementar da lingua que pretender estudar.

§ 31.

As escolas normaes continuaráõ a se applicar, como até ao presente, á jardinagem e horticultura, bem como á criação do bicho da seda, e completaráõ as disposições que fôrem necessarias para o melhor ensino da parte da historia natural concernente áquellas artes. As que a tal respeito já houverem sido tomadas em alguns estabelecimentos, ficaráõ em vigor.

Berlim, 15 de Outubro de 1872.

O Ministro dos Cultos e dos Negocios de Instrucção e Hygiene Publicas

FALK.

Destas 136 escolas 26 são muito recentes, tendo sido creadas no intervallo de 1872 a principios de 1875 ; e 3, já existentes, forão no mesmo periodo consideravelmente augmentadas.

Os estabelecimentos normaes achão-se constituidos, uns em Internatos, e outros em Externatos, havendo uma terceira categoria de organisação mixta, isto é, a dos que são simultaneamente internatos e externatos.

A maioria se compõe de *Internatos*, existindo somente 26 *Externatos* e 4 escolas *mixtas*. (*)

Entre as 136 escolas regias, de que se trata, estão incluidos 5 Internatos e 1 Externato para professoras publicas. Destes 6 estabelecimeutos 3 são catholicos, 2 protestantes e 1 pertence a ambas as religiões.

Além das escolas regias e christãas, existem 4 particulares para a educacão dos professores da religião judaica.

É de sentir que o Dr. Schneider não publicasse igualmente o numero de alumnos que frequentão tcdas essas escolas normaes.

(*) Sobre a questão se, em these, devem as escolas normaes ser Internatos ou Externatos, veja-se na pag. 133 e segg. deste folheto a opinião do grande profissional L. W. Seyffarth, contraria á que o Governo Prussiano parece ter adoptado.

O DECRETO PRUSSIANO DE 1859

SOBRE AS «REALSCHULEN»

E plano de estudos da Academia de Münster, para as

SCIENCIAS NATURAES.

PREAMBULO

Volkmar Stoy e Seyffarth, referindo-se aos preparatorios dos aspirantes á escola normal, menciona como estabelecimentos de ensino, onde se pode estudal-os com proveito, os *Gymnasios* e as *Realschulen*,

São collegios do gráu secundario ou primario-superior que, pela differença da respectiva organisação, constituem duas categorias distinctas.

Os Gymnasios assemelhão-se aos estabelecimentos classicos do mesmo genero existentes em toda a parte do mundo, e particularmente ao typo o mais perfeito que possuimos sob o nome de «Collegio de Pedro II.»

Destes ha uma segunda escala que comprehende os Gymnasios *inferiores*, *Sub-gymnasios* ou *Pro-Gymnasios* (termos todos synonimos), onde os estudos são menos completos ou mais abreviados.

Pela mesma razão, as Realschulen, cuja organisação é mais privativa dos povos da raça Germanica, denominão-se de *primeira* e de *segunda ordem*.

O que é porém uma Realschule?

Em breves termos:

É a expressão a mais viva e eloquente das necessi dades do ensino da nossa epoca; é um collegio espe

cialmente montado e destinado para o estudo apurado das linguas modernas as mais cultas, das sciencias positivas, principalmente sciencias naturaes, ou, como a tudo isso denominão os allemães, das *Realien*, isto é, realidades scientificas.

Quanto ás demais circumstancias que caracterisão as Realschulen, ninguem melhor do que o proprio Governo Prussiano poderia definil-as com clareza.

Julgo portanto util inserir neste lugar o Decreto de 6 de Outubro de 1859, que alli organisou estas celebres escolas.

Ha pouco tempo, delle publiquei uma traducção parcial no *Globo*, aconpanhando-a de alguns artigos sobres esses estabelecimentos e o estudo das sciencias naturaes na Allemanha. (*) Dos mesmos artigos extrahirei, para incluir nas presentes folhas, unicamente a parte que mais possa servir para explicar o referido Decreto, e a origem do interessante *P ano de estudos* da Academia de Münster, que aqui transcrevo igualmente, no concernente ao ramo das sciencias naturaes, cultivado com tanto cuidado entre aquelles povos!

A este ultimo respeito, de que valerião quaesquer considerações, ao pé das simples e poucas palavras do Dr. Volkmar Stoy consignadas nas paginas 22 e 23 do presente folheto ?!...

J. T. de M.

(*) Vide os numeros do citado periodico de 28 de Maio, 9 e 12 de Junho, 4, 5, 6 e 20 de Julho de 1876.

Sobre as escolas allemãas denominadas Realschulen

(V. o *Globo*, n. 146 de 28 de Maio de 1876).

Nestes ultimos tempos tem-se fallado muito de *ensino profissional e escolas profissionaes.*

Trata-se de organisar e acclimar no nosso paiz esta parte da instrucção publica. Mas, segundo me parece, ainda não se acha entre nós bem definida a idéa ligada a taes estabelecimentos, nem demarcada com exactidão a sua esphera de actividade. Se temos em vista sómente a creação de boas escolas, onde se ensinem os rudimentos technicos necessarios para o exercicio de uma certa e determinada *profissão*, por exemplo a do commercio, creio que pouco ou nada haverá a objectar contra a qualificação de « profissional ».

Porém se a intenção é organisar o ensino *primario-superior*, especialmente instituido afim de preparar grande parte da mocidade para trilhar com proveito e honra *qualquer* das muitas carreiras publicas que só exigem conhecimentos positivos e *reaes*, excluindo-se o das altas sciencias,

receio que, com a qualificação adoptada, possa o nome contribuir até para desnaturar o objecto em vista.

Admittamos por ora sómente a segunda supposição.

Neste caso, a intenção manifesta è modelar quanto possivel as referidas escolas pelas que na Allemanha, e particularmente na Prussia, se denominam « Realschulen », palavra composta, da qual só a segunda parte (significando *escolas*) é de pura origem germanica. Não careço de indicar a procedencia da primeira. Cumpre apenas advertir que este « real », que devemos ao latim, não vêm de *regalis* feito de *rex regis* (rei), e sim de *realis* derivado de *res* (cousa).

Hippeau, na sua obra *L'instruction publique en Allemagne* (pags. 145 e seguintes) expõe de um modo muito interessante a verdadeira origem das « Realschulen ». Ha quasi dous seculos que os povos de raça latina, com a França á sua testa, têm perfeita idéa da necessidade absoluta desses estabelecimentos de ensino: mas só em principios do presente seculo coube aos Germanos a fortuna de resolver praticamente *pela simples iniciativa individual* a grande questão, assentando de uma vez o primeiro modelo de taes escolas!

Realschule é o termo que elles, apezar da riqueza do seu idioma, acharam o mais apropriado para denominarem com extrema concisão a escola onde a mocidade póde aprender *realidades da vida publica*, ou o collegio cujo unico fim *é proporcionar aos seus alumnos uma instrucção scientifica e preparatoria para entrarem nas carreiras de alta esphera, que não exijam estudos em uma Faculdade Academica.*

Involuntariamente, pois, e si não se tratasse senão de descobrir uma expressão curta e adequada, seriamos levados a appellidar semelhantes estabelecimentos «Escolas realistas».

Mas é obvia a impropriedade desta denominação, —sem fallar das modificações que necessariamente terá de soffrer no seu *organismo* o corpo do modelo proposto, quando seja introduzido no nosso paiz. E se aqui adopto aquelle nome, é porque ainda não temos outro melhor, a não querermos empregar sempre o termo allemão.

Portanto, em lugar de nos demorar em questões etymologicas, mais lucraremos indagando de fonte authentica o que verdadeiramente sempre foram e vêm a ser as *Realschulen.*

Para isso o nosso melhor guia é a extensa *Ordenação*prussiana de 6 de Outubro de 1859, que explicou a creação desses estabelecimentos, fundados pelos subditos do reino; que classificou-os definitivamente e, para tolher-lhes os desvarios, regulou a sua cathegoria, o seu plano de ensino, o processo dos respectivos exames e o mais, que, podendo interessar taes escolas, tornava-se conveniente para salvar-lhes a preciosa *integridade.*

Não cabe neste lugar reproduzir por inteiro o importante regulamento administrativo a que me refiro; e ainda que isso fosse possivel, seria preciso descrever, a titulo de esclarecimentos indispensaveis, todo o vasto systema do ensino secundario, de que fazem parte as Realschulen, o que nos obrigaria tambem a recordar o ensino normal primario e secundario da Prussia. Tudo se liga; naquelle systema, não encontrariamos a occasião de darmos, mesmo visualmente,

um unico salto mortal, quer de traz para diante ou de diante para traz.

Entretanto, verterei do original allemão o estirado preambulo ou discurso preliminar, com que foi expedida a citada *ordenação*, ou Decreto, como o denominariamos.

Ahi veremos ao menos o espirito positivo,—ou, se quizerem, *real*,—que presidio á creação das Realschulen; e será sempre um passo dado para fixar bem as nossas idéas.

Eis o discurso:

« Entre os institutos de ensino superior destinados para a cultura do espirito, os Gymnasios são os que possuem uma organisação mais firme, uniforme, e melhor garantida por uma longa experiencia.

« A par dos gymnasios, porém, as escolas realistas (*ou das realidades*) e as escolas burguezas superiores tem adquirido nestes ultimos tempos uma grande importancia para a vida publica e a educação nacional: o que induzio a administração do ensino a pensar em regulamentos proprios para essas escolas.

« Tendo sido ouvido sobre este objecto o parecer das autoridades provinciaes de instrucção publica, e tomadas outras providencias necessarias, expediu-se a presente ordenação.

« No meio do livre desenvolvimento que até agora tem tido as referidas escolas entregues a si proprias, tornou-se facil reconhecer não só as suas necessidades especiaes como tambem para quanto prestavam. Nas disposições concernentes ao respectivo ensino e processo de exames attendeu-se áquellas circumstancias; e, com a adopção de certos principios geraes e solidos, deixou-se a esses estabelecimentos a

---

Antigamente chamavam-se *lyceus*, *pedagogios*, *collegios*, *escolas latinas*, *etc*.

liberdade de desenvolvimento a que pelas suas tradições e variados pontos de contacto com a vida publica têm um direito incontestavel, para poderem continuar a prosperar.

«As *Realschulen* tem por fim proporcionar uma instrucção scientifica e preparatoria para entrar-se nas carreiras de elevada esphera, que não exijão estudos em uma Faculdade Academica. Na organisação dessas escolas não são propriamente as necessidades da vida pratica as que mais se consultam; o seu verdadeiro destino é facultar á mocidade o intellectual desenvolvimento necessario para que possa comprehender espontaneamente, e sem dependencia de estranhos, a natureza das diversas vocações que mais tarde se offerecerem á sua escolha. Não são escolas technicas nem de applicação. Assim como os Gymnasios, as *Realschulen* têm de se occupar em geral na educação e de ministrar noções fundamentaes. Em principio, pois, não existe differença alguma entre umas e as outras; ao contrario completam-se reciprocamente; dividem entre si uma tarefa commum, que é assentar as bases da instrucção superior de que carece o homem para orientar-se nos principaes ramos que apparecem nas diversas profissões liberaes. A divisão tornou-se necessaria em consequencia do desenvolvimento successivo das sciencias e das circumstancias actuaes da vida publica; e nestas condições, as escolas das *realidades* têm progressivamente assumido uma posição identica á dos Gymnasios.

«Para se conseguir o desejado fim, ao passo que nos gymnasios prepondera o estudo das linguas, sobretudo o das duas linguas classicas da antiguidade e em seguida o das mathematicas, nas *Realschulen* voltadas para os interesses mais immediatos da actualidade, dá-se maior importancia aos conhecimentos positivos que comporta a realidade do mundo, bem como ás noções sobre a lingua patria e ás que se

fallam entre as duas nações. modernas mais civilisadas da Europa (o francez e o inglez).

« Mas não sendo a actualidade outra cousa mais po que o resultado do seu proprio desenvolvimento em tempos anteriores, é preciso, para se poder bem comprehendel-a, que as escolas realistas em tudo consultem as tradições historicas.

« E porque quaesquer noções adquiridas não surtem effeito completo, senão baseando-se nos distinctivos da vida religiosa e nacional, cumpre que o ensino religioso e popular seja o que tambem *caracterise* aquellas escolas e as burguezas superiores. Antes de tudo porém são, como os gymnasios, escolas essencialmente allemãas e christãas.

« Só pela maneira por que fôr entendida e resolvida a questão do ensino geral e ethico nos referidos estabelecimentos modernos é que será possivel destruir a supposição erronea de que com elles pretende-se e póde-se preparar os alumnos, mais depressa do que nos Gymnasios, para as carreiras da vida pratica, e proporcionar-lhes noções faceis de serem logo avaliadas; só então é que todos se convencerão tambem de que o melhor meio de aprender e adquirir maior gráu de prestimo, não para a escola, mas para a vida, é precisamente deixar que as forças necessarias aos fins desta ultima, conforme a sua natureza e destino, se desenvolvam por si mesmas e sem dependencia de elementos estranhos.

« A escola serve á vida e attende ás suas exigencias: é o que prova a existencia dos estabelecimentos de ensino realista e a organisação do respectivo plano de estudos. Mas a escola tem de se haver com a mocidade, e não póde querer ministrar-lhe para a sua educação senão a base universal e permanente que as profissões liberaes requerem. Todo e qualquer preparatorio para uma vocação deve ter por fundamento a illustração do espirito e da alma.

« Um dos traços mais caracteristicos do ensino realista é tender ao *objectivismo* e *positivismo*, exigindo para si este dominio privativo. Para que tal ensino prospere pois, é preciso que as respe, ctivas escolas comprehendam bem o ponto em questão e saibam evitar o perigo, que consiste na demasiada attenção tributada ás riquezas materiaes do mundo e no cultivo da sciencia empirica, tendo o cuidado de inculcar nos animos que a verdadeira base de toda e qualquer realidade está na importancia relativa e valor moral das cousas, e que o mundo visivel e material descansa sobre o invisivel e o intellectual.

« E' proprio do honroso destino que Deus marcou ao homem assenhorear-se da terra e sujeitar ao seu dominio as forças da natureza. Por conseguinte, o ensino nessas escolas deve pela sua parte contribuir para que cada nova geração se prepare a corresponder a tal destino, proporcionando-lhe ao mesmo tempo a consciencia do que os fins da vida não consistem sómente nisso, e protegendo-a, por meio do *poder libertador* que lhe offerece uma bem entendida educação, contra a má sujeição moral a que conduziria uma falsa intelligencia daquella grande empresa.

« O que especialmente ambicionam as escolas realistas, é formar e aguçar o juizo dos seus discipulos, tornando-os capazes de bem observar e perceber a natureza das cousas e de reconhecer a lei que as regula em suas variedades; é tratar de conseguir, sobretudo pelas mathematicas e pelas sciencias naturaes bem como pelo desenho, mais do que se propõem os lyceus; é emfim, proporcionar noções mais exactas sobre as circumstancias da actual civilisação.

« E maior ainda será a vantagem que assim obterão as mesmas escolas, se cuidarem em despertar nos seus alumnos o gosto pela sciencia que devem acatar, em fazer com que, além das materias ensinadas,

aprendam elles tambem a discriminar o que dá vida a tudo e serve-lhe de sustentaculo.

«O curso da *Realschule*, para a mór parte dos alumnos que o completam, fecha a porta dos preparatorios scientificos; o Gymnasio, ao contrario, aponta além para a Universidade, onde a maioria dos seus bachareis formados (*Abiturienten*) vai continuar esses preparatorios em vista da sua futura carreira. Donde resulta que o alumno da *Realschule*, antes de se entregar á sua vocação ou de entrar em uma escola de applicação (e precisamente por não ter elle diante de si a Universidade) deve convencer-se do seu proprio interesse em habilitar-se para proseguir *sem dependencia de ninguem* na sua illustração scientifica; por exemplo: o futuro architecto, cultivando a archeologia; o mineiro, a geognosia, etc.

« Este fim, porém, não se alcançará, si a escola proporcionar aos alumnos sómente noções de uso immediato, que não cheguem a formar um conjuncto de verdadeiros conhecimentos scientificos, proprios para darem mais tarde á carreira escolhida uma alta significação.

« Pela mesma razão, quanto mais cedo tiverem as escolas realistas de entregar os seus alumnos ao movimento e ás exigencias da vida publica, maior deverá ser o seu empenho em familiarisal-os com todos os elementos permanentes, indestructiveis no meio de quaesquer vicissitudes, e com a *verdade*, que está acima da *realidade*. Se essas escolas desconhecessem a *verdadeira realidade*, nenhum proveito tiraria dellas a nação; não garantiriam scientifica nem moralmente a cultura do espirito, e serviriam sómente ás tendencias materiaes da época, o que é contrario ao seu destino.

« A escolha das materias de ensino e os fins do mesmo ensino regular-se-hão pelo que nesta Ordenação se indica como tarefa incumbida ás *Realschulen* e serão determinadas, tanto pelas predisposições proprias do espirito humano, como pela relação em

que este entra com Deus, com a humanidade e a natureza. Estas circumstancias constituem igualmente a base geral do plano de estudos para os estabelecimentos realistas de categoria ainda mais elevada.

« A denominação tradicional de *Realschule* será conservada, sem prejuizo de outras usadas em differentes lugares.

« Sempre lembrará a origem dessas escolas, apezar de que com o andar dos tempos tenham cessado de corresponder perfeitamente á idéa primitiva que dellas se fazia, por terem-se modificado muito a sua organisação e o seu destino.»

A' vista de tudo isto, será possivel confundir o ensino technico profissional com o que se dá em vista de illustrar o espirito do homem, na *previsão* de qualquer carreira illustrada que elle queira abraçar? Ainda mais: devemos nós encarar a educação nacional como o proseguimento do fatal systema de repartir um povo inteiro em quatro ou cinco classes, ou castas representando outras tantas carreiras bem separadas e bem distinctas! ?—Para isso servem as escolas puramente technicas.

. . . .

. . . .

O acto administrativo de que se trata nada creou, nada fundou em execução de uma *lei escripta* (que não existe): achou quasi tudo feito, estabelecido e desenvolvido por uma força espontanea e productiva, cuja origem teriamos de procurar remontando até á instituição do ensino obrigatorio. Não se fez mais do que *coordenar* e regular um estado de cousas observado na pratica.

Desde que a todas as intelligencias fôra imposta a obrigação de se illustrarem, a alguem—ao governo ou á sociedade constituida—incumbia o dever de abrir-lhes um vasto campo de bem entendidas explorações no dominio da sciencia positiva, porque essa massa de espiritos cultivados não podia ficar toda condemnada a um eterno proletariato.

Foi a sociedade previamente *educada* e representada nas suas aspirações pela escola, quem se encarregou de tão grande tarefa, dizendo á escola: Ahi tendes um povo inteiro obrigado a saber; extenso a perder de vista é o dominio do commercio, da lavoura, das industrias, e de uma infinidade de artes e officios que exigem altos conhecimentos especiaes: o gymnasio ou lyceu classico só por si não póde dar razão de tantas cousas uteis.

Bastou esta indicação para que a intelligente escola livre comprehendesse o alcance do seu novo encargo.

E assim nasceram as *Realschulen.*

Talvez a principio não fôssem senão variedades do gymnasio.

Pouco a pouco, porém, foi se destacando e definindo melhor a sua configuração, até que puzessem *casa á parte*. Então pricipiarão a competir seriamente com os lyceus classicos, pretenderão e adquiriram direitos e regalias iguaes, dividindo ambos os estabelecimentos entre si «uma tarefa commum, completando-se reciprocamente, etc.», até ao ponto de bifurcação, onde os alumnos das Realschulen entravão em cheio na vida publica, quer abraçando logo uma profissão liberal, ou demorando-se nas escolas technicas; e os dos lyceus de seu lado «seguião além

para a Universidade cujo caminho lhes era apontado pela tradição.»

No meu humilde entender, é por ora desnecessario entrar nas minuciosidades do regulamento interno feito para uma *casa* com que entre nós nada se parece.

Antes de tudo, cumpre-nos possuir uma idéa clara do objecto em vista. Hippeau, posto que muito escasso nos seus esclarecimentos sobre as «Realschulen», que denomina *escolas usuaes* (?), e outros escriptores francezes de grande nota, têm ministrado sufficientes dados sobre as condições e o regimen didactico e disciplinar desses estabelecimentos de ensino, bem como sobre os direitos e destinos dos bachareis nelles formados. Tambem nada lucrariamos sabendo desde já o que são *escolas combinadas* (gymnasiaes e realistas ao mesmo tempo) *escolas burguezas inferiores*, etc., subdivisões de um só e mesmo systema, que tende a satisfazer a quaesquer aspirações no dominio realista, modestas ou altas, completas ou incompletas, sem nunca ficar, quem quer que seja, clausurado em um circulo de ferro intransitavel.

Consequentemente, visto existirem os dados a que acima me refiro, limitar-me-hei a apresentar aqui dous quadros, copiados de fonte original, mostrando os programmas das materias respectivamente ensinadas em um Gymnasio e em uma Realschule de primeira ordem.

(N. B. Os algarismos romanos no alto de cada um dos quadros indicam as classes; e os arabes, o numero de horas de lição que se dão por semana em cada materia).

PROGRAMMA DE GYMNASIO

	VI	V	IV	III	II	I
Religião	3	3	2	2	2	2
Allemão	2	2	2	2	2	3
Latim	10	10	10	10	10	8
Grego	..	..	6	6	6	6
Francez	..	3	2	2	2	2
Historia e geographia	2	2	3	3	3	3
Mathematicas e calculo	4	3	3	3	4	4
Physica	..	..	..	..	1	2
Noções sobre historia natural	2	2	..	2	..	..
Desenho	2	2	2	..	..	..
Escripta	3	3	..	..	..	..
Total de horas por semana	28	30	30	30	30	30

PROGRAMMA DE UMA REALSCHULE DE 1ª ORDEM

	VI	V	IV	III	II	I
Religião	3	3	2	2	2	2
Allemão	4	4	3	3	3	3
Latim	8	6	6	5	4	3
Francez	..	5	5	4	4	4
Inglez	..	..	..	4	3	3
Geographia e historia	3	3	4	4	3	3
Sciencias naturaes	2	2	2	2	6	6
Mathematicas e calculo	5	4	6	6	5	5
Escripta	3	2	2	..	..	..
Desenho	2	2	2	2	2	3
Total de horas por semana	30	31	32	32	32	32

Na conta das classes segue-se, ao contrario do que entre nós se observa, o systema francez: a classe sóbe em razão inversa da numeração. sendo a 6ª a mais baixa, e a 1ª a ultima superior.

A' primeira vista, parece ser pequena a differença entre ambos os programmas.

Igual é o numero das classes. Quanto ás materias, eliminou-se da Realschule o grego, e o que no Gymnasio se ensina a titulo de «Noções sobre historia natural» passa a dar-se naquella como «Sciencias naturaes.»

Entretanto, compare-se o numero de horas consagrado em uma e em outra escola ao estudo do latim: salta logo aos olhos a differença da importancia que ambas lhe dão.

O mesmo acontece com o allemão, lingua nacional, o francez, o inglez, e sobretudo, como o desenho. Nas mathematicas a divergencia é menos sensivel; em religião, é nenhuma.

A differença capital está no ensino das sciencias naturaes: no Gymnasio, aprende-se physica sómente nas duas ultimas classes superiores, e noções de historia natural, em uma ou outra classe inferior; na Realschule, tudo isto está comprehendido entre aquellas sciencias, que constituem o *forte* da 2ª e 1ª classes.

Nesta ultima escola o total das horas semanaes é tambem maior.

Pelo que diz respeito á duração do curso completo, consta do decreto prussiano de 1859 que é de nove annos, como a do ensino gymnasial.

Com estes dados preliminares, vejamos agora *como é que se ensinam* as materias indicadas no programma da Realschule. Nisso, mais do que em tudo, resalta o genio magistral dos allemães e a plena comprehensão que elles têm adquirido do objecto vertente.

Desta parte não se descuidou o citado decreto; e a sua «Conclusão» é um documento de subido valor. Ahi notam-se alguns principios applicaveis ao ensino em *qualquer* estabelecimento do gráu secundario; e por isso, vou transcrevel-a destacando-a das disposições propriamente regulamentares. Contém o *espirito* que preside á instituição e *dá-lhe vitalidade*.

Sómente em alguns lugares resumirei a exposição original, depurando-a das extensas generalisações, a que os allemães são tão affeitos, mas que para nós poderiam prejudicar a clareza do assumpto.

CONCLUSÃO DO DECRETO ACIMA TRANSCRIPTO

Pelas disposições da presente *Ordenação* ficárão classificados os estabelecimentos de ensino *realista* e reguladas as suas circumstancias, sendo-lhes assignado entre as creações organicas da instrucção publica um lugar correspondente á sua importancia, *sem que com isso fosse tolhido o seu ulterior desenvolvimento livre em qualquer sentido.*

Para que taes estabelecimentos possam occupar dignamente esse lugar, corresponder ao interesse que se manifesta por elles e tornar ainda maior a disposição que todos mostram de reconhecer a sua grande utilidade, cumpre que os esforços dos interessados tendão sempre a realçar a idéa que serve de base a essas escolas; e com este fim, é preciso que no cumprimento das presentes instrucções se proceda exactamente de conformidade com os principios aqui assentados.

Em conclusão, pede-se toda a attenção para as seguintes observações:

A formação das Realschulen é devida principalmente aos grandes progressos que nos tempos modernos tem feito as sciencias naturaes e ás chamadas *disciplinas reaes*, ou positivas.

Porém o numero e vastidão das respectivas materias expõem essas escolas a um sério perigo, se não se fizer uma boa escolha correspondente aos fins que se tem em vista, e não fôrem as materias tratadas como o devem ser; em uma palavra, *se a instrucção fizer esquecer a educação, e o alumno ao homem.*

Neste caso, terão razão aquelles que se queixão de ser a mocidade sobrecarregada com materias disciplinares, e sustentão que com isso a capacidade intellectual, em vez de desenvolver-se fica opprimida, paralysada, e desfaz-se em tiras.

Portanto, grande prejuizo provirá á Realschule que cançar o espirito, aliás tão accessivel dos meninos, com a diversidade de materias, quando a sua tarefa consiste principalmente em procurar abrir-lhes a intelligencia á proporção que lhes fôr ministrando variados conhecimentos e habilitando-os para fazerem livre uso do que houverem aprendido.

E' preciso que toda a congregação dos professores da mesma escola possuão idéa clara dos fins propostos; e para isso é-lhes necessaria muito abnegação: devem ter plena consciencia do valor inherente ao objecto tratado, e subordinar áquelles fins ás suas tendencias pessoaes.

O numero das materias escolhidas não póde ser mais limitado do que já é; mas cumpre «reconcentral-as», isto é, diminuir a esphera de cada uma, «concatenal-as» todas *quasi até ao vivo*, e estabelecer entre ellas uma judiciosa successão regulada pelas leis da Pedagogia. O melhor meio de aprofundar qualquer materia, e tornar-se o individuo senhor della, é restringir-lhe as proporções, pelo principio de que *quanto mais abundante é a semente lançada, menor é a colheita.*

Entretanto, este processo não prejudicará as tendencias daquelles que com afan queiram dedicar-se a activas explorações no dominio da pura sciencia e das artes technicas: pelo contrario, na maioria dos alumnos despertará um interesse e gosto mais persistentes por ellas: o que não se consegue com a accumulação de materias e lições muito detalhadas e diffusas, só proprias para embotarem o entendimento e produzirem um «saber inerte.»

A Realschule que não seguir esta regra, perderá seu tempo, visto que o seu fito deve ser: «proporcionar conhecimentos de facil applicação, isto é, *converter o saber em poder.*» Tal é a parte essencial do ensino das *realidades scientificas.*

Por exemplo:

Si de um lado restringe-se o circulo das noções sobre litteratura historica, e de outro lado requer-se que o alumno adquira pela escolha das suas *leituras privadas* uma boa somma de conhecimentos attinentes a este objecto, tem-se com isto em vista preserval-o «da sciencia encyclopedica, que para nada serve», e de uma vã *sabichonaria.*

Para este mal muito contribuem as chrestomathias, destinadas sómente a entreter o espirito e a prendel-o por certos lados interessantes mediante fragmentos selectos sem nexo algum.

O professor se absterá de querer communicar ao alumno a sua predilecção e interesse por certos estudos especiaes,—posto que isto em parte corresponda ao interesse que no alumno se deve despertar. A attenção que á pedagogia merece o objecto leccionado, o estado de cultura de cada alumno e os deveres incumbidos á respectiva classe, impõem ao professor limites que em semelhante procedimento não deve ultrapassar, «para não estorvar a *unidade* do ensino nem ir de encontro aos fins propostos.»

Póde certamente, com a illustração e o criterio de que fôr dotado, abrir ao espirito do alumno horizontes extranhos á tarefa marcada e mesmo á esphera

escolar, na intenção de mostrar-lhe idealmente os altos destinos que o esperam; porém, nunca deve perder de vista que o seu encargo é sobretudo acostumar os discipulos a applicarem-se seriamente aos primeiros exercicios simples, preludios de outros de maior alcance, preparando-os assim para a solução das difficeis questões que exijão prestimo e habilidade.

A's vezes dá-se uma grande desproporção entre o objecto leccionado e os conhecimentos elementares possuidos pelos alumnos, ou por faltar-lhes sufficiente dom de comprehensão, ou por não saberem bem pensar nem se expressar verbalmente ou por escripto. Para fazer desapparecer essa desproporção cumpre lançar solidos alicerces em vista do futuro edificio scientifico, cumpre *segurar* bem as noções elementares, não se principiando muito cedo o estudo de qualquer materia, e não acabando com nenhuma sem que o fim corresponda ao principio.

E' indispensavel que a *unidade* do plano de estudos possa deduzir-se das relações de afinidade em que estão as materias umas com as outras. O proprio alumno reconhecerá logo a connexão dellas, si, por exemplo, as lições de historia forem acompanhadas da leitura historica em latim e outras linguas; si no estudo da geographia attender-se simultaneamente a factos historicos e á historia natural; si ao ensino do allemão servirem de materias auxiliares a mesma historia universal, a religião e tudo o mais que fórma o campo de observações traçado para o alumno; finalmente, si a este mostrar-se nas lições de grammatica de todas as linguas a concordancia de principios e regras fundamentaes que se nota entre ellas, e nas de mathematicas, as noções que se exigem para o desenho e a historia natural.

Não se aproveitando, não se fazendo sobresahir essa connexão de materias, cada uma ficará isolada, e aquillo que deveria formar parte de um todo, tomará o caracter de uma disciplina especial e independente; e se entre os professores não houver

algum accordo, afim de que p. ex.: o professor que leccionar sobre historia do Velho e Novo Testamento não exponha principios oppostos ao do mestre de religião, tornar-se-ha o plano de estudos, um aggregado de materias sem nexo algum e perderá a parte a mais essencial dos seus effeitos conforme as regras da pedagogia.

Para isso, e para cada um saber como terá de proceder, serão instituidas conferencias regulares em certos e determinados prazos entre os professores das diversas especialidades.

Importancia igual á da connexão de materias e do accordo entre os professores, dá-se á maneira por que os mesmos professores se succedem uns aos outros á medida que sóbe a classe.

Deve-se considerar a materia anteriormente estudada como um objecto de posse segura para a classe mais elevada, aproveital-a por variados meios de applicação, e repetil-a em occasiões oppurtunas.

Se os differentes mestres que leccionarem sobre a mesma materia, porém em classes successivas, nada quizerem saber uns dos outros, póde dar-se o caso de ser preciso principiar tudo de novo e muitas vezes,—acontecendo por exemplo que em grammatica uma theoria sobre a syntaxe tenha de ser supprimida por outra,

Para obstar a semelhantes inconvenientes, devese procurar combinar o systema das *especialidades* com o das *classes*. O primeiro prevalecerá nas classes superiores, por fórma tal que na 3ª, 2ª e 1ª seja um só professor incumbido de todas as lições sobre religião; outro, de todo ensino das mathematicas; um terceiro, do francez; e o quarto, do inglez, — o que nas linguas modernas muito contribue para acostumar os alumnos a uma boa pronuncia.

A questão de saber-se até que ponto se deva estudar uma e a mesma materia, successivamente durante muitas horas ou por espaço de algumas

semanas com accrescimo de horas, antes de outras materias e alternal-a por igual fórma com outras (por exemplo com a leitura dos prosadores e dos poetas), depende da organisação especial de cada um dos estabelecimentos, e fica entregue á decisão dos respectivos directores, quando a isso não se opponhão razões ponderosas. A mocidade por sua natureza gosta das mutações rapidas; mas é preciso evitar que dahi se origine para o alumno a incapacidade de applicar-se por muito tempo ao mesmo objecto e de familiarisar-se com elle. Por isso, tem-se a continuidade das lições por um dos principaes requisitos na organisação de qualquer plano de estudo.

O Methodo de ensino não se presta para ser objecto de quaesquer prescripções, por que só produz effeito quando constitue uma das qualidades pessoaes do professor; e tambem porque, se depende da natureza do objecto ensinado, está subordinado ao progresso scientifico do magisterio.

A respeito de processos methodicos, os gymnasios têm a sua praxe antiga e consagrada pelo tempo. O mesmo não acontece com as Realschulen: ahi a praxe ainda está por se fundar; mas é preciso que nisso se attenda muito ás condições peculiares dessas escolas, que procedem por inducções (*inductive Charakter*), e portanto, exigem que seja convenientemente limitado o methodo synthetico. Partir das especialidades para as generalidades é o systema que mais se conforma com o espirito da mocidade e melhor corresponde ao proprio desenvolvimento das sciencias positivas. O inverso, isto é, partir da lei que rege para chegar ao phenomeno regido, é um methodo cujo emprego não póde ser proveitoso senão quando o mestre é dotado de muito talento. Mas não são os talentos, são as capacidades medianas que regulam a marcha do ensino.

O ensino « individualisado » — o que se dá a

cada alumuo separadamente — é sempre o melhor. Ás vezes é defficultado pelo numero excessivo de alumnos que frequenta as classes inferiores e medias da Realchule. Dahi resulta um procedimento, para assim dizer, mecanico, com que abusivamente exige-se muito esforço de memoria, até chegar-se ás classes superiores.

Nem isso merece o nome de methodo, porquanto, em vez de bem se aproveitarem os elementos de sciencia mais proprios para formar o espirito, habituando os alumnos a trazerem o seu contingente para os desenvolvimentos da materia ensinada, dá-se maior importancia ao systema de decorar factos e theorias; e assim não é raro vêr mesmo na 2ª e 1ª classe *rememorarem-se* somente pontos scientificos, sem se cuidar em entreter o dom de combinar idéas, o que impossibilita ao alumno de assenhorear-se perfeitamente das materias. »

Se muito se faz sentir no Brasil a necessidade de Realschulen bem montadas, de outro lado, attendendo ao alcance das prescripções acima, julgo que ainda mais urgente é a de boas escolas normaes, onde se formem os profissionaes que tiverem de reger as Realschulen, sem o que estas nunca serão estabelecimentos com probabilidade de longa vida.

Tudo porém não consiste em ter-se consciencia do quanto são importantes todos os ramos das sciencias naturaes, a cuja propagação principalmente se destinão esses estabelecimentos: cumpre tambem e principalmente, sabermos com exactidão como devem elles ser ensinados e aprendidos, e qual a maneira de formar profissionaes habilitados.

O que a tal respeito procurassemos nos seria offerecido, segundo creio, em larga escala pelo «Plano de estudos da Academia de Munster» capital da provincia de Westphalia.

Esta Academia era antigamente uma *Universidade* completa pertencente á religião catholica. Como tal, foi supprimida em 1818 pelo governo; conservou porem seus fóros universitarios, sendo o respectivo patrimonio dividido pelo estabelecimento que é hoje Academia, pelo seminario dos padres, e pelos Gymnasios da mesma capital e de Paderborn.

Actualmente compõe-se sómente de duas faculdades: uma de Theologia Catholica e a outra de Philosophia.

Esta ultima como todas de igual nome, abrange as seguintes materias: philosophia, mathematicas, *sciencias naturaes*—comprehendendo chimica, physica, mineralogia, geologia, zoologia e botanica; historia, geographia e chronologia; philologia—comprehendendo philologia classica, lingua e litteratura allemã, linguas modernas, linguas orientaes; e finalmente bellas-artes, classificando-se sob esta ultima denominação a esthetica, rhetorica e historia da arte.

O plano de estudos a que alludo foi redigido em 1866 pelo corpo docente da mesma faculdade de philosophia, em attenção ás immensas difficuldades que os estudantes encontravão no meio da vasta extensão de cada uma das supracitadas materias, e de outras intimamente ligadas com estas. O que se pretendia era determinar, não de modo imperativo, mas a titulo de *bons conselhos* offerecidos aos mesmos estudantes, certas regras sobre a melhor maneira de encarreirar os seus estudos, estabelecendo para as materias uma ordem successiva indicada no dito plano.

Desse interessante documento extrahi a parte « sciencias naturaes » que em seguida transcrevo textualmente.

Julgo que a sua publicidade não será tida por inutil nas nossas circumstancias actuaes, porque as prescripções contidas nesse documento germanico não deixarão de offerecer alguns pontos de apoio áquelles que tencionarem entregar-se ao estudo sério das sciencias naturaes ensinadas por qualquer fórma que seja.

TRADUCÇÃO DE UMA PARTE DO PLANO DE ESTUDOS DA ACADEMIA DE MUNSTER.

Sciencias naturaes.—O estudo das sciencias naturaes, no estado de desenvolvimento a que tem chegado, offerece áquelles que principião a cultival-o difficuldades de um caracter peculiar, devidas á vasta extensão e natureza das respectivas materias.

Tradicionalmente dividem-se estas em cinco principaes, a saber: zoologia, botanica, mineralogia, e geognosia, chimica, physica, das quaes as tres primeiras abrangem os conhecimentos que possuimos sobre os animaes, as plantas, os mineraes e diversas qualidades de rochas, em quanto que as duas ultimas, cujo objecto tem uma applicação mais generalisada, apresentão o resultado dos estudos até hoje feitos sobre a conformação da materia em geral, a composição e as alterações dos corpos.

Comtudo, esta divisão não é muito rigorosa, nem as materias se achão de todo separadas; pelo contrario, o dominio de umas entra de differentes maneiras pelo das outras; cada uma nos mostra a necessidade de utilisar mais ou menos os resultados alcançados pelo estudo da outra. Assim, por exemplo, a geognosia, tendo de ensinar a conhecer a estru-

ctura, a fórma, a extensão das massas mineraes de que se compõe o globo terrestre, bem como a organisação dos restos que nessas massas nos ficarão da Fauna e Flora extinctas, presuppõe a existencia de conhecimentos de zoologia e botanica.

Nos tres primeiros ramos acima mencionados (zoologia, botanica e mineralogia) toma-se em maior ou menor consideração o resultado das experiencias e leis estabelecidas pela chimica e physica sobre os corpos em geral. O mineralogista procura descobrir a composição dos mineraes, e explica as suas propriedades physicas.

O geognosta, estudando a formação dos mineraes, applica-se a descriminar a influencia que sobre as suas partes componentes exercem a agua, a atmosphera, o calor; e com isso ganha preciosissimos pontos de apoio. A' medida que progride a physiologia das plantas e dos animaes, vão-se tornando cada vez mais importantes para esta materia os resultados da chimica e physica.

Finalmente, estas duas sciencias achão-se actualmente tão fundidas uma na outra, que tornou-se impossivel demarcar limites entre os respectivos dominios.

A maior parte dos estudantes da academia (de Münster) que se occupão em sciencias naturaes, pretendendo mais tarde ensinal-as nas escolas de ensino secundario, traz as noções, que a tal respeito possue, dos gymnasios, em cujo plano de ensino representão áquellas sciencias um papel mui secundario (1). Portanto, não ha materia em que esses estudantes estejão menos preparados para entrarem na mesma academia, e em que ao mesmo tempo haja maior necessidade de bem aproveitar-se o curto tempo que durão os estudos academicos.

---

(1) O que já não acontece nas *Realschulen*. Vide acima o respectivo programma.

(N. do trad.)

As noções preliminares que os diversos ramos da sciencia natural exigem de quem principia a estudal-a, são de varias especies. Para poder-se comprehender os resultados que se queira obter em qualquer parte da physica, é indispensavel o conhecimento dos processos que formão as bases da geometria analytica e do calculo differencial e integral. Quanto ao estudo da chimica ao contrario, no ponto de desenvolvimento a que tem chegado, não são necessarias semelhantes noções mathematicas, porque as partes circumstanciaes daquella sciencia já são conhecidas de qualquer alumno que haja satisfeito as exigencias de exame de *abiturientes*—(isto, é, os que sahem formados de uma escola de ensino secundario)—na materia das mathematicas.

Igualmente, para o estudo das tres outras materias, exceptuando-se apenas a *crystalographia* em que se faz applicação da trigonometria espherica e dos elementos da geometria analytica, não são precisas as referidas noções mathematicas.

Estas ultimas, assim como a connexão em que estão os diversos ramos das sciencias naturaes uns com os outros, constituem essencialmente a ordem de successão que aos principiantes mais convem observar no estudo dessas sciencias.

Ora, sendo mais ou menos indispensaveis, para melhor intelligencia de cada ramo, os conhecimentos relativos á composição dos corpos, é conveniente principiar o estudo das sciencias naturaes no primeiro semestre do anno lectivo pela chimica experimental em geral. As partes circumstanciaes da physica, que acompanhão os prolegomenos da chimica, já apparecem até certo ponto no ensino secundario (*gymnasial*), e por isso carecem apenas de algumas explicações, quanto bastem para o objecto que se tem em vista.

A's prelecções de chimica ligar-se-hão por ordem de successão as que versarem sobre botanica geral, zoologia geral e mineralogia.

Visto terem os estudantes de se applicar simultaneamente ás mathematicas, cumpre que a par das lições de botanica, etc., convenientemente distribuidas pelos tres primeiros semestres, andará o importante estudo das mathematicas superiores. Durante esse tempo, *dar-se-hão* geometria analytica, e calculo differencial e integral tanto quanto seja necessario para se poderem começar no quarto semestre as exposições sobre physica.

Por esta fórma, o estudante chegará á convicção de que, embora seja preciso adquirir uma idéa geral do inteiro dominio das sciencias naturaes, todavia é impossivel a um só homem estudar com a mesma applicação todos os seus ramos, attento o estado de aperfeiçoamento em que se achão. Sem nunca perder de vista a sua formatura para o futuro cargo de professor, mais depressa se decidirá a limitar a sua esphera de estudos, por isso mesmo que são insufficientes todas as prelecções e leituras de compendios em qualquer ramo. Se não quizer contentar-se com superficialidades, nem renunciar á independencia dos juizos proprios, deverá elle mesmo proceder a observações e a experiencias com ellas, e procurar alguma cousa que o oriente. Conforme as disposições e gosto de cada um, alguns dos estudantes se sentirão mais inclinados ao estudo da physica e chimica, outros dedicarão maior interesse aos ramos descriptivos. Portanto, no que abaixo se segue temos de considerar estas diversas tendencias:

Para fazerem-se maiores progressos na chimica, são indespensaveis os trabalhos de laboratorio. Só ahi é que se tornão perfeitamente intelligiveis os objectos tratados na aula de prelecções, especialmente os processos de indagações chimicas. Desperta-se e apérfeiçoa-se o gosto pelas observações; o candidato aprende então a proceder nos seus trabalhos com aquelle cuidado, aquella exactidão e habilidade, sem a qual não é possivel conseguir resultado algum nas sciencias experimentaes. Procedendo a

qualquer experiencia, vê para quanto lhe servem os seus conhecimentos e juizo prudencial, e assim chega progressivamente pelo modo o mais facil e agradavel a ter consciencia de si e a *dominar* o rico material que possue.

A analyse qualitativa e quantitativa, as bases da chimica hodierna raras vezes ainda se tratão por meio de prelecções; é praticamente, e logo com exemplos, que se dá esse ensino. Nenhum outro ramo das sciencias naturaes se presta tanto como a chimica a esperiencias, nem é mais proprio para occupar simultaneamente, com poucos meios e por tanto tempo, a muitos alumnos.

Com razão, pois, considera-se hoje o laboratorio chimico como a escola preparatoria de todas e quaesquer indagações experimentaes, e dahi tem sahido a maioria dos jovens naturalistas que a ellas se dedicão. Só depois de ter adquirido experiencia pratica, é que o estudante poderá ouvir com interesse as prelecções sobre chimica organica, tirar dellas todo o proveito, e attender ás grandes complicações da materia trazidas por estes ultimos decennios passados.

Quanto ao estudo da physica, a sua esphera tem-se alargado tanto, que é impossivel tratar de todos os ramos desta sciencia em um só semestre. Ou hão de se empregar dous semestres nas respectivas prelecções, ou deverãõ algumas partes ser tratadas separadamente. Entre a physica e as mathematicas existem as mais intimas relações de serviço reciproco; em quanto que as mathematicas ajudão muito as mais profundas indagações sobre os phenomenos da natureza, as experiencias physicas de seu lado, impressionando o espirito de quem as estuda tem dado por varios modos lugar á descoberta e ao aperfeiçoamento de certos processos, quando se trata daquella outra sciencia. Para os problemas mathematicos a physica, no estado de adiantamento em que se acha, a par da geome-

tria, é o terreno o mais proprio onde o estudante possa ficar senhor do espirito que regula a marcha das altas mathematicas.

Por ser muito elevado o custo dos apparelhos e instrumentos de physica, não se póde confiar as respectivas experiencias senão áquelles que já tenhão adquirido habilitações de certo grão nos laboratorios de chimica. Além disso, essas experiencias requerem muito criterio e saber mathematico; por isso, deve-se principial-as sómente no ultimo semestre.

Os estudantes que preferirem entregar-se ás sciencias naturaes descriptivas e já houverem aprendido nos primeiros semestres os elementos da mineralogia, botanica e zoologia, podem nos semestres posteriores dedicar-se ao estudo de algumas partes destas ultimas disciplinas.

O candidato que possuir os necessarios conhecimentos elementares de trigonometria espherica e geometria analytica, está habilitado para se occupar especialmente, por exemplo, da *crystalographia*, da geognosia, ou paleontologia. Simultaneamente, com as lições theoricas sobre taes materias, proceder-se-ha a *exercicios praticos no Museu, aos quaes se acrescentarão excursões geognosiacas, tanto quanto a isso se prestarem as circumstancias deste lugar* (2).

---

(2) Esse *lugar* é o departamento prussiano de Münster, provincia de Westphalia, onde se acha estabelecida a Academia, para a qual se organisou o plano de estudos de que ora trato. Sublinhei as palavras acima para fazer observar o partido que os nossos estudantes de sciencias naturaes poderião tirar, não só do Museu Nacional, como das mencionadas «excursões» na nossa terra, que tanto «se presta a proveitosos estudos de geognosia!»

(N. do trad.)

Pela mesma fórma, destinão-se os semestres posteriores para o ensino de algumas das partes da zoologia e botanica. Ao da primeira precederá, antes de tudo, um perfeito conhecimento da estructura anatomica do corpo humano, para servir de base a quaesquer estudos ulteriores mais complotos neste ramo. A isto seguir-se-hão a anatomia comparada e a physiologia, assim como o estudo especial de certas classes e ordens, por exemplo: da *Mastoloogia*, Ornithologia, Entomologia, etc.

Quanto á botanica, estão em 1° lugar a anatomia e physiologia das plantas, inclusive a historia dos seus desenvolvimentos, vindo depois o estudo mais apurado da « arte de systematisar » (*systematik*), e das partes especiaes daquella sciencia.

Fica entendido que tambem nestes ramos, a par das prelecções ouvidas nas respectivas aulas, devem os estudantes tomar parte assidua nos exercicios praticos e nas excursões instituidas. Só depois de adquiridas as noções acima indicadas, é que poderão passar para a historia da sciencia e a doutrina relativa ao estado de dispersão em que se achão os animaes e as plantas pelas differentes regiões do globo terrestre—(o que os allemães chamão *dispersão geographica*),—se os mesmos estudantes quizerem tirar bons resultados dos seus estudos.

Até ahi chega o plano de estudos da Academia de Münster, relativamente ás sciencias naturaes. No mesmo estylo, e com as mesmas intenções, expuzerão os seus autores o modo que mais adequado lhes parecia de aprender philosophia, peda-

gogia, mathematicas, historia, etc., isto é, nada impondo aos estudantes, porém, deixando tudo esclarecido para que elles possão por si proprios escolher o melhor caminho a trilhar no estudo de cada uma destas sciencias.

RESUMO E CONCLUSÃO

PELO AUTOR DESTE FOLHETO

Simples compilador e interprete liuguistico de escriptos, devidos á penna de illustres profissionaes e á Administração publica a mais esclarecida do mundo em assumptos de ensino popular, cabe-me apenas o merito de têl-os *encontrado,* já promptos e admiravelmente combinados para fazerem por si mesmos sobresahir a verdade do seguinte principio fundamental, e incontestado em toda a Allemanha, sem embargo da reinante divergencia de opiniões autorisadas em outros pontos da didactica popular:

Antes de levar a INSTRUCÇÃO PUBLICA á altura que exigem as necessidades da epoca, cumpre cuidar esmeradamente da EDUCAÇÃO NACIONAL, sobretudo da educação *moral, religiosa, politica e civica* dos futuros mestres da mocidade.

São duas partes bem distinctas, que mais tarde devem se auxiliar reciprocamente.

Feliz a nação que já tem chegado ao estado de poder adiantar *a par* um do outro ambos os factores, depois de ter rigorosamente observado aquella

a fundo no exame de todas as questões do dia, principalmente para realçar, com palavras suas e de outras boas autoridades por elle citadas, todo o valor do elemento *educativo*. E se discute a questão material—*Internatos ou externatos?*—, inclinando-se antes a favor destes ultimos, é porque nas escolas normaes constituidas em externatos vê um conjuncto de melhores condições para a completa educação moral dos alumnos-mestres.

Stoy e Seyffarth são, pois, dous vigorosos athletas, que pugnão por differentes fórmas no mesmo terreno das liberdades do ensino intellectual.

Mas, decididamente o governo Prussiano não se resolve a abrir mão das « prescripções officiaes » para o gráu *primario*. Entretanto, cede em parte, e cedeu muito, descobrindo aos profissionaes largos horisontes que tinha fechados desde 1854, como o vêmos pela reforma que trouxe ás escolas normaes o seu Regulamento de 15 de Outubro de 1872.— Quem ousaria censural-o por esse acto?!

Neste mesmo intervallo de 18 annos, a par de taes resultados, em que objecto mais se cuidava na Allemanha?

Em regularisar e aperfeiçoar as *Realschulen*— escolas das « realidades scientificas ».—

Para este fim, expedio o governo da Prussia o seu Decreto de 6 de Outubro de 1859, transcripto na presente publicação.

Tratava-se de classificar estabelecimentos nascidos espontaneamente de uma força de expansão só inherente ao ensino publico praticado entre aquelles povos, e de regularisar as suas circumstancias, attendendo-se « aos grandes progressos que

« nos tempos modernos tinhão feito AS SCIENCIAS « NATURAES e as chamadas *disciplinas reaes.* »

Necessariamente, devia esta suprema consideração induzir-me a vulgarisar aqui (pag. 220) outro documento que, não menos do que os precedentes, solicita em alto grau a attenção do nosso publico illustrado, a saber, o *Plano de estudos da Academia de Munster* do anno de 1866 para as sciencias naturaes. Contém, não novidades para os profissionaes mui distinctos que entre nós já leccionão sobre esta materia, mas, segundo me parece, alguns pontos de apoio dignos da sua consideração.

Com estas resumidas observações, só tenho em vista definir a tal ou qual ligação que existe entre os diversos documentos aqui vertidos em lingua vernacula, sem que todavia se possa desde logo deduzil-a da sua simples leitura; e assim julgo recommendal-os melhor á apreciação daquelles d'entre os nossos compatriotas que dirigindo os destinos do paiz, se interessão especialmente pelos seus progressos moraes, cuja marcha, como perfeitamente o sabem, deve sempre acompanhar *pari passu* a dos adiantamentos materiaes e technico-scientificos.

É o unico meio que d'ora em diante tem as nações de se engrandecerem.

FIM

ERRATA

Pags.	Linhs.	Em lugar de:	Lêa-se:
40	9	vintes	vinte
43	12	recorrer aos	lançar mão dos
50	14	Intercalando-as	Intercalando.
69	18	(*)	(signal nullo)
107	18	musisa	musica
133	13	conforme	e conforme
134	27	em vista da	em vista a
158	28	os de	os estabelecimentos de





